



# REVISTA DO CLUBE NAVAL

ISSN 0102-0382 • ANO 127 • Nº 389 • JAN/FEV/MAR • 2019

31 DE MARÇO  
**1964**

**HÁ 55 ANOS  
RESSURGIA A  
DEMOCRACIA**



# 27º SALÃO DO MAR

Clube Naval

3 a 24  
de maio

SEGUNDA A SEXTA

das 14h às 18h

salões Nobre e Vermelho  
do Clube Naval

*Venha apreciar  
grandes obras  
de artistas  
inspirados e  
apaixonados  
pelo mar!*

**EXPOSIÇÃO ABERTA AO PÚBLICO**

# Nesta edição:

## PALAVRA DO PRESIDENTE

- 2 • TÍTULO • V Alte (Ref) Rui da Fonseca Elia.

## EDITORIAL

- 3 • 1964 • CF (Ref-IM) Osmar Boavista da Cunha Junior.

## EM PAUTA

- 4 • Notas sobre acontecimentos na Sede Social.

## POLÍTICA

- 6 • O RENASCIMENTO DA ESPERANÇA NO BRASIL 2019 • V Alte (Ref) Sergio Tasso Vásquez de Aquino.
- 8 • O GOVERNO DO PRESIDENTE MARECHAL CASTELO BRANCO • Aldir Luiz Rangel Sepúlveda.
- 10 • O COMBATE À CORRUPÇÃO INSTITUCIONALIZADA E A DEMONIZAÇÃO DA POLÍTICA • Reis Friede.

## GRUPOS DE INTERESSE

- 11 • ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS • UMA REFLEXÃO • GEDA – Grupo de Estudo do Desenvolvimento da Administração.

## DIREITO

- 14 • FUNDO ESPECIAL DE FINANCIAMENTO DE CAMPANHA: UMA VERBA DESNECESSÁRIA • CMG (RM1-FN) Carlos Antônio Raposo de Vasconcellos.
- 16 • MANDADO DE INJUNÇÃO • V Alte (Ref-EN) Renato Vilhena de Araujo.

## TRANSPORTE

- 18 • VULNERABILIDADE NACIONAL • Vitor Pires Vencovsky.

## DEFESA

- 20 • A DEFESA COMO INDUTORA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO • C Alte (IM) Luiz Carlos Faria Vieira.

## MARINHA DO BRASIL

- 22 • APRIMORANDO A GESTÃO DA FEMAR • CMG (RM1-IM) Hermes Takeshi Komaki.

## CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- 24 • O AQUECIMENTO GLOBAL. EFEITOS, CONSEQUÊNCIAS E PREVISÕES • C Alte (Ref) Mucio Piragibe Ribeiro de Bakker.
- 30 • MASLOW, HERZBERG, LACAN. INDICAÇÕES PARA A SATISFAÇÃO 4.0 • CT (S) Haendel Motta Arantes.
- 32 • ONDAS, CORPÚSCULOS E AS DUAS RANHURAS (1ª parte) • CMG (Ref) Paulo Roberto Gotaç.
- 36 • ASSENTANDO PRAÇA NA INTERNET DAS COISAS – IoT • Lázaro Marback D'Oliveira.

## PELO MUNDO

- 38 • AS EXUBERANTES ATRAÇÕES DO EGITO CONTINUAM A FASCINAR OS VISITANTES • CC (T) Rosa Nair Medeiros.
- 44 • OCEANO ÍNDICO – UM MAR PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI • CMG (Ref) Aguinaldo Aldighieri Soares.

## COMPORTAMENTO

- 50 • O FEMINISMO EM DIFERENTES SÉCULOS • Ray dos Anjos.

## REFLEXÃO

- 54 • OS ANOS DOURADOS • Claudio Fabiano de Barros Sendin.

## BRASILIDADE

- 56 • CACHAÇA PRÊMIO: O EVOCAR DA ESSÊNCIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO • José Carlos Medeiros.

## REMINISCÊNCIAS

- 60 • SÁBIO CONSELHO DE UM ESTADISTA • CF (Ref) Celso de Mello Franco.

## CULTURA NAVAL

- 62 • O MAR E A MARINHA • CMG (Ref) Paulo Francisco Silva Leitão de Souza.

## ARTE & CULTURA

- 66 • UMA LONGA VIAGEM • C Alte (Ref) Domingos Castello Branco.

## MEDICINA

- 70 • DEVEMOS TEMER O RETORNO DA PESTE BUBÔNICA? • Camilla Loureiro Borges e 1º Ten (RM2-S) Shana Priscila Coutinho Barroso.

## ÚLTIMA PÁGINA

- 72 • UM LAR CHAMADO CLUBE NAVAL • Fatima Piñeiro.

# HISTÓRIA DA CAPA

ANO XXXIX — Rio de Janeiro, 1.ª-Feira, 1 de abril de 1964 — N.º 11 643

# O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Director-Responsible: ROBERTO MARINHO | Director-Administrative: HERBERT MOSES  
Director-Technical: RICARDO MARINHO | Director-Editorial: ROGERIO MARINHO

## Ressurge a Democracia!

VIVE A NAÇÃO dias gloriosos.

Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opiniões sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem.

GRAÇAS A DECISÃO e ao heroísmo das Forças Armadas, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.

PODEREMOS, desde hoje, encerrar o futuro confiantemente, certos, enfim, de que todos os ossos problemas terão soluções, pois os negócios públicos não mais serão geridos com má-fé, demagogia e insensatez.

SALVOS DA COMUNIZAÇÃO que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares, que os protegeram de seus inimigos.

ATENDENDO AOS anseios nacionais, de paz, tranquilidade e progresso, impossibilitados, nos últimos tempos, pela ação subversiva orientada pelo Palácio do Planalto, as Forças Armadas chamaram a si a tarefa de restaurar a Nação na integridade de seus direitos, livrando-a do amargo fim que lhe estava reservado pelos vermelhos que haviam envolvido o Executivo Federal.

MAIS UMA VEZ o povo brasileiro foi socorrido pela Providência Divina, que lhe permitiu superar a grave crise, sem maiores sofrimentos e luto. Sejamos dignos de tão grande favor.





# JANGO

*Verdade histórica incontestada*



**J**oão Goulart – Jango para os mais íntimos –, tão festejado pelas nossas esquerdas, jamais foi eleito Presidente pelo voto popular. Fora, sim, eleito para Vice. Sua chapa eleitoral era adversária da plataforma de Jânio, porém, a legislação eleitoral daquela época determinava eleições separadas para Presidente e Vice. Uma absurdidade ética e jurídica. Grande incoerência.

Venceram Jânio e Jango. Jânio renunciou intempestivamente e o Vice, seu opositor, assumiu. Acabou deposto em 1964, mercê de inúmeras incompetências, entre elas a de estimular a quebra da hierarquia e da disciplina, os dois pilares que sustentam a organização das Forças Armadas de todas as nações, sem os quais se tornariam apenas bandos armados, mais perigosos que os próprios inimigos. Uma insanidade.

Jango, recorde-se, era herdeiro político de Getúlio Vargas, o mais longo ditador que o Brasil conheceu (15 anos!), que o tinha como filho.

## Fala aos sargentos: princípio do fim

**Perante mil sargentos das Forças Armadas e Auxiliares, o Sr. João Goulart, em violento discurso, pronunciado na noite de segunda, tornou irreversível sua posição de esquerda e desencadeou, graças a essa definição, feita em termos candentes, a movimentação das forças que o derrubaram. Consideraram os chefes da revolta que, transigir mais com a posição ostensiva do Sr. Goulart, seria decretar a morte da democracia. O discurso de Jango, a 30 de março, foi o começo do fim.**

Texto extraído da revista *O Cruzeiro* de 10/4/1964, edição extra, redigido por Glauco Carneiro, com fotos de João Rodrigues.

Vargas chegou ao extremo da crueldade quando entregou Olga Benário, mulher do então líder do Partido Comunista, Luiz Carlos Prestes, ao governo nazista, ainda que grávida de Anita Leocádia. Olga morreria numa câmara de gás.

Ainda em outra incoerência, própria do relativismo moral da dialética marxista, vale dizer, Prestes, que sofrera 10 anos de sevícias nos cárceres de Vargas, na repressão à Intentona Comunista de 1935, viria a apoiar a permanência do seu algoz no poder em 1945, quando os militares brasileiros, ao findar da guerra que de muito ajudaram os aliados da democracia combater contra o nazifascismo, movimentaram-se para depô-lo.

Verdade histórica incontestada, pouco ou nada conhecida das nossas novas gerações. ■

**Rui da Fonseca Elia**

Vice-Almirante (Ref) • Presidente do Clube Naval

● ● ●  
**Clube Naval**  
Av. Rio Branco, 180 • 5º andar  
Centro • Rio de Janeiro • RJ  
Brasil • 20040-003

**Presidente**  
V Alte (Ref) Rui da Fonseca Elia

**Diretor do  
Departamento Cultural**  
CF (Ref-IM) Osmar Boavista  
da Cunha Junior

**Assessor Cultural**  
CMG (Ref) Adão Chagas  
de Rezende



REVISTA DO

**CLUBE NAVAL**

**Direção de Arte e Diagramação**  
Arte-Final  
(21) 99773-9990

**Produção**  
José Carlos Medeiros  
Ray dos Anjos  
Fabiana Peixoto

**revista@clubenaval.org.br**  
Tel.: (21) 2112-2425

● ● ●  
As informações e opiniões  
emitidas em entrevistas, matérias  
assinadas e cartas publicadas  
são de exclusiva responsabilidade  
de seus autores.

Não exprimem, necessariamente,  
informações, opiniões ou  
pontos de vista oficiais da Marinha  
do Brasil, nem do Clube Naval,  
a menos que explicitamente  
declarado.

A transcrição ou reprodução  
de matérias aqui publicadas,  
em todo ou em parte,  
necessitada autorização prévia da  
Revista do Clube Naval.

● ● ●  
Os artigos enviados estão sujeitos  
a cortes e modificações em sua  
forma, obedecendo a critérios de  
nosso estilo editorial.

Também estão sujeitos às  
correções gramaticais,  
feitas pelo revisor da revista.

As fotos enviadas através de e-mail  
devem medir o mínimo de 15cm,  
em jpg ou psd, com 300dpi.

EDITORIAL



# 1964

*“Aquele que consegue fazer acreditar em absurdos,  
é capaz de fazer você cometer atrocidades”*

Voltaire

**F**az 55 anos que a sociedade brasileira reagiu à tentativa de se levar o país a um destino igual ao da atual Venezuela. A luta foi dura, pois muitos dos que defendiam ideias absurdas cometeram atrocidades realmente cruéis.

Todavia, a miséria histórica foi evitada. Construímos um país de grandes realizações, a democracia plena foi instaurada e, apesar das agressões morais e econômicas, foi preservada.

Agora, mais uma vez, é grande a expectativa da população, que anseia esperançosa por desenvolvimento social, econômico e pela recuperação das virtudes éticas recentemente abaladas.

Todos desejam a democracia plena, com o funcionamento dos três poderes que a sustentam. Nesse sentido, resalto a resenha competente feita pelo Ministro Paulo Guedes durante a cerimônia de posse do Presidente do Banco Central. Ali, vemos a análise do momento atual, o reconhecimento da robustez do processo democrático e, principalmente, a síntese das reformas econômicas necessárias.

Foi feita a definição clara do destino de nosso Congresso no sentido de conduzir as decisões políticas de nossa economia, assumindo a sólida responsabilidade pelos resultados através do seu protagonismo político.

O Brasil tem uma estrutura de execução descentralizada. Os executivos dos níveis federal, estadual e municipal são os gestores das políticas e dos recursos públicos. Os governos fazem as propostas e o Legislativo toma as decisões por meio de sua capacidade de criar leis.

Está encerrada a era do mensalão ou do pixuleco. O Congresso brilhará e será responsável.

Eis a oportunidade de um novo destino, onde a ética e, acima de tudo, a tônica da vida pública, recuperam a dignidade nacional. ■

---

**Osmar Boavista da Cunha Junior**

Capitão de Fragata (Ref-IM) • Diretor Cultural



## HOMENAGEM AO ALMIRANTE ÁLVARO ALBERTO

A Marinha do Brasil, em parceria com a Academia Brasileira de Ciências (ABC), realizou, na Sede Social do Clube Naval, no dia 31 de janeiro, o lançamento do filme e exposição em homenagem aos 130 anos de nascimento do Almirante de Esquadra Álvaro Alberto, Patrono da Ciência, Tecnologia e Inovação da Marinha, além de idealizador do projeto de criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

*Presentes no evento o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Ilques Barbosa Júnior, o Presidente do Clube Naval, Vice-Almirante (Ref) Rui da Fonseca Elia, o Presidente do Conselho Diretor do Clube Naval, Almirante de Esquadra (Ref) Eduardo Monteiro Lopes,*



*o presidente da ABC, Luiz Davidovich, e o Diretor Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha, Vice-Almirante Marcos Sampaio Olsen.*

## HOMENAGEM AO EX-COMANDANTE DA MARINHA

Dia 21 de março, o ex-Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, acompanhado de sua esposa, Christiani Prisco

Leal Ferreira, participou de um almoço oferecido pelo Clube Naval, em sua homenagem. O encontro aconteceu no Salão Nobre e contou com as presenças do Presidente do Clube Naval, Vice-Almirante (Ref) Rui da Fonseca Elia, e membros da Diretoria.



*Alte Elia e o ex-Comandante da Marinha, Alte Esq Eduardo Bacellar Leal Ferreira. Suas esposas, Leila Peruzzi Elia e Christiani Prisco Leal Ferreira*

## PAINÉIS

Neste trimestre, dois elucidativos painéis foram promovidos pelo Departamento Cultural do Clube Naval, através do Grupo de Interesse em Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática e Inovação (CTEMI). Os temas, *Engenharia de Barragens e Navios Autônomos*, dada a sua relevância e atualidade, despertaram grande interesse dos sócios e seus convidados.



*Painel sobre Engenharia de Barragens, realizado em 20 de fevereiro. Na mesa, o mediador, Dr. Nelson Pedrozo, e o palestrante, Engenheiro Doutor Francis Bogossian*



*Os coordenadores do CTEMI, Comte Joel e Comte Padilha, acompanhados do mediador, Vice Almirante (Ref) José Eduardo Pimentel de Oliveira e dos palestrantes que abordaram o tema*

*Navios Autônomos: Engenheiro Waldo Russo, Doutor Luiz Roberto Leven Siano, Professor Doutor Lourival José Passos Moreira e CMG (EN) Roberto Martins*



*Embarcação autônoma USSV Tucunaré: ferramenta de aquisição de dados para reservatórios, rios e lagos, exposta no evento*



# O RENASCIMENTO DA ESPERANÇA NO BRASIL 2019

V Alte (Ref) SERGIO TASSO VÁSQUEZ DE AQUINO

O dia primeiro de janeiro de 2019 marca o fim do período mais sombrio da História do Brasil, iniciado em 1985 e agravado a partir de 1990, com deterioração exponencial e crescente entre 1994 e 2016, quando o esquerdismo deletério dominou o governo federal e implantou sua maneira viciosa e viciada de ser na vida nacional, em todas as suas manifestações.

**E**stivemos, de fato, sob o império do mal, que propositadamente nos conduziu à mais grave crise espiritual, ética, moral, econômica, política de nossa vida de país independente, com reflexos gravosos e destruidores na educação, na saúde e no saneamento, na segurança pública, na renda e no emprego, na infraestrutura de transportes, de energia e de comunicações, nas relações entre pessoas e grupos sociais, em tudo o que se mire, e, também, nas expressões científica, tecnológica e militar do poder nacional.

Sofremos um deliberado processo de lesa-Pátria e de subversão da ordem democrática vigente, sob os auspícios dos sucessivos governos federais, ora entreguistas e vendidos aos interesses das nações e grupos dominantes na arena internacional, ora caudatários da cruel revolução

vermelha extremista e, em alguns períodos, subordinados a ambas traiçoeiras manifestações contrárias aos

legítimos Objetivos Nacionais. O Estado passou por um proposital desmonte, tendente a solapar a razão mesmo de sua existência, de prover o Bem Comum e de promover a paz, a justiça, o direito, a liberdade, a democracia, a ordem e o progresso, e a Nação, desprotegida e abandonada por quem deveria conduzi-la aos caminhos da felicidade e da abundância, promover os bons costumes e a convivência respeitosa e fraterna





# NTO

entre todas as pessoas e grupos sociais e defendê-la adequadamente contra todos os perigos e ameaças internos e externos, sentia-se crescentemente desesperançada e entregue à própria sorte.

Todos os Presidentes da República no tormentoso período de 1985 a 2018, com a única exceção de Itamar Franco, têm contas a prestar com a Justiça, em menor ou maior grau. Um deles, emblematicamente, está condenado e preso por seus crimes e passível de julgamento em vários outros processos. O Legislativo Federal, pelo comportamento corrupto, tortuoso, de expressiva porcentagem de seus integrantes nas duas Casas, e pela autoconcessão continuada e repetida de regalias e vantagens financeiras absurdas, totalmente acima e além da empobrecida realidade nacional, fenômeno também ocorrente no Judiciário e estendido às carreiras privilegiadas do Executivo, condenou-se ao descrédito, à desconfiança, à desvalorização vertiginosa perante a opinião pública.

O grande câncer na vida nacional e o grande tributo cobrado dos brasileiros,

que impossibilitaram Desenvolvimento e Segurança nos níveis adequados e desejados, nos anos recentes, com aceleração vertiginosa e de propósito, para matar a democracia, no período de domínio lulopetista, tem sido a gigantesca corrupção, ainda hoje presente, em níveis inéditos e possivelmente sem igual no mundo. Num quadro de agudo comprometimento do Executivo e do Legislativo Federais, que se repetiu dolorosamente nos níveis estadual e municipal, por todos os rincões do Brasil, assumiu o STF papel de protagonista, na apreciação e no encaminhamento de soluções para os grandes problemas nacionais, fugindo ao seu desiderato de corte constitucional.

Ali, também e infelizmente, manifestaram-se distorções, com a atuação de

Ministros influenciados em seus julgamentos por servidões políticas e ideológicas às suas origens e obedientes aos interesses dos Presidentes que os indicaram e/ou pelo apelo de aparecer polemicamente com destaque e frequência na mídia. O resultado de 6x5, com o predomínio do que ficou conhecido como "bancada do bem", tem sido uma constante nas votações em Plenário, configurando equilíbrio instável e passível de alteração para o outro lado, com reflexos gravosos e reais na segurança institucional.

Diante de tudo isso, finalmente despertou a consciência cívica do povo, até então mergulhado em apatia e inércia, contra os roubos, as explorações e as espoliações de que vinha sendo vítima. A partir de 2013, mobilizou-se, saiu às ruas para manifestar o inconformismo, redundando na grande força pelo impeachment de Dilma Rousseff.

Continuou mobilizado, e provocou o grande movimento nacional que, espetacularmente, elegeu Bolsonaro, novos governadores com seus patrióticos e moralizadores ideais alinhados, e renovou grande e expressiva parte do Congresso Nacional.

Por toda a parte e em todos os corações, almas e mentes bem formados ressurgiram a fé, a esperança e a confiança de que o Brasil voltará aos radiosos rumos a que está predestinado, por sua grandeza e natureza. As primeiras manifestações públicas do Presidente e dos seus Ministros mostram que novos tempos se abrem, e que a Pátria, depois de tantos anos de tristeza, retrocesso, perigos e trevas contra a Liberdade, a Democracia e o Bem Comum, tem mãos firmes ao timão, apenas orientadas pela realização dos Objetivos Nacionais, sem subordinação a quaisquer influências e interesses estrangeiros, organismos internacionais e ONGs, nem à mais cruel e torpe ideologia engendrada pelo inferno, para desgraçar e perverter a pessoa humana e a sociedade dos filhos de Deus, criados à Sua Imagem e

Semelhança. ■

**Que Deus proteja,  
oriente e guie nossos  
novos governantes,  
para que nunca mais  
prosperem, na  
Terra de Santa Cruz,  
a iniquidade, a traição,  
a perfídia, o mal, as  
agressões à liberdade  
e o assalto ao  
patrimônio nacional!  
Brasil acima de tudo!  
Deus acima de todos!  
Tudo pela Pátria!**



# O GOVERNO DO PRESIDENTE MARECHAL CASTELO BRANCO



ALDIR LUIZ RANGEL SEPÚLVEDA\*

A situação em 1964 estava bastante conturbada. Uma crise política, econômica, manifestações sindicais e estudantis, greves, conflitos nos campos. Muitas disputas ideológicas por parte dos políticos. Em setembro de 1963, nos quartéis, começaram a ocorrer levantes, sargentos se rebelavam pelo direito de serem eleitos, tomaram prédios públicos. Em Brasília cercaram o Congresso Nacional. Todos foram anistiados pelo Presidente João Goulart, o que causou descontentamento entre os militares.

No comício de 13 de Março de 1964, na Central do Brasil, o Presidente João Goulart anuncia as Reformas de Base para 250.000 pessoas. A truculência política e o medo das “reformas” fizeram com que grupos apoiadores da intervenção militar: empresários, industriais, políticos, boa parte da Igreja Católica, organizassem Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Em São Paulo, no dia 19 de março de 1964, 500.000 pessoas participaram do protesto contra as reformas, que eram consideradas comunistas. Toda a imprensa, com exceção do jornal Última Hora, começou a atacar o governo. Houve então uma revolta dos marinheiros, que exigiam direitos como liberdade de se organizar em sindicatos e de se casar sem pedir permissão aos seus superiores.

O estopim para que as tropas mineiras iniciassem os movimentos foi o discurso do Presidente João Goulart, na noite de 30 de março de 1964, no Automóvel Clube do Rio de Janeiro. João Goulart estava no Palácio das Laranjeiras, residência do Presidente na antiga capital da República que foi protegida por tanques. No dia 31 de março, a cidade do Rio de Janeiro estava deserta, por causa de uma greve geral. Isolado, o Presidente tentou apoio entre os comandantes militares. Tentou prender o General Castelo Branco, que era o Chefe do Estado Maior do Exército, e um dos articuladores da deposição do Presidente. O Presidente então enviou tropas em direção a Minas para conter os rebeldes, mas elas aderiram às tropas vindas de Juiz de Fora, comandadas pelo General Mourão Filho. Sem condições de reagir ao movimento, o Presidente João Goulart embarca para Brasília, às 12h do dia 1º de abril.

Depois de muitos discursos exaltados, discussões, e turbulência no Congresso Nacional, às 13h, em Brasília, os Presidentes do Senado e da Câmara receberam no Congresso o Chefe do Supremo Tribunal



*Posse do Presidente Castelo Branco, 26º Presidente da República Federativa do Brasil*

Federal e o Arcebispo de Brasília. Juntos, Legislativo, Judiciário e Igreja Católica, fazem um apelo ao Comandante da Região Militar de Brasília, General Nicolau Fico, pela garantia da lei e da ordem. Às 21h30min do dia primeiro, o Presidente João Goulart deixou Brasília com destino a Porto Alegre.

No dia 2 de abril, às 2h40min da madrugada, reuniram-se, dos 470 parlamentares, 152 deputados e 26 senadores. Na presidência, o Senador Auro de Moura Andrade declarou vaga a Presidência da República, depondo o Presidente João Goulart. Às 3h45min, deram posse ao Deputado Ranieri Mazzilli, o primeiro na linha de sucessão presidencial.

Em Porto Alegre, o Presidente deposto João Goulart não quis resistir à revolução, mesmo sendo apoiado para tal pelo

ex-Governador do Estado do Rio Grande do Sul, o Sr. Leonel de Moura Brizola. Partiu para sua fazenda em São Borja, e posteriormente, exilou-se no Uruguai.

Houve então uma marcha no Rio de Janeiro para comemorar a deposição de João Goulart. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniu quase um milhão de pessoas. Uma semana depois, uma Junta Militar assumiu o poder anunciando o Ato Institucional, que cassou 40 parlamentares, entre deputados e senadores, e convocou o parlamento para eleger indiretamente o novo Presidente da República.

## A Eleição

O Marechal Castelo Branco foi eleito Presidente da República pelo Congresso Nacional em 11 de abril de 1964. Ele obteve 361 votos, contra 72 abstenções, 37 faltas, 3 votos para Juarez Távora e 2 votos para Eurico Gaspar Dutra. Votaram em Castelo Branco, Ulysses Guimarães e o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, então Senador por Goiás.

Quando perguntado se o Brasil saíra de uma fortaleza vermelha e entraria agora no tão sonhado castelo branco, o Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda declarou: "A pergunta é muito boa, mas eu preferia traduzir em



Julho de 1964 – Carlos Lacerda, Castelo Branco e Ernesto Geisel

termos concretos. Acredito que tenhamos saído da desordem para ordem, da tirania para liberdade, da corrupção para a integridade da desonestidade para a honradez, da inércia para o trabalho, da indolência para ação".

## O Governo

A princípio, o Mal. Castelo Branco

governaria até o final do mandato de Jânio Quadros, 31 de janeiro de 1966. Porém, posteriormente, seu mandato foi prorrogado e suspensas as eleições diretas para presidência, previstas para 3 de outubro de 1965. Desta forma, Castelo Branco governou até 15 de março de 1967.

Ele encontrou um País destroçado economicamente. A inflação de 1963 fora de 80%, o PIB crescera apenas 0,9 %. Escreveu ao seu filho: "Sou síndico de uma massa falida". Quando deixou o Governo, a inflação de 1966 era de 25% e o PIB cresceu 4,5% dando início ao chamado milagre econômico, onde o PIB crescera em média 11% ao ano.

Ficou conhecido como o "Marechal Reformador". Seu governo tornou o Estado mais racional, menos intervencionista, menos gastador. Ele eliminou subsídios, reformou o sistema tributário e o mercado financeiro. Incentivou os investimentos estrangeiros. Criou a Polícia Federal, o Banco Central, o FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e o Sistema de Crédito Imobiliário.

Recebeu o Estado com déficit e entregou com superávit. Em menos de três anos de governo, a poupança do Governo, antes inexistente, chegou a 4,5% do PIB, triplicou a exportação de manufaturados, unificou a Previdência Social, acabou com privilégios e organizou a Secretaria da Receita Federal. A Economia foi entregue a uma equipe técnica: Otávio Gouveia de Bulhões e Roberto Campos.

Foi criado o Cruzeiro Novo como unidade monetária e a Correção Monetária para diminuir o impacto da inflação. Foi criada a Zona Franca De Manaus, e em 18 de novembro de 1966, criou-se a Embratur, para o desenvolvimento do turismo.

Foram também baixados os Atos Institucionais. O AI-2, de outubro de 1965, dissolveu todos os partidos políticos e impôs o bipartidarismo, com a criação da Aliança Renovadora Nacional – ARENA e do Movimento Democrático Brasileiro – MDB, e fechou o Congresso Nacional.

Em fevereiro de 1967 foi criada a Lei de Imprensa, cuja finalidade era controlar o fluxo de informações na Imprensa Nacional,

assim como regular o trabalho jornalístico.

Ocorreu o fechamento de diversas organizações consideradas subversivas e de esquerda: o CGT – Comando dos Trabalhadores, as Ligas Camponesas e a UNE – União Nacional dos Estudantes. A criação do SNI – Serviço Nacional de Informações foi outra medida providenciada, visando assegurar o poder do regime.

Outra importante reforma no governo de Castelo Branco foi a do sistema de promoções dos oficiais Generais, que mudou as Forças Armadas. Extinguiu o posto de Marechal, existindo somente em caso de Guerra: Marechal de Exército, Almirante e Marechal do Ar. O Brasil tinha mais marechais do que a Inglaterra e a França juntas durante as duas Guerras Mundiais. Ele mudou o sistema de permanência dos generais na ativa. Antes, o general ficava na ativa até atingir a idade limite de 66 anos. Um general promovido a Brigada em 1942, aos 41 anos, ficaria no generalato por 25 anos, 13 como 4 estrelas.

Ele criou um escalonamento, ninguém podia ser general mais de 12 anos. Nenhum general poderia ficar mais de 4 anos com as mesmas estrelas. Um General de Brigada com duas estrelas teria 4 anos para ser promovido a General de Divisão três estrelas, e se não fosse promovido passava compulsoriamente para a reserva. Cada degrau deveria ser renovado 25% a cada ano.

Os coronéis não poderiam permanecer mais de nove anos no posto. Nenhum oficial poderia passar mais de dois anos em cargos civis sem se desligar das Forças Armadas. Com essas mudanças, casos como o do General Cordeiro de Farias não ocorreriam mais. Ele foi General em 1942, passou para reserva somente ao atingir 67 anos, completando 25 anos de generalato, 13 como 4 estrelas.

Castelo Branco criou, assim, as condições para que, no futuro, os generais mais antigos deixassem de ser figuras com influências políticas longevas e proeminentes que foram, desde a Proclamação da República. Os efeitos dessas reformas só puderam ser de fato sentidos, a partir de 1985, alterando tanto a natureza quanto a intensidade da participação dos militares na política brasileira. ■

\**Bacharel em Ciências Navais – Escola Naval Professor- UCAM, Mestre em Educação - UCP Comendador da ABRAMMIL*



# O COMBATE À CORRUPÇÃO INSTITUCIONALIZADA E A DEMONIZAÇÃO DA POLÍTICA



REIS FRIEDE\*

O combate à corrupção (em especial, a institucionalizada) configura um dever de todos, notadamente daqueles que exercem, de algum modo, o poder repressivo estatal. A corrupção é uma prática intolerável, não devendo ser tratada com parcimônia, o que não significa dizer que deva ser reprimida ao arrepio do Ordenamento Jurídico vigente, sobretudo por intermédio de instrumentos típicos de Estados Totalitários. Admitir que interesses escusos – eufemismo para a palavra criminosos – sempre existiram e continuarão a permear o âmbito das relações entre o Estado e os particulares, e que por isto a luta contra a corrupção traduz um combate fadado ao insucesso, é um raciocínio imoral.

Aceitar o fenômeno em questão porque sempre existiu ou porque traz algum benefício não condiz com a trajetória humana na Terra, vivência que, de um modo geral, não tolera a realidade que viola a concepção de bem e de justo. É próprio do ser humano transformar o contexto social que lhe incomoda. Em uma rápida retrospectiva histórica, constata-se o quanto as sociedades mudaram ao longo dos séculos, por conta da incrível capacidade de reflexão da espécie.

Cabe, portanto, à sociedade rejeitar essa lógica simplista e antirrepublicana apregoada por aqueles que insistem em

extrair algum aspecto positivo da corrupção institucionalizada.

Nesse contexto, apesar das críticas, a Operação Lava Jato deve ser aplaudida, por ter trazido à superfície os efeitos (antes obscuros, mas agora reconhecidamente devastadores) que a má política provoca. Apesar dos avanços conquistados no âmbito desta e de outras investigações, a Nação brasileira clama por uma estratégia maior, a ser consolidada em uma Política Nacional Anticorrupção. A ideia é articular todas as instituições públicas envolvidas nesta difícil missão, de modo que a união dos entes estatais possa impedir que as estruturas de Estado sejam carcomidas pelo câncer corruptivo.

As instituições de Estado encarregadas de combater a corrupção (a Polícia, o Ministério Público e o Poder Judiciário) precisam se livrar de qualquer soberba, bem como medir as consequências de determinados atos “espetacularizantes” – muitos dos quais

cometidos ao arrepio do Ordenamento Jurídico vigente. O silêncio é de lei, lema que deveria reger o modo de atuar das instituições da Justiça brasileira.

Ao se combater a corrupção, deve-se ter como norte não a “destruição” das instituições responsáveis por conduzir a política nacional, mas, sim, a punição dos agentes políticos criminosos.

O que se pode fazer é criminalizar, correta e individualmente, a conduta dos agentes públicos que se apropriam de suas respectivas posições para praticar delitos. E a democracia só pode ser exercida por meio da política. De fato, será justamente por intermédio da sã e boa política que se conseguirá extirpar a insana e má política das entranhas do Estado brasileiro. ■

\*Desembargador Federal, Presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (biênio 2019/21), Mestre e Doutor em Direito, Professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Professor Honoris Causa na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR).



GRUPOS DE INTERESSE

# ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS UMA REFLEXÃO

**GEDA – Grupo de Estudo do Desenvolvimento da Administração\***

*“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar ao objetivo e, mesmo não atingindo este alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”*

José de Alencar

O empenho dos estudiosos da administração pelo funcionamento produtivo das organizações, não é um fenômeno novo. Desde o início do século XX, estudos relevantes e suas consequentes aplicações práticas foram sendo realizadas sob diferentes óticas teóricas em relação a tarefas, funções administrativas, relações humanas, a renovação clássica ou neoclássica, burocracia, tipologias de poder nas escolas estruturalistas, do comportamento, do desenvolvimento organizacional, de sistemas e contingências. Essas abordagens

teóricas se sucederam e se complementaram, principalmente no âmbito das organizações privadas.

Entretanto, nas últimas três décadas do século XX e continuando até o momento, pelas duas primeiras décadas do século XXI, ao invés da eficiência do desempenho da maioria das organizações públicas seguirem os avanços dos desempenhos alcançados pelas organizações do setor privado, o que se verificou foi um avanço da ineficiência em muitas delas, caminhando para o caos e paralisia operacional, diante das demandas da população.

O que nos surpreende é que durante o século XX ocorreu um significativo acúmulo de conhecimentos na profissionalização da Administração e nas tecnologias operacionais e da informação utilizadas pelo setor privado, sem serem consequentemente adotados como deveriam nas organizações públicas fundamentais. Sempre há exceções. Isso não quer dizer que não tenha havido, neste período, nessas organizações, profissionais qualificados em gestão. Entretanto, eles não têm sido aproveitados para o preenchimento de cargos de topo dessas organizações.

Paralelamente à ineficiência crescente nesse período, há um verdadeiro mantra na comunicação, do tipo: “as organizações necessitam aumentar o tamanho físico, o número de servidores, o aumento de salários, equipamentos e recursos financeiros para que possam atender melhor a demanda crescente da população”. Será que essas organizações estariam necessitando



**Integrantes do GEDA acompanhados do Diretor Cultural, CF (Ref-IM) Osmar Boavista, por ocasião do encerramento das Atividades de 2018 do Grupo, com palestra proferida pelo “gediano” e membro da Academia Brasileira de Administração, Nelson Manuel Mello e Souza**

de gestão profissional qualificada para utilizarem melhor os recursos disponíveis e produzirem mais do que estão conseguindo?

Os tipos de organizações públicas mais carentes de sistemas de gestão apropriados para lidar com os problemas crescentes da atualidade estão no âmbito da gestão do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, da educação, da saúde, da seguridade social, segurança pública, do sistema prisional e do meio ambiente, da infraestrutura, entre outros.

A percepção da necessidade de melhoria da gestão nas organizações públicas ocorre mais nos períodos de perdas de eficiência ou quase paralisia e período

nas contas públicas, na área de educação, dentre outras. Essa política visa a proporcionar uma satisfação imediata à população, de que o governante está tomando medidas rigorosas para resolver os problemas apresentados. Entretanto, os resultados da política do “Choque de Gestão” não têm proporcionado a continuidade do uso das melhores práticas e atingimento de bons resultados prometidos do início. As duas experiências



implantando, acredite que esteja no caminho certo, apesar desta política de gestão ser desacreditada por gestores e estudiosos de Gestão, pelos motivos já mencionados.

**Metodologia: intervencionismo.** Geralmente, alguém de fora é nomeado para agir de forma centralizadora, para o cargo de maior nível hierárquico, com alguns assessores de confiança para impor objetivos, procedimentos e tipos de controles de cima para baixo.

**Medidas de impacto:** substituir pessoas nos cargos e nem sempre utilizando avaliações por mérito.

**Consequências:** surgimento de um clima organizacional de medo, do tipo nós (pessoas da nova gestão) versus eles, (todos os servidores da organização). Surgimento de um clima organizacional de medo, pelo qual os servidores passam a realizar apenas o trabalho necessário, temerosos de que algo possa sair errado e possam ser punidos por isso. Todos passam pelo temor de serem perseguidos, de não se adaptarem aos novos processos operacionais que possam oferecer dificuldades à compreensão e à utilização. Desestímulo à participação voluntária e à cooperação para a solução de problemas inesperados. Nos corredores das organizações, os servidores comentam que sabem que tudo que está sendo feito será transitório; que não resolverá nem os problemas da organização e nem os dos usuários. É só esperar a política mudar para tudo voltar a ser como antes.

### Gestão Participativa

“Administração Participativa é o uso de tomada de decisão conjunta” (Chiavenato, *Administração nos Novos Tempos*. 2000, 503). Passou a ser utilizada no ocidente a partir dos anos 1980, decorrente das experiências bem-sucedidas das organizações asiáticas (Japão e os tigres asiáticos: Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e



eleitoral, conforme os apelos de *marketing*.

Resguardadas as diferenças organizacionais, muito poderia ser feito também nos âmbitos da educação, da segurança pública e do sistema prisional, da infraestrutura, dentre outros, pela melhoria da gestão e uso da tecnologia. Hoje o *benchmarking*, é uma prática adotada pelas organizações privadas, que adaptam as práticas de gestão e operacionais, ganhando-se tempo e queimando-se etapas na evolução interna. (*Benchmarking*, “desenvolver a habilidade dos administradores de visualizar no mercado as melhores práticas administrativas das empresas consideradas excelentes”, Chiavenato, *Administração nos Novos Tempos*. 2000, 703).

Para efeito de reflexão considerem-se apenas duas alternativas para o aperfeiçoamento da gestão nas organizações públicas, visualizando melhor alguns dos tipos.

### Choque de Gestão

É um tipo de política de gestão que já foi adotada por pelo menos dois estados brasileiros. Geralmente ocorre em época de crise

brasileiras mais significativas em pelo menos dois estados recebem mais críticas do que elogios, dada a descontinuidade que tenderá a acontecer com este tipo de gestão. A influência política tende a suplantar a técnica dos gestores.

É sempre possível que o Choque de Gestão apresente bons resultados no curto prazo, ou seja, logo após o início da implantação, porque vai buscar eliminar os desperdícios que poderão ser identificados em qualquer organização. Mas dificilmente esses esforços na arrancada serão suficientes para manter os bons resultados e a tendência natural é a do retorno às práticas e aos resultados das gestões anteriores dessas organizações.

**Foco:** mostrar atuação imediata e rigorosa do governante ou do gestor de qualquer uma das organizações, visando a obter resultados no curto prazo, uma espécie de satisfação à sociedade, em momento de crise, dando a impressão de que algo muito confiável está sendo feito.

**Denominação: Choque de Gestão.** O título motiva. É provável que alguém que o esteja

Taiwan) devido ao crescimento industrial e econômico na década de 1970. A **Gestão Participativa** tem sido adotada nos Programas de Qualidade em instituições privadas, a exemplo do hospital Sírio-Libanês que poderia servir de referência para inúmeros hospitais públicos.

**Foco:** no longo prazo, para que a gestão tenha aperfeiçoamento contínuo no futuro.

**Denominação: Gestão Participativa**, preferencialmente conduzida por profissionais de carreira, com experiência e avaliados por mérito. Deveriam ser vedadas por lei às indicações políticas para os cargos de gestão nas organizações públicas. Necessita da participação de todos que possuem conhecimentos, experiência e boas ideias. Aumenta a confiança nos resultados.

**Metodologia:** enquanto não existir uma lei que proíba a nomeação de alguém de fora para o cargo de maior nível hierárquico de uma organização pública, para que haja aproveitamento de servidores de carreira, que o de fora traga pelo menos o propósito de implantação do modelo de Gestão Participativa e alguns assessores especializados na implantação das etapas dessa política de gestão, para envolver equipes internas e lideradas por servidores de carreira. Existirá a promessa de que os resultados a serem obtidos serão creditados às respectivas equipes de servidores. Assim, eles se sentirão motivados a continuar participando e se esforçando para o aprimoramento do modelo e dos resultados.

**Medidas de impacto:** convocação dos líderes experientes dos vários setores, que sempre foram “abafados” pelo antigo modelo.

**Consequências:** surgimento de um clima organizacional de confiança e de cooperação nas equipes de trabalho. Todos

**Na foto de 2011, uma alusão à memória dos saudosos membros falecidos, Administrador Professor Horácio Cardoso, um dos fundadores do grupo, e professor Francisco Senna**



tenderão a fazer o melhor. Todos passam a trabalhar sem medo de perseguição pelos gestores de fora. Temerão menos os novos processos operacionais de trabalho, por se sentirem valorizados e apoiados, quando necessário. Nos corredores não deverão ocorrer comentários que coloquem em dúvida a consistência e a sustentabilidade desse modelo de gestão diante das próximas trocas de governo. Os dirigentes saem e o modelo de gestão bem-sucedido fica com servidores profissionais de carreira.

Ressalte-se que o sucesso de uma Gestão Participativa está ligado ao processo de comunicação empresarial. Atualmente, com a tecnologia da informação em amplo desenvolvimento, a comunicação empresarial não só se constitui em um significativo elemento de diminuição de custos de tempo, de espaço, de passagens, de hospedagem e outros, com a possibilidade de se utilizarem os sistemas eletrônicos de comunicação, disponíveis via computador, como também via telefonia móvel, como whatsapp, facebook, twitter, além da video conferência, ganhando-se em velocidade,

tanto na comunicação quanto na decisão articulada com os diferentes setores e profissionais nelas envolvidos.

Claro que isso exige o desenvolvimento de habilidades específicas típicas da comunicação, entre as principais: a objetividade, a clareza, correção gramatical e de sintaxe, bem como a simplicidade de expressão, de modo a prevenir retornos ou mal-entendidos indesejáveis que possam, ao invés de facilitar, dificultar o processo de Gestão Participativa.

Concluindo-se, entende-se que o Choque de Gestão pode ser requerido excepcionalmente quando, por qualquer razão, se verifique uma grave deterioração dos objetivos organizacionais ou dos comportamentos gerenciais e funcionais. Contudo, isso deve ocorrer por um curto prazo, sinalizando-se imediatamente com uma Gestão Participativa, a partir de políticas de *compliance*, de comprometimento ético, de eficiência administrativa e operacional, além da valorização dos funcionários e de sua efetiva colaboração para que, na administração pública, seja ressaltada sua função essencial que é a de prestadora de serviços visando ao bem comum e à qualidade de vida de todos os cidadãos. Trata-se do exercício pleno e nobre da cidadania. ■



**Membros do Geda, professores Fernando Koki, Eliane, Jonas, Comte Cunha Faria, Ferraz e Rosangela, com o Presidente do Clube Naval, Alte Elia, e o Diretor Cultural, Comte Boavista, durante o evento Semana da Pátria**

\*Grupo informal, sem fins lucrativos, criado em 1996, pelos professores A. Nogueira de Faria, Presidente Honorário do GEDA, CMG (Ref-IM) Jayme Loureiro, CMG (Ref) Amaury Dabul, entre outros notáveis, sendo o coordenador atual, o CMG (Ref-IM) José da Cunha Faria, MSc, Adm. Atualmente, o grupo se reúne no Clube Naval, no Rio de Janeiro, para a realização de palestras e troca de ideias sobre temas relacionados à Administração, constituindo-se numa das atividades de interesse do Departamento Cultural do Clube.

# FUNDO ESPECIAL DE FINANCIAMENTO DE CAMPANHA: UMA VERBA DESNECESSÁRIA

CMG (RM1-FN) CARLOS ANTONIO RAPOSO DE VASCONCELLOS\*

O Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) foi concebido como uma verba a ser transferida aos diretórios nacionais dos 35 partidos políticos com registro no TSE, em conformidade com as regras de distribuição estabelecidas na Resolução-TSE nº 23.568/2018<sup>(1)</sup>, aprovada pelo Plenário da Corte Eleitoral em 24 de maio de 2018.

Dita resolução prevê que os recursos do FEFC somente sejam disponibilizados às legendas após a definição dos critérios para a sua distribuição, que devem ser aprovados, em reunião, pela maioria absoluta dos membros dos diretórios nacionais de cada agremiação. Tais critérios devem prever a obrigatoriedade de aplicação mínima de 30% do total recebido do referido Fundo para o custeio da campanha eleitoral das candidaturas do partido ou da coligação<sup>(2)</sup>.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou em junho de 2018, em seu portal na Internet, o montante do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC). Nada menos que R\$ 1.716.209.431,00 (um bilhão, setecentos e dezesseis milhões, duzentos e nove mil e quatrocentos e trinta e um reais) que foram alocados aos diretórios nacionais dos 35 Partidos com registro no TSE.

Entenda sua origem. Para driblar o fim das doações das empresas para campanhas eleitorais – vetadas pelo Supremo Tribunal Federal desde 2015 –, o Congresso Nacional aprovou, em 2017, a criação do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC). Mais conhecido como fundo eleitoral, ele distribuiu mais de R\$ 1,7 bilhão, provenientes de recursos públicos, para os partidos brasileiros promoverem suas campanhas nas eleições 2018<sup>(3)</sup>.

Com direito a quase R\$ 231 milhões, o MDB é a sigla que recebeu a maior parte deste bilionário fundo eleitoral. O PT recebeu R\$ 212 milhões; o PSDB R\$ 185,8 milhões. Acima da casa dos cem milhões ainda estão o PP, com R\$ 131 milhões; o PSB com R\$ 118,7 milhões; o PR, com R\$ 113,1 milhões; e o PSD com R\$ 112 milhões<sup>(4)</sup>. O atual Partido do presidente eleito, o Social Liberal (PSL), aquinhoou pouco mais de R\$ 9 milhões. E, mesmo assim, ganhou a eleição.

Os Partidos que não têm representação no Congresso Nacional e possuíam apenas registro no TSE não ficaram à míngua. Também receberam 2% dessa arrecadação (R\$ 34,2 milhões). Nesse caso, os partidos que não contam com nenhum parlamentar no Legislativo federal receberam a quantia





mínima de R\$ 980,6 mil do fundo eleitoral. Quase 1 milhão.

O Partido Social Liberal (PSL), do Bolsonaro, foi fundado em 30 de outubro de 1994 e na presidência de Luciano Bivar obteve seu registro definitivo em 2 de junho de 1998. À época da campanha, de forma provisória, o presidente foi Gustavo Bebianno, e vice o Julian Lemos. O leitor se lembra de alguns deles? Hoje, provavelmente sim, por conta de o Bebianno ter se tornado o primeiro ministro a receber “cartão vermelho” e já estar fora do atual Governo. Mas não são grandes figuras políticas.

E como um Partido “nanico”, com um candidato que tinha direito a uns 8 segundos de tempo de mídia para propaganda eleitoral, foi eleito? As razões são muitas e aqui não serão expostas. Mas uma conclusão se pode tirar: a mídia, o marketing político, o tempo de TV e a propaganda oficial política, de uma maneira geral, não fizeram diferença.

Dizendo-se hostilizado por alguns canais de mídia escrita e televisiva, o candidato eleito se viu na necessidade

de encontrar uma estratégia alternativa para sua campanha. De acordo com um relatório financeiro enviado ao TSE, em 24 outubro de 2017, portanto, a quatro dias da realização do 2º turno das últimas eleições, Bolsonaro havia gasto R\$ 240 mil para contratar a produtora Mosqueteiro Filmes<sup>(5)</sup>.

Se a justificativa para a criação do Fundo era ou é, a de que esta verba permita aos Partidos darem visibilidade aos seus programas, o resultado do processo eleitoral deixou clara impertinência da finalidade formalmente apresentada.

Bolsonaro utilizou uma parcela ínfima desta verba e, com seus 8 segundos permitidos pela Lei, venceu o pleito nacional. Utilizou-se de mídias sociais para sua propaganda e poucas passeatas e carreatas que o ajudaram a passar seu carisma e as ideias que o elegeram Presidente da República. Aí foi esfaqueado.

A pergunta que fica é: há necessidade desta vultosa quantia de mais de 1 bilhão e 700 milhões de reais para se realizar uma campanha vitoriosa? A resposta, comprovada pela vitória do Bolsonaro, é não. Seus gastos foram mínimos e, por conta do atentado à sua vida, em Juiz de Fora, menos ainda do que se esperava e, mesmo assim, saiu vitorioso na eleição à PR.

Quanto à falta de controle, vale lembrar o recente episódio nominado “laranjal” onde foram envolvidos políticos que se beneficiaram desta pecúnia e se utilizaram para outros fins.

O caso redundou na abertura de investigação pelo Ministério Público e pelas Polícias Federal e Civil, o que resultou, como já citado, na primeira “baixa” no ministério de Bolsonaro: Gustavo Bebianno, Ministro da Secretaria Geral de Governo e Presidente Nacional do PSL, na época da campanha.

Há de se pensar, firmemente, num Projeto de Lei com o intuito de extirpar este Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) que foi criado pelas Leis nº 13.487/2017 e nº 13.488/2017, aprovadas pelo Congresso.

Sou mais um brasileiro, torcendo por uma governança séria e de sucesso, que construa um Brasil melhor para os brasileiros. Desta forma, vale a reflexão da ideia de tornar nulo esse Fundo que se mostrou inócuo, reduzindo, assim, a altíssima tributação que enfrenta o trabalhador brasileiro. E a prova disso foi a vitória de Bolsonaro sem o apoio da mídia.

A propaganda foi pessoal, sem custos e de certo. Pouco ou nenhum esforço tributário, do trabalhador, foi necessário.

Assim, neste artigo de opinião, em consonância com as ideias anunciadas em seus discursos de “enxugar a máquina pública”, e apoiadas por milhões de brasileiros que o elegeram, o povo receberia com rara satisfação a nulidade do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC). Começaríamos economizando os bilhões que se distribuem para os Partidos Políticos que, comprovadamente e obrigatoriamente, não são instrumentos determinantes para se conduzir à vitória.

Tudo e qualquer insumo que entre será muito bem-vindo para minimizar as vultosas dívidas das contas públicas. O bolso do contribuinte agradece. ■

## Notas

(1) Disponível em <http://www.tse.jus.br/legislacao-tse/res/2018/RES235682018.html>. Acesso em 25 fev. 2019.

(2) Disponível em <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Junho/eleicoes-2018-tse-divulga-montante-total-do-fundo-especial-de-financiamento-de-campanha-1>. Acesso em 27 fev. 2019.

(3) Disponível em < <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,entenda-o-que-sao-e-quais-as-diferencas-entre-o-fundo-eleitoral-e-o-fundo-partidario,70002362544>>. Acesso em 31 out. 2018.

(4) Idem.

(5) Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/26/bolsonaro-gasta-mais-com-doacoes-a-filhos-do-que-com-programa-de-tv-e-radio.htm?cmpid=co-piaecola>>. Acesso em 26 fev. 2019.

*\*Doutor por Notório Saber em Defesa Nacional pelo Departamento de Ensino e Cultura do Exército Brasileiro, Mestre em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (RJ), Membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra.*

• Este artigo reflete a opinião pessoal do autor.



# MANDADO DE INJUNÇÃO

V Alte (Ref-EN) RENATO VILHENA DE ARAUJO

*“Aequitas non facit jus, sed juris auxiliatur”*  
(A equidade não faz a lei, mas ajuda a lei)

A Constituição Federal (CF) de 1988, no seu art. 5º, inciso LXXI, criou uma ordem judicial chamada de Mandado de Injunção (MI), que é expedida ao final de um processo que tomou o mesmo nome, visando garantir a eficácia de todos os direitos fundamentais de que, em tese, desfrutariam os cidadãos brasileiros, mesmo na falta de alguma norma regulamentadora escrita apta a viabilizar seu efetivo exercício.

## ORIGEM

**T**rata-se de um instituto originado na Inglaterra medieval, onde era usado para resolver pequenas causas individuais consideradas insignificantes para chegar a merecer a atenção das Cortes de Lei (Law Courts), mantidas pelo Rei, sendo delegados às Cortes de Equidade (Equity Courts), estas mantidas pelo Lorde Chanceler. Como, por exemplo, o direito de recolher gravetos caídos em floresta particular alheia, para poder se aquecer no inverno. Ao final dos julgamentos, eram emitidos os chamados Mandados de Injunção (Writ of Injunction), ao invés das sentenças, as quais só eram emitidas pelas Cortes de Lei.

Como os Chanceleres costumavam ser pessoas religiosas, como cardeais ou bispos, suas cortes aplicavam os princípios de equidade do Direito Canônico (não as leis

nem os costumes do povo inglês), isto é, tentavam fazer o que seria, de certa forma, a justiça divina (justa e equilibrada segundo a ética cristã). Até hoje, um cidadão inglês pode optar por ter sua demanda julgada, ou por Cortes de Lei, ou por Cortes de Equidade.

Entre nós, o MI tomou feição muito diferente do que existe na Inglaterra.

## DIREITOS ILIMITADOS

Ocorre que nossa Constituição tem muitas disposições no sentido de que vários dos direitos fundamentais estabelecidos só poderão ser exercidos após a promulgação de normas regulamentadoras (chamadas de disposições de eficácia contida) como, por exemplo, o: “Art. 37, inciso VII – O direito de greve [dos funcionários públicos] será exercido nos termos e nos limites definidos

em lei específica.”.

Para se precaver quanto a estes casos, em que direitos constitucionais tidos como fundamentais poderiam ser tornados inócuos pela simples inércia legislativa, é que foi criado o processo de MI.

Ocorre também que a CF concede direitos fundamentais ilimitados aos cidadãos brasileiros.

Realmente, o art. 5º explicita 78 deles em seus vários incisos, mas há ainda o § 2º que, precavidamente, acrescenta muitos outros direitos decorrentes do regime e dos princípios adotados, ou de tratados internacionais de que o Brasil seja parte. Ou seja, os brasileiros têm os direitos listados na CF e mais, todos os outros que vierem a ser imaginados, inclusive no âmbito internacional.

Se porventura não houver lei específica sobre o exercício de algum destes direitos fundamentais, em tese, seria suficiente ajuizar um MI para poder passar a usufruí-lo.

Com todos estes direitos, a CF de 1988 idealmente colocou os brasileiros no melhor de todos os mundos possíveis, conforme conclusão do personagem Dr. Pangloss, no conto satírico “Candide” de Voltaire.

Ao invés de ser usado para resolver pequenos conflitos individuais, como na Inglaterra, nosso MI pretendeu resolver, inclusive, conflitos coletivos de grande monta.

Quando nosso STF julga um MI, o resultado normalmente é a certificação de que o Poder Legislativo está em mora (de modo análogo ao que ocorre num

protesto por atraso no pagamento de uma nota promissória) e sua notificação para que tome as devidas providências. Atualmente, existem notificações com até 27 anos de tempo de espera por atendimento pelo Legislativo!

Mas há alguns casos em que o STF, desprezando a sabedoria contida no adágio latino citado no início deste artigo, não se resignou a fazer o melancólico papel de mero notificador, quase sempre considerado, e mostrou o que se chama de “ativismo judiciário”, como nos casos expostos a seguir.

### **GREVE NO SERVIÇO PÚBLICO**

Como exemplo, relembre-se que o STF, julgando um MI e em face do que considerou uma demora excessiva (de quase 20 anos) do Poder Legislativo (por mais que soe estranho algum órgão do Poder Judiciário poder reclamar da morosidade de quaisquer outros órgãos públicos!), já decidiu que se aplica ao serviço público a lei de greve nas empresas privadas, no que couber, enquanto não for elaborada lei específica.

No entanto, fica a dúvida se a demora do Poder Legislativo em regulamentar o direito de greve no serviço público decorreu de mera negligência, ou de não ter sido possível se chegar a um acordo mínimo sobre o que legislar sobre este tema extremamente polêmico.

Ocorre que a greve no serviço público tem muito pouca analogia com a greve nas empresas privadas (estas reguladas pela Lei 7.783/1989).

Por exemplo, é um pressuposto das greves genuínas que seus efeitos se restrinjam aos patrões

e empregados envolvidos e que, tanto patrões quanto empregados, deixem de ganhar dinheiro, que é a força que os compele a chegar logo a um acordo aceitável para ambos. Como, durante as greves no serviço público, nem o Governo deixa de arrecadar impostos, nem os servidores deixam de receber salários, há greves que se prolongam demais, como as intermináveis greves de professores, causando enormes prejuízos para o povo em geral (inclusive a perda de ano letivo), este último não envolvido na controvérsia.

Resulta que as greves no serviço público frequentemente se esquecem de honrar o princípio (fundamental do Estado democrático de Direito) da supremacia indiscutível do interesse coletivo.

Tendo obtido, através de MI, um verniz de legalidade, até a Advocacia Geral da União (AGU) já fez greve por aumentos salariais no início de 2008, que durou uns 3 meses com os grevistas recebendo remuneração integral durante todo este tempo, prejudicando a defesa da União (em que pese alguns de seus integrantes ultrapassem o teto salarial constitucional).

### **APOSENTADORIA ESPECIAL**

No mesmo sentido de efetivamente se substituir a um Poder Legislativo considerado lento demais, o STF, também em sede de MI, já decidiu que se aplica ao serviço público a lei de previdência das empresas privadas (Lei 8.213/1991, art. 57) no sentido de reduzir o tempo de serviço para aposentadoria

dos servidores públicos que trabalhem em condições insalubres.

No entanto, silenciou sobre o acréscimo de contribuição devido pelos servidores estatutários para financiar este novo benefício, de modo análogo ao que está estabelecido para os servidores submetidos à CLT na lei das empresas privadas. Ou seja, acabou criando despesas para a Administração Pública sem definir as correspondentes receitas adicionais para poder suportá-las sem onerar ainda mais a já combalida previdência social.

### **CONCLUSÃO**

Tanto na teoria quanto na prática, o Poder Judiciário não está vocacionado para legislar e, por este motivo, não deveria manejar o MI como se fosse uma varinha de condão para criar e distribuir direitos. Brinca-se que, caso o MI tivesse realmente todo este poder mágico, bastaria a Constituição ter um único artigo: “Todo brasileiro tem o direito de ser rico e feliz, na forma da lei”. Os cidadãos que eventualmente se sentissem desamparados poderiam ajuizar os MI apropriados e passar a usufruir deste direito. Note-se que, caso todos fossem ricos e felizes, não haveria o menor interesse nos demais temas abordados pela CF.

Comprova-se, mais uma vez, que a simples cópia formal de instrumentos jurídicos de outrem, sem copiar também todo o seu entorno cultural, pode levar a resultados inconsistentes e indesejados, frustrando grandes expectativas levantadas a seu respeito. ■





# VULNERABILIDADE NACIONAL

VITOR PIRES VENCOVSKY\*

**A** crise do setor aéreo verificada em 2006 trouxe grandes transtornos para a sociedade brasileira. A prestação de serviços de transporte de passageiros ficou comprometida, gerando insegurança para todos. Uma das providências governamentais à época foi retomar as discussões sobre o trem bala entre Rio de Janeiro e São Paulo. O projeto foi retirado da gaveta, mas, em pouco tempo, ficou esquecido novamente.

Em 2018, a greve dos caminhoneiros paralisou o fluxo de produtos em praticamente todo o território nacional. Mais uma vez, um acontecimento envolvendo o setor de transportes trouxe grandes incertezas para os brasileiros, já que produtos básicos e importantes começaram a faltar. O acontecido colocou o debate das ferrovias novamente em evidência. Nestes dois casos, ficou evidente, pelas manifestações populares e de especialistas, que a dependência

de uma única opção de transporte é um grande problema e precisa de um debate mais amplo.

Os dois exemplos são extremos e mostram que há uma grande deficiência dos planejamentos realizados no país na questão transportes, pois não consideraram como uma das prioridades a segurança das instituições. Cidadãos e empresas são dependentes de sistemas de transportes, cujos serviços não podem ser interrompidos. Quando o transporte é suspenso, grandes



*Transporte de grãos em Cambé, estado do Paraná*

transtornos são verificados, como a paralisação de empresas e instituições e, em alguns casos, a morte de pessoas.

Mas nem sempre o planejamento foi realizado dessa forma. Em meados do século XX, o assunto segurança nacional estava muito presente em todos os planos governamentais no tocante aos transportes. Algumas publicações especializadas na década de 1950 consideravam que os sistemas de transportes precisavam atender

exigências socioeconômicas e político-militares, assim como tratar de questões como integração e unidade territorial, soberania nacional e aplicação do poder militar em áreas ameaçadas pelas pressões exteriores. A segurança nacional era tratada em seu sentido mais amplo, de segurança das instituições, e não apenas restrito ao conceito de defesa nacional. A segurança, aliás, era considerada condição importantíssima para a promoção do desenvolvimento econômico do país.

Nos EUA, a decisão de não desativar ou mesmo privatizar o transporte ferroviário de passageiros, que resultou na criação da estatal Amtrak na década de 1970, foi acertada à época, pois muitas regiões e cidades do país dependiam dos trens para



*Transporte de minério de ferro em Parauapebas, estado do Pará*

# DADE



**Transporte de grãos em Uchoa, estado de São Paulo**

seu funcionamento. Para a sociedade norte americana, a preocupação com a segurança nacional significa construir sistemas de transportes redundantes, ou seja, disponibilizar mais de uma opção de transporte de pessoas e cargas entre origens e destinos idênticos. Enquanto isso, no Brasil, as ferrovias de passageiros foram desativadas na segunda metade do século XX, trazendo insegurança para muitas cidades dependentes dos trens.

Nos últimos anos, o sistema ferroviário nacional tem transportado volumes recordes, mas isso não significa que está promovendo a garantia das instituições. A falta de segurança ou de garantia de disponibilidade dos serviços de transportes no país atualmente é muito grande. Os investimentos estão priorizando a construção de sistemas ferroviários para atender necessidades muito restritas, envolvendo grandes grupos e setores econômicos voltados à exportação. O uso efetivo das ferrovias está limitado a um terço da malha total existente, ou seja, apenas 10 mil km.

A segurança institucional pode ser conseguida através de uma organização territorial adequada que garanta a cidadãos e instituições o mínimo de alternativas para o transporte de produtos e pessoas. Na falta de uma opção, outra pode facilmente ser

utilizada. Por enquanto, o país está enfrentando uma grande crise de insegurança por falta de alternativas de transportes. ■

## Referências:

FORTES, A. B. Aspectos dos transportes no Brasil. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

LOPES, J. C.; SOBRINHO, B. M. Dois estudos sobre transportes. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

VALENTE, M. G. A Política de Transportes Marítimos do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes: Serviço de Documentação, 1971.

VENCOVSKY, V. P. Ferrovia e logística do agronegócio globalizado: avaliação das políticas públicas e privadas do sistema ferroviário brasileiro. 2011. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

VENCOVSKY, V. P. Sistema ferroviário e o uso do território brasileiro: uma análise do movimento de produtos agrícolas. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.

*\*Engenheiro e Presidente da Academia Piracicabana de Letras*



**Viaduto 13, da Ferrovia do Trigo, construído pelo exército brasileiro, em Vespasiano Correa, estado do Rio Grande do Sul**

# A DEFESA COMO INDUTORA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

C Alte (IM) LUIZ CARLOS FARIA VIEIRA

A Defesa do país é inseparável de seu desenvolvimento. Esse é o pressuposto contido na Política Nacional de Defesa (PND), documento importante do planejamento das ações de Defesa do Brasil.

**A** Estratégia Nacional de Defesa (END) propõe o desenvolvimento de tecnologias independentes pela Indústria Nacional de Defesa, bem como seu emprego nos Produtos de Defesa (PRODE) a ser utilizados pelas Forças Armadas brasileiras. Com isso, pretende-se que a participação da indústria nacional nas compras de PRODE para as Forças Armadas aumente gradualmente, reduzindo-se a dependência de fornecedores externos ao mesmo tempo em que se amplia a capacidade de dissuasão do país.

Investir em defesa é investir no Brasil. A importância dos investimentos em defesa para o Brasil pode ser resumida em três grandes vetores:

**1) Garantia de nossa soberania** – O Brasil é o 5º maior território do globo; 5ª maior população; possui riquezas naturais que despertam a cobiça de outros países; 4,5 milhões de Km<sup>2</sup> de águas jurisdicionais (Amazônia Azul), área rica em recursos vivos, riquezas minerais, reservas de petróleo, grandes rotas comerciais, dentre outros;

**2) Promoção do desenvolvimento científico e tecnológico** – A tecnologia desenvolvida para propósitos militares, tempos depois passa a transformar a vida das pessoas, como o exemplo do teflon utilizado nas panelas de casa, do GPS, da internet, do micro-ondas, do celular, do raio-x utilizado nos hospitais, do streaming de dados usado nas plataformas de vídeos, dentre outros; e

**3) Fomento do crescimento econômico do país** – Geração de empregos diretos e indiretos; alavancagem do PIB; arrecadação de tributos; e desenvolvimento de produtos duais, dentre outros.

Destacar a importância da Indústria de Defesa e a sua relevância como uma grande indutora do desenvolvimento econômico e social de nosso País é o grande objetivo deste texto, juntamente com os desafios para contribuir com o fortalecimento da Base Industrial de Defesa (BID).

O mercado de defesa, seja ele nacional ou internacional, possui algumas características que lhe são muito peculiares, entre as quais destacam-se:

Usualmente, os grandes compradores são governos nacionais, e não empresas privadas.

As vendas, via de regra, dados seus altos valores, são suportadas por instrumentos de financiamento de longo prazo, e não raramente, apoiadas por agências oficiais de crédito à exportação do país de origem da empresa fornecedora;

A assimetria de informações é uma condição dominante nesse setor, particularmente explicada pela natureza intrínseca de seu objeto (segurança e defesa nacionais);

O mercado de defesa, em geral, e no Brasil, em particular, constitui-se numa falha de mercado, seja pela assimetria de informações, seja pela concorrência inexistente/imperfeita.

Nesse contexto, é mister observar, então, que os PRODE exportados pelo Brasil esbarram em uma série de problemas que vão desde a falta de linhas de crédito disponibilizadas pelos agentes financeiros públicos, até problemas que envolvem a disponibilização de seguros e garantias.

O crédito externo, fornecido por bancos, fundos ou outros entes de financiamento, é importante para a alavancagem, principalmente, das exportações das empresas, motivo pelo qual a solução do problema de financiamento para este setor da economia apresenta-se como essencial/estratégico.

É muito importante que o Estado trabalhe para aproximar as empresas da BID com as fontes de crédito, fomentando o desenvolvimento de relações que visem ao financiamento de PRODE.

O setor de Defesa, atualmente, representa negócios da ordem de R\$ 202 bilhões de reais, cerca de 3,7% do PIB brasileiro, com geração de mais de 350 mil empregos. Trata-se de um setor que detém um significativo potencial multiplicador para auxiliar o Brasil na retomada do crescimento econômico.

É importante, por várias razões, que se invista em defesa. Primeiramente, não é exagero afirmar que a indústria de defesa se constituiu em um indutor importante de desenvolvimento e de produtividade da economia global. Em segundo lugar, o fato de que a indústria de defesa tem um enorme potencial de transbordamento de tecnologia e de externalidades econômicas positivas para o setor civil. É a esse fato que fazemos referência ao descrever a dualidade do setor de defesa. Ao ampliarmos as suas oportunidades, estaremos também expandindo a renda do País e gerando empregos de alto valor agregado, contribuindo para elevar a média de remuneração da economia.

Portanto, além de gerar empregos, renda e avanços tecnológicos em benefício de toda a sociedade, e de fornecer, evidentemente,



## PROSUB



## SIFRON



## Caça GRIPEN FX-2

os meios materiais necessários à defesa da soberania nacional, a Base Industrial de Defesa integra o País em cadeias produtivas globais de ponta, fortalecendo alianças com parceiros estratégicos.

A conjuntura econômica atual não nos tem impedido de avançar em projetos, como o Programa Nuclear da Marinha, fundamental para que o Brasil alcance o domínio do ciclo de enriquecimento de urânio para fins pacíficos, o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), o Projeto da construção das Corvetas Classe Tamandaré, o Sistema de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON) do Exército, que tem grande potencial de compartilhamento com nossos vizinhos; o programa FX-2 de aquisição do caça Gripen NG, com elevado grau de transferência de tecnologia, o blindado Guarani, o sistema de defesa Astros II, o cargueiro KC-390, programa HX-BR, entre outros.

O Ministério da Defesa, por intermédio do SEPROD, (Serviço de Processamento de

Dados), vem trabalhando para ampliar as possibilidades de investimentos na Base Industrial de Defesa, dentre os quais destacamos: negociação com o BNDES de uma linha de crédito internacional, de país a país, beneficiando a produção da indústria nacional de defesa. A referida proposta visa atender às principais demandas do MD sobre esse tema, buscando-se uma flexibilização de alguns parâmetros típicos em operações dessa natureza, como prazos de carência e repagamento, prêmio de seguro de crédito, *spread*, taxas, percentual de cobertura do contrato comercial, equalização de taxa de juros (quando aplicável), bem como, ainda, inclusão de novas ações mitigadoras de riscos.

A partir dessa nova abordagem, a qual encontra-se em negociação, o Brasil passa a ficar mais alinhado ao que é praticado pelas nações desenvolvidas, quando oferecem seus produtos e serviços de defesa em licitações internacionais, mundo afora. Nesse sentido, ao construir, junto com o BNDES e outros atores governamentais (ABGF, SAIN/MF) soluções especialmente customizadas para o setor de defesa, alavanca-se, enormemente, a competitividade e sustentabilidade de nossa Base Industrial de Defesa, tornando-a menos dependente

da disponibilidade orçamentária das Forças Armadas; tramitação do PL nº 10.834/2018, ampliando as possibilidades de apoio financeiro não reembolsável do FMM (Fundo da Marinha Mercante) para a MB, com o objetivo de construir navios em estaleiros nacionais, fomentando assim a nossa indústria naval; a inclusão das empresas de defesa, após negociações com o Ministério da Integração, que quiserem se instalar nas regiões do nordeste e do centro-oeste, nas linhas de financiamento dos Fundos Constitucionais de Desenvolvimento do Nordeste e do Centro-oeste; a participação do MD na agenda de elaboração da Estratégia Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social pelo Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, em decorrência da correlação positiva entre desenvolvimento e defesa; o trabalho conjunto realizado entre o Ministério da Defesa e a Casa Civil da Presidência da República; a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República; o Ministério da Fazenda; o Ministério das Relações Exteriores; o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços; e o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão dentro do Grupo Técnico de Defesa da CAMEX, que permitiu diagnósticos e propostas de soluções para a exportação de PRODE.

Em função disso, está em tramitação decreto com a inclusão do MD na CAMEX. Esse marco estratégico representará a conscientização do mais alto Comitê de Comércio Exterior do Brasil da importância da Defesa para o Brasil. Estamos assim reduzindo o nosso hiato institucional em relação ao modelo adotado pelos países desenvolvidos, com a integração da Defesa no esforço estratégico de promoção do comércio exterior.

Por fim, pode-se afirmar que a Base Industrial de Defesa detém um significativo potencial para auxiliar o Brasil na retomada do crescimento da produtividade e da atividade econômica. Portanto, parcerias estratégicas que envolvam a transferência de tecnologia para a construção no Brasil atraem o interesse cada vez mais de países, que estão atentos ao potencial da nossa indústria de defesa.

O importante é ter em mente de que investimento em defesa não está associado à ideia de gasto, mas sim à ideia de crescimento. Investir em defesa é investir no Brasil. ■



# APRIMORANDO A GESTÃO DA FEMAR

## NOVOS PARADIGMAS DA ERA DIGITAL

CMG (RM1-IM) HERMES TAKESHI KOMAKI\*

Nos artigos anteriores sobre a FEMAR, publicados nesta revista, foram abordadas a evolução das atividades de ensino, de pesquisa e de responsabilidade social, com os projetos Escola no Mar e Gratuidade de Cursos, que ao longo de mais de cinquenta anos promovem a conscientização da sociedade sobre a importância do mar.

**P**ara dar suporte às atividades desenvolvidas, que se ampliaram em muito desde a sua criação, a FEMAR, de forma contínua, vem buscando se modernizar de modo a aperfeiçoar sua gestão, em virtude das complexidades e velocidade requeridas de respostas e transparência na execução das tarefas e, por fim, ser efetiva no atendimento das demandas de seus compromissos, por meio dos sistemas corporativos a seguir detalhados:

### SISTEMAS CORPORATIVOS

#### RATIONALIS

Desde 2010, a Fundação vem desenvolvendo uma série de esforços para modernizar sua gestão visando melhorias de seus processos, maior padronização de ações, redução no tempo de atendimento e, principalmente, melhoria na qualidade dos serviços prestados aos seus clientes. Para tal, foram identificados os principais macroprocessos e modelados os processos pertencentes a cada um.

Assim, ainda como parte dos esforços de modernização de sua gestão, no mesmo ano de 2010, a FEMAR decidiu desenvolver

um sistema informatizado que, de maneira modular e integrada, viesse a dar suporte aos processos identificados e mapeados. Após o levantamento de necessidades foi desenvolvido o Sistema de Informação denominado RATIONALIS, que entrou em fase de homologação em 2012 e no ano

seguinte em produção.

O RATIONALIS é hoje o sistema corporativo essencial para o desenvolvimento de todas as rotinas administrativas da Fundação. Por intermédio de seus módulos são realizados os registros e o processamento dos lançamentos orçamentários, financeiros, contábeis, patrimoniais, recursos humanos, compras e tramitação de documentos. O RATIONALIS representa o principal banco de dados da Fundação e gera os relatórios gerenciais para as Prestações de Contas dos atos e fatos financeiros praticados na gestão da FEMAR.

O mais recente módulo, denominado Módulo de Coordenadores, entrou em operação em 2018 e é destinado aos usuários externos parceiros da FEMAR para







acompanhamento e controle dos projetos desenvolvidos.

Esse último módulo representa um marco em termos de facilidade de interação, controle e transparência na aplicação dos recursos destinados ao desenvolvimento dos Planos de Trabalho dos Projetos dos diversos clientes.

### SIGE

O Sistema Integrado da Gestão de Ensino – SIGE, composto pelos Módulos de Planejamento, Execução e Relatórios, foi idealizado, concebido e implementado pela Fundação em 2009.

Com a implementação do SIGE, que permite o acesso via internet, houve uma mudança de paradigma nas atividades de ensino da FEMAR. O conhecimento deixou de ser intrínseco e passou a ser extrínseco, permitindo planejar, executar e controlar todas as atividades de ensino da Fundação em menos tempo, com qualidade e segurança.

Na gestão do conhecimento, o sistema tem como principal característica a coleta de dados, que depois de processados geram conjuntos de informações que, quando acessados, contribuem para uma maior interação dos administradores, docentes e alunos.

### SIGEMAR

A FEMAR, com o propósito de aprimorar a gestão do Projeto Escola no Mar (PROEMAR), idealizou, concebeu e implementou, em 2018, o Sistema Integrado de Gestão da Escola no Mar – SIGEMAR.

O SIGEMAR é uma ferramenta informatizada que permite planejar, executar e controlar as diversas tarefas e atividades inerentes à consecução do PROEMAR, dando agilidade e confiabilidade aos dados armazenados e às informações produzidas.

O SIGEMAR, além de agilizar o planejamento e a execução do Projeto



Escola no Mar, deu uma maior transparência ao Programa de Responsabilidade Social da FEMAR.

### FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

Acompanhando a evolução tecnológica, novas ferramentas foram incorporadas ao dia a dia da Fundação.

A título de exemplo, cita-se:

- a substituição da Central Telefônica analógica por uma nova central IP (VoIP); e
- a instalação de equipamento de videoconferência, possibilitando a realização de reuniões com múltiplos clientes simultaneamente, melhorando a produtividade e otimizando o tempo.

Para melhorar a gestão dos Recursos Humanos, recentemente os dados pessoais dos funcionários foram transferidos para tecnologia de

armazenamento em nuvem (cloud). Esse tipo de armazenamento, cada vez mais difundido nos dias de hoje, traz por si só já diversas vantagens como a redução de custos, tempo de implantação, segurança e gerenciamento de informações.

O Portal “Meu RH”, outra melhoria na gestão dos Recursos Humanos, é um sistema com ambiente em browser (navegadores de internet), voltado para os funcionários, gestores, e para um melhor controle do setor de recursos humanos.



Após sua implantação, que deverá ocorrer no primeiro semestre deste ano, será possível efetuar marcações de ponto, solicitar férias, fazer consultas aos contracheques, informes de rendimento, dentre outros.

Um pouco mais de FEMAR: A ligação entre FEMAR e CLUBE NAVAL, vem desde a sua fundação, pelo saudoso Almirante de Esquadra José Saldanha da Gama, no ano de 1966. Esse elo é representado pelo funcionário Augusto Calheiros, que na época já era funcionário do Clube, e escolhido pelo Almirante Saldanha para ser o primeiro funcionário da FEMAR, exercendo a função de externo, e se dividindo entre as duas Instituições. Hoje, o funcionário Augusto ainda exerce suas funções na Secretaria do Clube. ■

*\*Superintendente*



**Videoconferência**



# O AQUECIMENTO GLOBAL

## EFEITOS, CONSEQUÊNCIAS E PREVISÕES

C Alte (Ref) MUCIO PIRAGIBE RIBEIRO DE BAKKER

**E**m sua totalidade, o planeta Terra representa um imenso ecossistema, com sua parte física e sua parte biológica. E, como todo ecossistema, tem os seus três ciclos: o de energia, o de carbono e o de nitrogênio. O ciclo de carbono começa com a absorção do CO<sub>2</sub> pelos vegetais (fotossíntese) e sua transformação em matéria orgânica. Continua depois com esses vegetais servindo de alimento aos herbívoros que, por sua vez, fornecem o carbono orgânico (alimento) aos carnívoros. Cada vez que as plantas respiram, isto é, cada vez que elas usam os alimentos fabricados pela fotossíntese, assim como cada vez que os animais respiram, isto é, usam os alimentos que tiraram das plantas, outra quantidade de CO<sub>2</sub> volta ao ambiente, de onde ele tornará a ser retirado pelas plantas, o que fecha o ciclo. O ciclo de nitrogênio é análogo. A morte dos organismos ou seus segmentos devolvem o nitrogênio ao ambiente, onde ele volta a ser aproveitado pelas plantas.

Quando ao ciclo de energias, começa com a entrada dos fatores de luz nos vegetais. Depois, cada vez que plantas e animais respiram (estes consumindo alimentos que vem das plantas), parte da energia é aproveitada por eles, mas parte é perdida para o ambiente, sob a forma de energia não aproveitável. Ela se dispersa no ambiente sob a forma de calor.

Cada vez que variam as constantes físicas de um ecossistema – luz, umidade, nitratos, gás carbônico, temperatura –, imediatamente ocorre um desequilíbrio entre os componentes da biomassa. O aquecimento

global é consequência da atuação humana sobre os componentes físicos e biológicos do ecossistema Terra, alterando-os significativamente, ou seja, desequilibrando-os.

A queima de combustíveis fósseis, a devastação das florestas e a poluição atmosférica são os principais responsáveis pelo aumento excessivo dos gases do efeito estufa na atmosfera, sobretudo do dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>). Esses gases vêm retendo o calor provocado pelas variações polares (longas), impedindo o resfriamento da Terra, portanto aquecendo-a. Esse aquecimento provocará um aumento generalizado das temperaturas com alterações significativas no clima.

Estima-se que as mudanças climáticas terão um efeito devastador sobre as florestas de todo o mundo e para quase um bilhão de pessoas que, para viver, dependem desses ecossistemas. Presume-se ainda que, no final do século, as temperaturas nas regiões tropicais da África e Ásia Meridional e da América Central estarão subindo num ritmo mais elevado do que a média. A Amazônia também estará em perigo, e haveria grande risco de se transformar em savana. O estudo do Centro Internacional de Investigação Florestal (CIFOR, sua sigla em inglês), aponta ainda que a precipitação anual em grande parte da América Central diminuirá e a intensidade máxima dos ventos causados pelos ciclones tropicais, na Ásia, aumentará. Devido à sua capacidade de absorver CO<sub>2</sub> da atmosfera, as florestas poderiam ser parte importante da solução para evitar as mudanças climáticas. Se forem destruídas, o crescente aumento do



volume de CO<sub>2</sub> na atmosfera vai contribuir, ainda mais, para provocar efeitos bem mais devastadores no clima da Terra.

Por outro lado, estudo publicado na revista *Science* alerta para os efeitos catastróficos que terão sobre os cultivos agrícolas, nas zonas tropicais e subtropicais, o rápido aumento das temperaturas, até o fim deste século. Se não houver uma adaptação ao novo clima, metade da população mundial, em 2100, sofrerá com a escassez de alimentos. Produtos primários como o trigo, por exemplo, poderão sofrer uma redução de 20% a 40% e, provavelmente, haverá restrições quanto ao abastecimento de água.

No que se refere ao nível do oceano, as estimativas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), feitas em 2007, prevendo uma elevação de

# NTO

59 cm desse nível, já estão defasadas. Dados anunciados durante uma conferência sobre o clima, realizada em Copenhague, na Dinamarca, em março de 2009, previam uma elevação média em torno de um metro, quase o dobro do previsto anteriormente. Caso se confirmem as mais recentes projeções sobre a elevação do

nível do mar decorrente do degelo no Ártico, na Groelândia e na Antártica, causado pelo aquecimento global, cidades como Londres, no Reino Unido e Alexandria, no Egito, vão sofrer constantes inundações e países insulares, como as Maldivas, no Oceano Índico, poderão simplesmente desaparecer do mapa em 2100. Além disso, o derretimento de uma das maiores áreas congeladas da Terra, como a Antártica, pode alterar o campo gravitacional do planeta, bem como a sua rotação no espaço, de tal maneira que causaria uma elevação do nível dos mares em algumas áreas costeiras, bem mais acelerada do que a média global. Um estudo feito sobre a desintegração da

cobertura de gelo da parte ocidental da Antártica revelou que, se isso ocorresse, alteraria o foco do campo gravitacional do planeta. Se a cobertura de gelo dessa parte do continente antártico desaparecesse, a perda de uma quantidade tão grande de massa no Hemisfério Sul faria a força de gravidade mais forte no Hemisfério Norte, afetando a rotação da Terra e fazendo com que o nível do mar subisse mais no norte do que no sul, onde se encontra atualmente a camada de gelo. Os cientistas estimam que a elevação seria de 3,5 metros em média, mas a alteração na rotação terrestre criaria situações ainda mais catastróficas, pelo menos no Hemisfério Norte.



Por outro lado, algumas das mais conhecidas espécies do planeta, verdadeiros representantes da sua biodiversidade, como golfinhos, baleias, tartarugas marinhas e ursos polares, poderão sofrer grandes perdas ou até mesmo desaparecer, caso não se combata eficiente e urgentemente os efeitos do aquecimento global. Tais efeitos devem provocar eventos climáticos mais frequentes como tempestades, furacões, secas e inundações, e muitas espécies não terão condições de se deslocar com a rapidez necessária para sobreviver. Dentro desse panorama, animais que vivem em regiões sensíveis ao aquecimento global, como os ursos polares, poderão desaparecer dentro de um prazo de 75 anos. Essas previsões foram feitas pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU.

Pode-se afirmar que existe um consenso entre a maioria dos cientistas de que o aquecimento global é causado pelo homem e muitos países já começaram a tomar providências com o propósito de reduzir as suas emissões de gases do efeito estufa. Na 14ª Conferência das Partes da Convenção de Mudanças Climáticas da ONU, em Poznan, na Polônia, em dezembro de 2008, os países europeus prometeram cortes consideráveis nas suas emissões de CO<sub>2</sub>. Ao final da Conferência, o Reino Unido anunciou uma contribuição de 100 milhões de libras para o combate do desmatamento. O plano britânico – o primeiro do mundo destinado exclusivamente à proteção das florestas tropicais – incluía 15 nações, entre financiadoras (Alemanha, França, Noruega, além do Reino Unido) e

beneficiadas (como o Brasil e a Indonésia, terceira maior poluidora do mundo devido às queimadas).

Apesar de a comunidade internacional ter despertado para a necessidade de enfrentar o problema e atacar as causas do aquecimento global em seus países, alguns cientistas e políticos acreditam que não há razões para as previsões alarmistas e que a própria natureza poderá se auto ajudar. Sob o ponto de vista prático, no entanto, isso é impossível. As florestas, que poderiam ajudar a consumir o gás carbônico, estão sendo destruídas por queimadas ou derrubadas, seja para conversão em pasto ou terra cultivada, seja até para abrigar projetos habitacionais com alojamento para uma população humana em constante crescimento. Também, 90% de toda a atividade industrial no planeta usa, como energia, o petróleo, o gás natural, o carvão ou outros combustíveis fósseis e esse consumo, para atender o próprio desenvolvimento industrial, não para de crescer. Convém acrescentar, ainda, que a quase totalidade da frota mundial de transportes rodoviários, ferroviários e marítimos, é movida a combustíveis fósseis, cujos gases de escapamento e suas máquinas constituem os principais responsáveis pelo aquecimento global.

A própria dieta humana baseada no consumo de carne de bovinos e suínos tem impacto significativo no aquecimento do planeta. A diminuição da criação desses animais seria uma forma natural de diminuir as emissões.

Podem não parecer óbvio de imediato, mas a criação extensiva de animais tem um grande impacto no clima. Em primeiro lugar, porque quanto mais a dieta for baseada no consumo de carne, maior terá que ser a criação e, portanto, a área que deixaria de ser ocupada por vegetação – que naturalmente absorve carbono. Além disso, para alimentar os animais, há uma ampliação no cultivo de grãos, o que geralmente demanda o uso de energia geradora de emissões poluentes. Por último, não menos importante, há a questão da flatulência. O principal gás expelido pelos extensos rebanhos mundiais é o metano – um dos principais responsáveis pelo efeito estufa. Esse estudo, que foi



realizado por especialistas da Agência de Impacto Ambiental da Holanda, conclui que, se a população passar a seguir uma dieta pobre em carne vermelha – definida como 70 gramas de carne bovina e 325 gramas de frango e ovos por semana – cerca de 15 milhões de quilômetros quadrados de área ocupada pela criação de animais seria liberada para vegetação. As emissões de gases do efeito estufa seriam reduzidas em 10% com a queda do número de animais. Juntos esses impactos poderiam reduzir em cerca de 50% os custos ao combate às mudanças climáticas em 2050. Os cientistas sugerem que, para conscientizar os consumidores, o custo ambiental da carne ou o volume de emissões de CO<sub>2</sub> e metano por porção seja incluído nos rótulos.

No que se refere à Floresta Amazônica, um trabalho conduzido por pesquisadores do Hadley Centre, na Inglaterra, um dos mais respeitados centros de pesquisas climáticas do planeta, vem mostrar que a

floresta vai sofrer danos inevitáveis, ainda que se consigam limitar o aumento das temperaturas globais em torno de 2° C, teto para todas as atuais exposições sobre o clima. Com isso, além da perda de biodiversidade, a Amazônia teria reduzida a sua capacidade de absorver CO<sub>2</sub>, agravando ainda mais o aquecimento global. O estudo mostra que os impactos das mudanças climáticas na Amazônia podem ser bem maiores do que o imaginado. À medida que as temperaturas continuarem subindo ao longo deste século, os estragos vão se acumulando, não sendo sentido de forma óbvia agora, mas se apresentarão no futuro. A razão disso, explicam os pesquisadores do Hadley Centre, é chamada inércia da floresta, um fenômeno que faz com que impactos demorem muito tempo para atingir todo o seu potencial, dentro do ecossistema. Por causa disso a Floresta Amazônica vai sofrer perdas inevitáveis, entre 20% e 40%, mesmo que as emissões

de CO<sub>2</sub> sejam estabilizadas.

Segundo pesquisadores, o mesmo fenômeno se aplica aos oceanos, o que explicaria previsões de que o nível do mar continuará a subir por alguns anos mesmo que as emissões de CO<sub>2</sub> sejam controladas. Aliás, alguns cientistas acreditam que os oceanos podem ser muito importantes no controle das emissões de CO<sub>2</sub>. O problema então reside no aquecimento da atmosfera e, conseqüentemente, dos oceanos, o que reduz nestes a capacidade de armazenar CO<sub>2</sub>.

No Brasil, em dezembro de 2008, foi assinado pelo Presidente da República o Plano Nacional de Mudanças Climáticas (PNMC), que estabelece metas ambiciosas de redução de emissão de gás carbônico. A principal é a redução escalonada do desmatamento da Amazônia, com o objetivo de evitar a emissão de 4,6 bilhões de toneladas de gás carbônico, uma queda de 70% do nível hoje registrado. O plano brasileiro foi apresentado pelo Ministro do Meio Ambiente na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, na Polônia.

O setor empresarial brasileiro, em parceria com ONGs ambientalistas e instituições de ensino, tem amadurecido na discussão desse assunto e já vem adotando medidas práticas. Em 2007, foi lançado o Pacto de Ação em Defesa do Clima, documento inédito, elaborado e proposto pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS). No pacto, grandes empresas e ONGs ambientalistas de reputação como Greenpeace, assumiram o compromisso de mobilizar a sociedade para reduzir os níveis de emissão no país e contribuir para o cumprimento das metas da Convenção Mundial do Clima, segundo a qual a elevação da temperatura média do planeta não poderá ultrapassar 2° C até 2100. Em 2008, o CEBDS e a Fundação Getúlio Vargas lançaram o Protocolo de Gás de Efeito Estufa (GHG Protocol), permitindo que empresas possam utilizar a ferramenta mais moderna e confiável para medição de emissões de gases indutores do aquecimento global. Segundo o presidente-executivo do CEBDS, o PNMC deve, portanto, não só procurar convergir para o consenso democrático, dando direito a voz e voto a diferentes setores da sociedade, mas também em mais uma política energética para o país, valorizando seus princípios ativos – matriz limpa, biodiversidade e biocombustíveis.



Mas de acordo com estudos efetuados pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology), mesmo que fosse alcançada uma redução de 80% nas emissões de CO<sub>2</sub> até 2050, a temperatura do planeta subiria 4 graus. Por isso, alguns ambientalistas acham que essa meta deve ser antecipada para 2020. Com um aumento da temperatura dessa ordem, a elevação do nível dos oceanos seria preocupante, uma vez que o derretimento do Ártico e da Groelândia poderia elevar esse nível para, no mínimo, 25 metros, o que atingiria todos os países que tem grandes costas marítimas, como o Brasil. Isto forçaria a migração das populações litorâneas para o interior, em meio à falta de alimentos. O derretimento de geleiras afetaria cerca de 2,5 bilhões de pessoas, especialmente na China e na Itália. A ocorrência de secas poderia acontecer na América Central, provocando ondas de migrações para os Estados Unidos e dali para o Canadá.

Os cientistas alertam, também, sobre as emissões naturais do metano para a atmosfera, causadas pelo degelo. Segundo eles, um comandante de navio russo, ao navegar pelo Ártico, testemunhou que a água borbulhava pelo escapamento do metano, entre os blocos de gelo que se desintegravam.

No Brasil, o Ministério do Meio Ambiente, com o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas lançou, em dezembro de 2008, o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PNMC), que conta com elevado número de cientistas e elabora estudos de

vulnerabilidade regionais às mudanças climáticas, entre outros temas de importância ligados ao assunto.

No que se refere aos combustíveis fósseis, as principais fábricas de automóveis em todo mundo (Alemanha, França, Itália, Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul), já estão testando veículos movidos a combustível de hidrogênio ou a pilha de hidrogênio (com motor elétrico), sem emissão de poluentes. Em futuro próximo, portanto, o hidrogênio poderá substituir o petróleo como matriz energética, liberando a atmosfera da dramática poluição causada pelos gases resultantes da queima do petróleo e seus derivados. Apesar de tudo indicar que essa fonte de energia, provavelmente mais cara do que as atuais, estará imbatível a vantagem própria do hidrogênio, pela sua incapacidade de ser prejudicial ao meio ambiente, como normalmente acontece com qualquer outro combustível. O fato de o PNMC incentivar a retomada das hidroelétricas e procurar impulsionar o uso de energia eólica, não dispensa o Brasil de se juntar aos esforços internacionais relativos ao uso do hidrogênio como combustível, como fez atualmente ao se juntar ao grupo de países que integram o ITER (International Thermonuclear Experimental Reactor), que pretende não só investigar a fusão term nuclear controlada, mas principalmente verificar a possibilidade de obtenções de nova fonte de energia.

Com uma população humana acima de 7 bilhões, e sempre em crescimento, torna-se efetivamente muito difícil manter

o equilíbrio necessário entre as diferentes fontes física e biológica do amplo ecossistema representado pelo planeta. Para uma população dessa ordem, as necessidades de alimentação, moradia, vestimenta, transporte, trabalho, lazer e de bens de toda espécie, têm sido a causa principal dos desequilíbrios e da degradação ambiental. A expansão urbana, com a construção de grandes metrópoles e bairros periféricos, a rede viária, a industrialização acelerada, o agronegócio, a pecuária, o aterro dos rios e manguezais, o lixo, a grilagem de terras, o garimpo, toda uma extensa área de atividades do homem, lícitas ou ilícitas, foi quase sempre realizada sem a mínima preocupação com as questões ambientais. Florestas foram abatidas e queimadas, populações indígenas dizimadas, várias espécies de animais extintas, rios aterrados, santuários e nichos ecológicos destruídos ou alterados, a erosão acelerada, enfim, a poluição generalizada, tudo isso, no rastro da caminhada civilizacional do homem entremeada de conquistas, de lutas, de guerras, de escravidão, de mortalidade, de sofrimentos, onde a paz, a solidariedade, o entendimento, os princípios e ensinamentos cristãos, nem sempre prevaleciam ante a ganância, o imediatismo, a irresponsabilidade e o egoísmo.

No Brasil, a redução dos gases do efeito estufa, sobretudo do CO<sub>2</sub>, está intimamente relacionada com o combate ao desmatamento e com a regeneração da vegetação devastada na Amazônia, na Mata Atlântica, no Cerrado, na Caatinga e no Pantanal. Nos últimos 30 anos, foram derrubados mais de 600.000 km<sup>2</sup> da Floresta Amazônica, simplesmente pela ação predatória do homem. A maior parte da depredação e devastação ocorreu na fronteira sul da floresta, através da expansão agrícola feita por grandes proprietários de terra facilitados pela abertura de estradas predatórias como a BR-163 e pela concessão indiscriminada de créditos facilitadores da destruição florestal. Na fronteira leste, sobretudo no estado do Pará, a devastação florestal foi acelerada essencialmente pelo próprio conceito de uma reforma agrária em que os assentamentos simplesmente devastaram a floresta com absoluta falta de planejamento, de assistência técnica, creditícia e educacional que os fixassem à terra.

O Brasil encontra-se no centro das atenções mundiais quando se trata de





preservação do meio ambiente, principalmente por causa da Floresta Amazônica. Com um território de dimensões continentais e possuindo vários ecossistemas específicos – Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e o Pampa –, o Brasil tem todas as condições para assumir uma posição de destaque e liderança nos debates e discussões internacionais que irão propor as medidas preventivas e corretivas necessárias para minorar os efeitos e as alterações climáticas, com a redução dos gases do efeito estufa na atmosfera.

No momento, não se trata de querer responsabilizar os países mais desenvolvidos



pela crise climática, mas de unirmos esforços de todos para salvar o planeta. E o Brasil pode assumir a vanguarda desses esforços, salvando a sua Floresta Amazônica e os vários biomas com que a natureza o dotou. ■



# MASLOW, HERZBERG, LACAN INDICAÇÕES PARA A SATISFAÇÃO 4.0

CT (S) HAENDEL MOTTA ARANTES\*

O presente artigo revisita os estudos da Motivação, através de autores variados, tentando atualizá-lo diante da revolução digital que se avizinha, conhecida como Indústria 4.0

**P**ouca gente sabe, mas o próprio Maslow relativiza sua pirâmide anos mais tarde. Sua cultuada hierarquia das necessidades é proposta em 1943, no artigo "A Theory of Human Motivation". Hoje, a pirâmide de Maslow também circula numa bem humorada versão "atualizada", com *wifi* e *bateria* anteriores a qualquer necessidade fisiológica.

Curioso como a hierarquia de necessidades original, proposta em 1943, orienta de modo tão onipresente o tema da motivação, a despeito das considerações posteriores de Maslow, feitas em 1954.

Mais adiante, em 1968, Frederick Herzberg publica na *Harvard Business Review* seu "One more time: how do you motivate employees?", reimpresso em 1987 como o **artigo de maior repercussão** da revista até então.

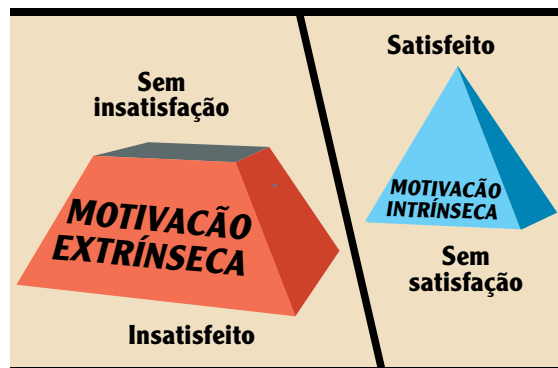


A sacada de Herzberg é mesmo inquietante. Pesquisando motivação por duas décadas em diversos setores, o psicólogo americano apresenta uma dicotomia – fatores higiênicos vs. motivacionais, conhecida como *Teoria dos dois fatores* – que pode muito bem ser lida como **a chave que divide** a pirâmide de Maslow em duas.

Fosse mesmo uma escalada única e hierarquizada, seria impossível obter a sensação de **realização pessoal** antes de estarem resolvidas as muitas **necessidades materiais**. Mas cenas como as vistas, por exemplo, em hospitais ou escolas, onde a precariedade de recursos contrasta, por vezes, com um alto grau de comprometimento e energia despendido por seus profissionais, atestam a necessidade de uma relativização.

Herzberg, por sua vez, separa a motivação em dois vieses, deixando muito claro o seguinte – e brilhante – raciocínio: fatores que nos tornam **insatisfeitos** no trabalho podem ser melhorados apenas a ponto de nos deixar **sem insatisfações**; já uma relação **sem satisfação** com o trabalho só poderá encontrar **satisfação** quando a natureza do trabalho em si disser respeito ao sujeito. Fatores extrínsecos e intrínsecos.

Não restam dúvidas de que fatores extrínsecos insatisfatórios – tais como salário baixo, recursos precários, regras estúpidas ou pouco ágeis, chefias despreparadas ou tóxicas etc. – poderão, em algum momento, acabar minando a motivação intrínseca de qualquer profissional; o que não se pode perder de vista, com Herzberg, é que **a tentativa de produzir motivação intrínseca**



com base na melhoria exclusiva de fatores **extrínsecos** resultará, frequentemente, em efeitos aquém dos desejados.

Experimente oferecer um bônus generoso a quem já goza de um bom salário, acreditando gerar com isso mais engajamento

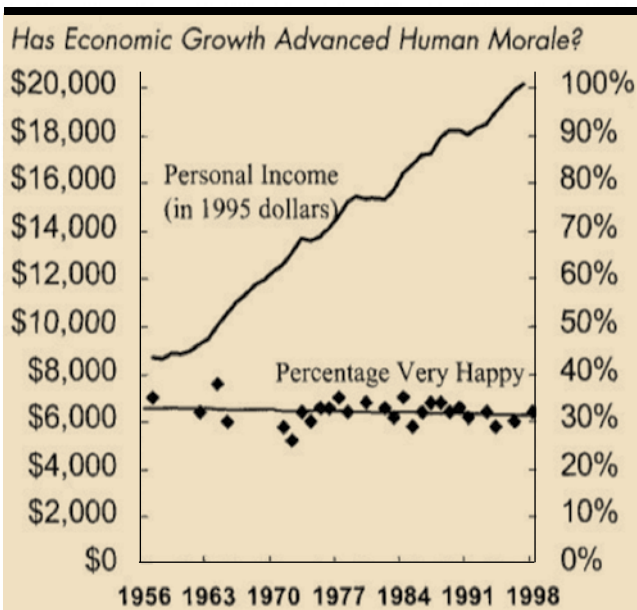


em relação a determinado projeto – em geral, você irá conseguir gerar apenas um belo constrangimento. Citando o próprio Herzberg: “Se procuro seduzir alguém para que se mova, quem está motivado sou eu”.

Nessa medida, o papel das lideranças não consiste em motivar, mas **permitir que a motivação intrínseca dos sujeitos se manifeste**; o líder abre passagem para que os talentos e habilidades do sujeito – e para isso irá precisar conhecer bem sua equipe – possam ser bem aproveitados e incentivados a se desenvolver. Isso produz ganho de sentido ao trabalho e faz dele um meio de satisfação em si – não apenas um ambiente estéril à procura de trocas ou transações de ordem extrínseca.

Em relação específica a **salário e satisfação pessoal**, é bom ter em vista o artigo excelente de David Myers, “The Funds, Friends, and Faith of Happy People”, publicado em 2000. Seu gráfico mais conhecido (abaixo) já foi citado em importantes *TED Talks*, como o de Daniel Kahneman, psicólogo Nobel de Economia.

O estudo demonstrado por Myers constata que, sim, baixos níveis de renda geram variados tipos de **infelicidade**; contudo, a partir de determinado patamar financeiro, o aumento do nível de renda não produz qualquer ganho de **satisfação pessoal**. Alguma semelhança com a teoria dos dois fatores de Herzberg?



Note. While inflation-adjusted income has risen, self-reported happiness has not. Income data from the U.S. Commerce Department, Bureau of the Census (1975), and *Economic Indicators*. Happiness data from General Social Surveys, National Opinion Research Center, University of Chicago. See Footnote 1.

O estudo de Myers também é exposto no saboroso TED Talk do psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi, que fala sobre a experiência do *Flow*, estado de “fluxo”, por meio do qual o sujeito se sente **inteiramente envolvido** em sua atividade laboral (uma vez em *flow*, a hora voa e você fica irritado por ter que interromper o que está fazendo).

Não há dígito salarial que possa conduzir alguém a esse tipo de estado. A “moeda de valor” aqui é o estado de *flow* em si, ou o caminho de desenvolvimento que leva você até ele.

E claro que não há como permanecer unicamente em *flow*, pelo contrário: quem quiser provar desse “filé”, só o fará abraçando também o seu “osso”. Há uma fantasia em nós que constantemente anseia separar o agradável do desagradável, numa espécie de ofício mítico – mas só aqueles capazes de suportar as adversidades de suas escolhas gozarão do prazer desse fluir.

Além do que, **não há meios de escolher por ato consciente** o ofício no qual “gostaríamos” de fluir. É preciso se lançar no campo das experiências para checar em que tipo de atividade embarcamos nesse tipo precioso de fruição laborativa.

No contexto de mudanças aceleradas da revolução industrial que se avizinha, conhecida como **Indústria 4.0**, fica a pergunta sobre o real propósito de grande parte daqueles que buscam em suas *startups* de transformação massiva o tal “efeito unicórnio”. Quantos não operam ali movidos pela fantasia de enriquecimento exponencial, sem estar advertidos de que mesmo o máximo conforto não é resposta para a satisfação pessoal. Aqueles não movidos por uma causa que realmente lhes diga respeito, e sim por ganhos externos, tenderão a abandonar o barco nas primeiras dificuldades.

Mas esses são velhos recados que precisam ser constantemente reeditados:

1) quem acredita que pode motivar pessoas parte do pressuposto de que elas devem ser chefiadas, e não lideradas (Bergamini, 1994);

2) mitigar insatisfações ou tentar gratificar, por si só, não faz ninguém trabalhar em “modo *flow*”;

3) realização pessoal e conforto material avançam em pirâmides distintas.

Quanto a esse último ponto, Jacques Lacan, psicanalista francês que deu fôlego renovado ao legado de Freud, fala da ética da psicanálise enquanto *ética voltada para o desejo*, isto é, para aquilo que comumente entendemos como busca pela realização de nossas disposições intrínsecas. A isso Lacan opõe uma *ética a serviço dos bens*, tipo de busca que procura encontrar nos objetos um tipo de satisfação que nunca se alcança, nunca se completa, e desliza em miragens ideais de conforto e estética, num tédio angustiante que ignora o que seja *fluir*.

Ficam, para esse contexto atual de incertezas, as indicações dos autores aqui citados para um modelo de Satisfação 4.0. ■

● Um agradecimento especial ao CMG (RM1-EN) Aloysio Vianna Jr., professor com quem muito aprendi até poder chegar a tecer essas palavras.

## Referências:

- BERGAMINI, C. (1994) Liderança: A administração do sentido. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v.34, n.3, Mai/Jun.
- HERZBERG, F. (1968) One more time: how do you motivate employees? Boston: Harvard Business Review.
- LACAN, J. (1960) Seminário 7, A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MYERS, D. (2000) The Funds, Friends, and Faith of Happy People. *American Psychologist*. Jan. 2000.
- SAMPAIO, J. dos R. (2009) O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *R.Adm.*, São Paulo, v.44, n.1, p.5-16, jan./fev./mar. 2009.
- TED Talks: [https://www.ted.com/talks/daniel\\_kahneman\\_the\\_riddle\\_of\\_experience\\_vs\\_memory](https://www.ted.com/talks/daniel_kahneman_the_riddle_of_experience_vs_memory)
- [https://www.ted.com/talks/mihaly\\_csikszentmihalyi\\_on\\_flow?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/mihaly_csikszentmihalyi_on_flow?language=pt-br)

\*Mestre em psicologia (PUC-Rio), psicólogo clínico do Centro Médico Assistencial da Marinha / Ambulatório Naval da Penha. [haendelmotta@gmail.com](mailto:haendelmotta@gmail.com)



# ONDAS, CORP E AS DUAS RAN

CMG (Ref) PAULO ROBERTO GOTAC

*I think I can safely say that nobody understands quantum mechanics*

Richard Feynman, Nobel de Física, 1965

O presente trabalho tem como propósito apresentar, em duas etapas, um resumo do desenvolvimento da Mecânica Quântica a partir da formulação do primeiro paradigma teórico consistente, construído por Heisenberg, em 1925, capaz de sintetizar o conhecimento acumulado desde a hipótese quântica de Max Planck, anunciada em 1900, estendida por Einstein em 1905, até as regras *ad hoc* de Bohr, muito bem-sucedidas na elucidação do espectro do hidrogênio.

É mostrada também a revolucionária ideia de Louis de Broglie, de associar às partículas um comportamento ondulatório, modelo formalizado por Erwin Schrödinger, criador da equação que recebe seu nome, básica da nova teoria, e notável, mediante seu uso na explicação dos fenômenos do mundo microscópico, pela enorme exatidão com a experiência, sendo, de certa forma responsável pelos enormes avanços tecnológicos que transformaram a vida moderna.

A exposição se encerra com uma tentativa de expor as dificuldades de interpretar em termos compreensíveis, dentro do escopo da escala humana, o que significa todo o elenco de procedimentos formais e que tipo de realidade a Física Quântica procura transmitir.

A fim de sublinhar a perplexidade ainda reinante em relação às suas fundações, mostram-se conclusões pouco intuitivas de um experimento nas quais parece residir todo o mistério (segunda parte).

## Os saltos quânticos de Heisenberg

**E**m meados da década de 20 do século XX, a Mecânica Quântica se encontrava num impasse, pois exibía uma formulação baseada em regras semi-clássicas<sup>[1]</sup> (mistura de conceitos baseados em princípios da Mecânica de Newton e em hipóteses *ad hoc*, revolucionárias, formuladas por Niels Bohr em 1913, para explicar a estabilidade atômica da estrutura confirmada experimentalmente por Ernst Rutherford<sup>[2]</sup>, com um núcleo orbitado por elétrons negativos), com a presença da inexorável e finita, porém pequena, constante de Planck,  $h$ ,<sup>[3]</sup> e “saltos quânticos”, admiravelmente confirmados para algumas raias do espectro do átomo de hidrogênio e para a constituição da tabela periódica, mas dando sinais de fragilidade para problemas ligeiramente mais complexos, obrigando alguns físicos dedicados a introduzirem “remendos” nas hipóteses originais.

A situação só chegou a um porto seguro com a publicação, em 1925, de célebre trabalho organizado por um discípulo de Bohr, Werner Heisenberg (1901–1976)<sup>[4]</sup>, que, com menos de vinte e cinco anos, lançou os pilares teóricos da Mecânica Quântica, válidos até hoje, baseando-se exclusivamente em fenômenos observáveis – as raias espectrais – modelados matematicamente por uma não-comutatividade identificada com o então meio desconhecido cálculo de matrizes. Pelo seu trabalho no estabelecimento das fundações da nova ciência e pela publicação de outro no qual formulou o famoso Princípio da Incerteza<sup>[5]</sup>, que estabeleceu a magnitude da

# ÚSCULOS HURAS

1ª  
parte



perturbação que o ato de observar um parâmetro do sistema quântico (sua posição, p. ex.) impõe sobre seu conjugado (a quantidade de movimento), Heisenberg recebeu o Nobel de Física em 1932.

## De Broglie e suas ondas

Mas outras visões começavam a se delinear.

Nem todos os Físicos daquela época, que se prenunciava frenética, viam com bons olhos a complexidade matemática



Louis de Broglie



Werner Heisenberg

da nova teoria e muito menos os estranhos saltos quânticos, cuja origem e constituição ninguém explicava.

Foi dentro deste ambiente de certa perplexidade que surgiu um príncipe francês que formulou uma hipótese que iria ameaçar a relativa estabilidade das partículas, como os elétrons, das ondas puras, capazes de exibir interferências e difrações, e dos corpúsculos a elas associados e evidenciados nas mais agitadas – frequências maiores – que surgiram na esteira de uma explicação do chamado efeito fotoelétrico.

Louis Victor Pierre Raymond de Broglie, mais conhecido entre os físicos como Louis de Broglie (1892 – 1987)<sup>[6]</sup> pertencia, como se pode concluir da estrutura de seu nome completo, a uma família de longa linhagem

de nobres franceses.

Inicialmente, por sutil imposição da família no sentido de consolidar a influência do clã no governo da França, foi orientado para estudar e seguir carreira de Direito. Com a morte prematura de seu pai, no entanto, quando contava com somente 14 anos de idade, sua educação ficou a cargo do irmão mais velho Maurice, oficial de Marinha, que, conseguindo graduar-se em Física, passou a dedicar-se, com o abandono da carreira militar, ao trabalho científico, interagindo com os pioneiros do mundo quântico que começava a surgir, como Einstein, Planck, Bohr e outros. Durante o tempo que trabalhou com o irmão, o jovem príncipe adquiriu o interesse pela Física, que teve que ser descontinuado por causa da eclosão da primeira Grande Guerra (1914 – 1918), durante a qual atuou na área de comunicações, ocupando posto na Torre Eiffel.

## Louis de Broglie

A partir de 1923, de Broglie, refletindo sobre a dualidade onda-partícula representada pelas partículas de luz propostas por Einstein para explicar o efeito fotoelétrico – a palavra “fóton” só apareceu pela primeira vez em 1926, em trabalho do químico Gilbert Newton Lewis (1875 – 1946) – e considerando o conteúdo revolucionário da teoria da relatividade por ele, Einstein, também formulada para solucionar as inconsistências ligadas às medidas de tempo e espaço, e à constância da velocidade de propagação no vácuo das radiações eletromagnéticas, previstas na teoria do eletromagnetismo criada por James Clerk Maxwell (1839 – 1871)<sup>[7]</sup>, num rasgo de rara intuição e “*insight*”, imaginou uma situação, segundo a qual, partículas, especialmente elétrons, quando em movimento, poderiam apresentar características ondulatórias, e suas órbitas nos átomos, idealizadas por ondas estacionárias, cujos números de nós se ajustavam ao perímetro da órbita permitida pelo critério de Bohr, que, mudando

de níveis quando decaíam, apresentavam novos números inteiros de nós, contornado assim os enigmáticos “saltos quânticos”. A situação é esquematicamente mostrada nas figuras abaixo.

Ao desenvolver sua ideia, conseguiu determinar o comprimento de onda correspondente,  $\lambda$  em função da quantidade de movimento (produto da massa pela velocidade),  $p$ , da partícula, simetricamente aos fótons de Einstein, em relação à radiação. A relação obtida, evidentemente com a participação da constante de Planck,  $h$ , foi:

$$\lambda = \frac{h}{p}$$

Seu trabalho de tese apresentando a proposta foi submetido em 1924<sup>[8]</sup>, sendo laureado com o Nobel de Física de 1929.

Apesar de não estar ainda apoiada em comprovação experimental, sua formulação foi inicialmente muito bem recebida por um bom grupo de físicos, entre os quais Einstein, que ansiava por uma alternativa à estranha, à época, descrição matricial e aos

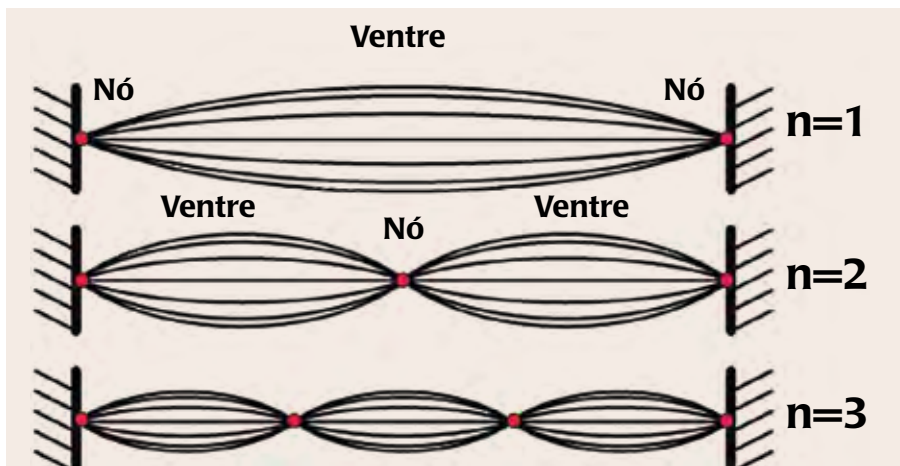
saltos quânticos, além do fato que as ondas constituíam um modelo bem mais familiar.

A verificação experimental veio através dos trabalhos dos americanos Joseph Davisson (1881- 1958) e Lester Germer (1896 – 1975)<sup>[9]</sup>, quando, em 1927, lançaram um feixe de elétrons que, ao ser refletido por uma fina lâmina de cristal de níquel, produziu um padrão de difração, típico de fenômenos ondulatórios, fazendo prever um comprimento de onda de acordo com o que era estipulado pela análise de De Broglie, o que atestava a consistência da sua hipótese.

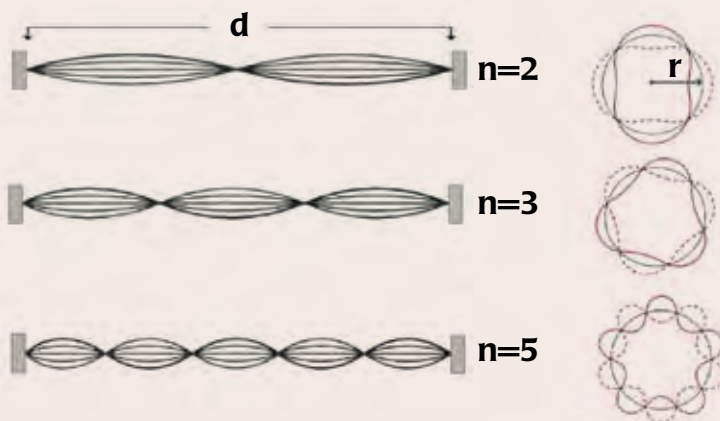
No mesmo ano, o físico inglês G.P. Thomson (1892 – 1975)<sup>[10]</sup>, filho de J.J. Thomson (1856 – 1940)<sup>[11]</sup>, descobridor do elétron, partícula material por excelência, realizou experiências semelhantes e comprovou a realidade das ondas associadas, com parâmetros coincidentes com os propostos pelo físico francês.

Pelos seus trabalhos, Davisson e Thomson receberam o Nobel de Física de 1937. É um notável fato histórico que pai, J. J. Thomson, e filho, G.P. Thomson, tenham sido laureados com o Nobel de Física, no espaço de 31 anos (o pai, em 1906 e o filho em 1937) por trabalhos sobre características opostas exibidas pelo elétron.

A figura abaixo mostra um padrão típico de padrão ondulatório obtido por difração de um feixe de elétrons.



**O elétron só pode ocupar órbitas cujo perímetro coincida com o comprimento de onda de De Broglie!**



## Schrödinger e sua equação

A proposta de Broglie, no entanto, adquiriu toda a sua plenitude para o desenvolvimento da Mecânica Quântica, quando o polímata austríaco Erwin Schrödinger (1887 – 1961)<sup>[12]</sup> – notável físico, interessado em pessoas, ideias e filosofia, autor de uma das mais influentes obras de biologia molecular, *What Is Life* – <sup>[13]</sup>, apresentou à comunidade científica dedicada, em 1926<sup>[14]</sup> uma equação capaz de descrever a propagação da onda associada à partícula, através de uma entidade à qual deu o nome de “função de onda”, tradicionalmente representada pela letra grega  $\Psi$  (Psi), a hoje conhecida

“Equação de Schrödinger” que, embora restrita a situações não relativistas (velocidade pequena em relação à velocidade da luz no vácuo), ainda faz parte de boa parcela dos livros textos introdutórios do assunto, equivalendo, para a explicação de fenômenos no domínio atômico, às leis de Newton, para a mecânica clássica.

Por mera curiosidade, sem a pretensão de entrar em detalhes sobre os símbolos e operações matemáticas, ela é apresentada

**Padrão de difração obtido a partir de um feixe de elétrons**



**Davisson e Germer**

abaixo, na forma unidimensional:

$$-\frac{\hbar^2}{2m} \frac{\partial^2 \Psi(x,t)}{\partial x^2} + \Psi(x,t) \Psi(x,t) = i\hbar \frac{\partial \Psi(x,t)}{\partial t}$$

onde  $\Psi(x,t)$  é a função de onda,  $\hbar = \frac{h}{2\pi}$ ,  $h$



**G.P. Thomson**



**Erwin Schrödinger em 1933**

a constante de Planck,  $x$ , a coordenada de posição da partícula,  $t$ , o tempo,  $V(x,t)$ , a sua energia potencial e  $i = \sqrt{-1}$ , o indicativo dos números complexos, sugerindo que as soluções podem ser complexas.

Tais soluções, para as várias situações, são, sob o ponto de vista matemático, formalmente equivalentes às obtidas pelos métodos matriciais de Heisenberg, conforme provado em trabalho elaborado pelo próprio Schrödinger, além de serem de mais fácil obtenção, por lidarem com entidades, as ondas, com as quais os físicos estavam mais familiarizados.

Pela sua contribuição para o avanço do conhecimento ligado ao domínio atômico, Schrödinger recebeu o Nobel de Física de 1933, dividido com o inglês Paul Dirac (1902 – 1984)<sup>[15]</sup>, responsável, entre outras realizações, pela extensão da teoria do cientista austríaco, através da qual foi possível incluir situações relativistas, além de permitir a dedução lógica, propiciada pela sua formulação, da realidade do chamado “spin”, propriedade puramente quântica – sem associação, no entanto, à rotação em torno do próprio eixo sugerida pelo senso comum – exibida por algumas partículas, no caso, pelo elétron também, seu objeto de estudo, já antecipada por Wolfgang Pauli (1900 – 1958), Nobel de Física de 1945, quando formulou o seu Princípio da Exclusão, e de propor a existência de uma notável entidade nova, mais tarde comprovada experimentalmente, o pósitron, um equivalente positivo do elétron. ■

## Referências Bibliográficas

1. Kumar, M. Quantum – Einstein, Bohr, and The great debate about the nature of reality W. Norton & Company, New York, N.Y. 2008
2. Rutherford, E. (1911). “The Scattering of  $\alpha$  and  $\beta$  rays by Matter and the Structure of the Atom”. *Philosophical Magazine*. 6: 21.
3. <https://www.infoescola.com/fisica/constante-de-planck/>
4. *On a Quantum-Theoretical Reinterpretation of Kinematics and Mechanical Relations*, traduzido para o inglês por Van der Waerden (1967)
5. Heisenberg, W. (1927), “Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik”, *Zeitschrift für Physik* (in German), 43 (3–4): 172–198, Bibcode:1927ZPhy...43..172H, doi:10.1007/BF01397280. Annotated pre-publication proof sheet of Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik, March 21, 1927
6. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis\\_de\\_Broglie](https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_de_Broglie)
7. Gotaç, P.R. “O esquecido Maxwell” *Revista do Clube Naval*, No. 373, jan/fev/mar, 2015
8. L. de Broglie, *Recherches sur la théorie des quanta*, Thesis (Paris), 1924; L. de Broglie, *Ann. Phys. (Paris)* 3, 22 (1925). Reimpresso em *Ann. Found. Louis de Broglie* 17 (1992) p. 22
9. <http://hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/quantum/DavGer2.html>
10. [https://pt.wikipedia.org/wiki/George\\_Paget\\_Thomson](https://pt.wikipedia.org/wiki/George_Paget_Thomson).
11. <https://www.google.com/search?q=J.J.Thomson&aq=J.J.Thomson&aq=chrome..69i57j0l5.8735j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>
12. <https://www.britannica.com/biography/Erwin-Schrodinger>
13. Schrödinger, E. *What Is Life*, Cambridge Press, 1992
14. Schrödinger, E. (1926). “An Undulatory Theory of the Mechanics of Atoms and Molecules” (PDF). *Physical Review* (em inglês). 28 (6): 1049–1070. Bibcode:1926Ph v...28.1049S. doi:10.1103/PhysRev.28.1049
15. <https://www.google.com.br/search?q=Dirac&aq=Dirac&aq=chrome..69i57j0l5.8256j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>



**Paul Dirac**

**Leia a 2ª PARTE desta matéria na próxima edição.**



# ASSENTANDO PRAÇA NA INTERNET DAS COISAS - IoT

LÁZARO MARBACK D'OLIVEIRA\*

**O sábio deve dormir pouco.  
Ao contrário - no tempo voraz -  
O sábio de longo sono  
Quando acorda já não o é mais.**



O CTEMI, Grupo de Interesse em Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática e Inovação, do Departamento Cultural do Clube Naval, promoveu, no dia 27 de novembro de 2018, no Salão dos Conselheiros, o seminário *IoT: Internet das Coisas. Perspectivas e Desafios no Brasil*.

O Prof. Lourival Moreira, no seu blog <lourivalmoreira.blogspot.com> descreve o seminário com bastante fidelidade. Relatando o conteúdo das palestras, comentando sobre os eminentes apresentadores e sobre alguns participantes do evento.

No entanto, IoT ainda é uma incógnita para a maioria das pessoas, mesmo entre as muitas que têm níveis técnico, acadêmico ou acima; principalmente entre aqueles outros grupos menos conscientes da evolução científica. Contudo, estas últimas pessoas serão, em breve, o público mais numericamente atingido por esta tecnologia. Indiscutivelmente, este universo semileigo, que é apenas usuário dos frutos da cibernética, para prestigiarem um evento descritivo sobre qualquer novo fenômeno científico ou apenas inovador, antes de tudo, solicita se sentir com a mínima informação do que trata.

Assim, em apoio ao esforço do encontro do CTEMI, faço aqui uma exposição, não tão multisciente do assunto, porque o objetivo é o de apenas esclarecer as dúvidas primárias do que seja IoT e criar mais interesse pelos temas desenvolvidos no egrégio seminário.

Por que se tem a sigla "IoT" para denominar a internet das coisas? Bem, como é sob a língua inglesa que a maioria das inovações tecnológicas são divulgadas, IoT significa *Internet of Things*.

A internet popularizou-se como sendo, principalmente, um meio de comunicação que agia direta ou indiretamente entre as pessoas. Já a internet das coisas se caracteriza por ser composta por dispositivos (coisas), isto é, por sensores e outros engenhos inteligentes, os quais captam dados e podem mesmo tomar decisões, havendo possibilidades de operarem independentemente, sem a direta interferência do manuseio humano, mas sempre conectados à internet.

A IoT está evoluindo radicalmente devido, entre outros motivos, às necessidades e deficiências dos seres humanos em captar, selecionar, analisar e tomar decisões pragmáticas, sem improvisos e

em tempo mínimo. Os modernos sensores são dispositivos que fazem isto com tanta precisão e rapidez quanto a qualidade da sua fabricação.

Numa explicação algo notória, pode-se dizer que a informática se desenvolveu de forma pouco integrada entre seus campos, isto é, ela progredia em separados desenvolvimentos destinados às aplicações industriais, outros destinados aos aparelhos de uso doméstico e finalmente veio a implementação dos aparelhos móveis pessoais.

Tudo isso tinha uma fraca comunicabilidade entre si, devido à então baixa eficiência das tecnologias de comunicação. Os progressos com a internet vieram a permitir que estes vários campos passassem a ter ótimas possibilidades de se comunicarem entre si. A IoT veio fornecer a oportunidade de haver conexões entre uma incontável quantidade de dispositivos no mundo todo. Quer sejam estes dispositivos domésticos ou não, próximos ou distantes.

Esta explanação tem a finalidade de esclarecer aos leigos, como anteriormente mencionado, o significado da IoT na forma de uma explicação básica.

A informação dada aos curiosos sobre



o que é a IoT não se torna consistente se não houver noções mínimas a respeito dos elementos que a complementam e que se fazem funcionar em parcerias mútuas. Eis alguns deles:

Programas Data Base: um determinado analista, hipotético, recebia uma quantidade enorme de dados, mas humanamente não tinha condições de separá-los, inter-relacioná-los e classificá-los, em tempo útil. Como tomar decisões, mesmo tendo uma gama desejável, mas imensa, de dados e informações? Daí surgiu a necessidade de se criar programas que, alimentados automaticamente com estes dados, fossem capazes de tratá-los. Estes são os programas Data Base.

O levantamento dessas informações que são entregues ao Data Base pode ser feito por dispositivos locais, desde que todos estejam conectados à internet e trocando informações. Logo, há a possibilidade de um programa data-base ou outro qualquer de serem abastecidos diretamente por uma “coisa”; quando eles estão conectados à internet agilizam-se e dão mais confiabilidade aos resultados. Isto é IoT.

Seja um sensor de calor, de luz, de presença etc. ou qualquer outro aparelho que

esteja supervisionando algo; o que estes sensores detectarem poderá ser enviado e recebido em qualquer parte do mundo, se todas as “coisas” – transmissor, receptor e gerenciador – estiverem conectadas à internet. Isto é IoT.

A Telemetria Embarcada, apesar do nome, não é algo apenas concernente à Marinha. É um recurso de coleta e compartilhamento remoto de dados sobre veículos, máquinas e qualquer outra espécie de equipamento que se deseje o monitoramento, a supervisão e/ou o controle operativo. A palavra embarcada advém do fato de haver (“coisas”) sensores embarcados perfazendo um conjunto de *hardware* conectado, podendo conter GPS. A Telemetria Embarcada é pertinente quando qualquer sistema tem necessidade de logística para manobras, determinação de percursos, proteção de cargas, sincronismo de frotas, manutenção de sigilo etc. Se todos esses dispositivos embarcados estiverem conectados à internet, isto é IoT.

Brevemente quando se fizer uma compra de um apartamento, navio, geladeira etc, estes bens já serão recebidos – dependendo da época construtiva deles – com

portões de acesso, interruptores de luz, dispositivos de alimentação do gás, da água etc. Câmaras, velocímetros, anunciadores... Todas essas coisas já virão inclusas no elemento comprado e com capacidade de conexão à internet; logo, o bem adquirido estará em condições de supervisão e controle até a partir de um simples celular. Isto é IoT.

O Brasil tem a característica de não estar em sincronia com o hodierno progresso do primeiro mundo, mas quando determinada evolução nos chega é de forma avassaladoramente rápida e transformadora. Reiterando, em breve aqui no Brasil, haverá a disponibilidade comercial para a compra de bens móveis e imóveis que terão capacidade de conexão, de supervisão e de controle remoto através da internet, quer sejam eles para uso doméstico, militar ou além.

Por isso, deve-se levar em conta a chegada sufocante da IoT. Pelo menos, por aqueles que têm projetos de investimentos a médio ou longo prazo, quer sejam suas intensões nas áreas financeira ou social. ■

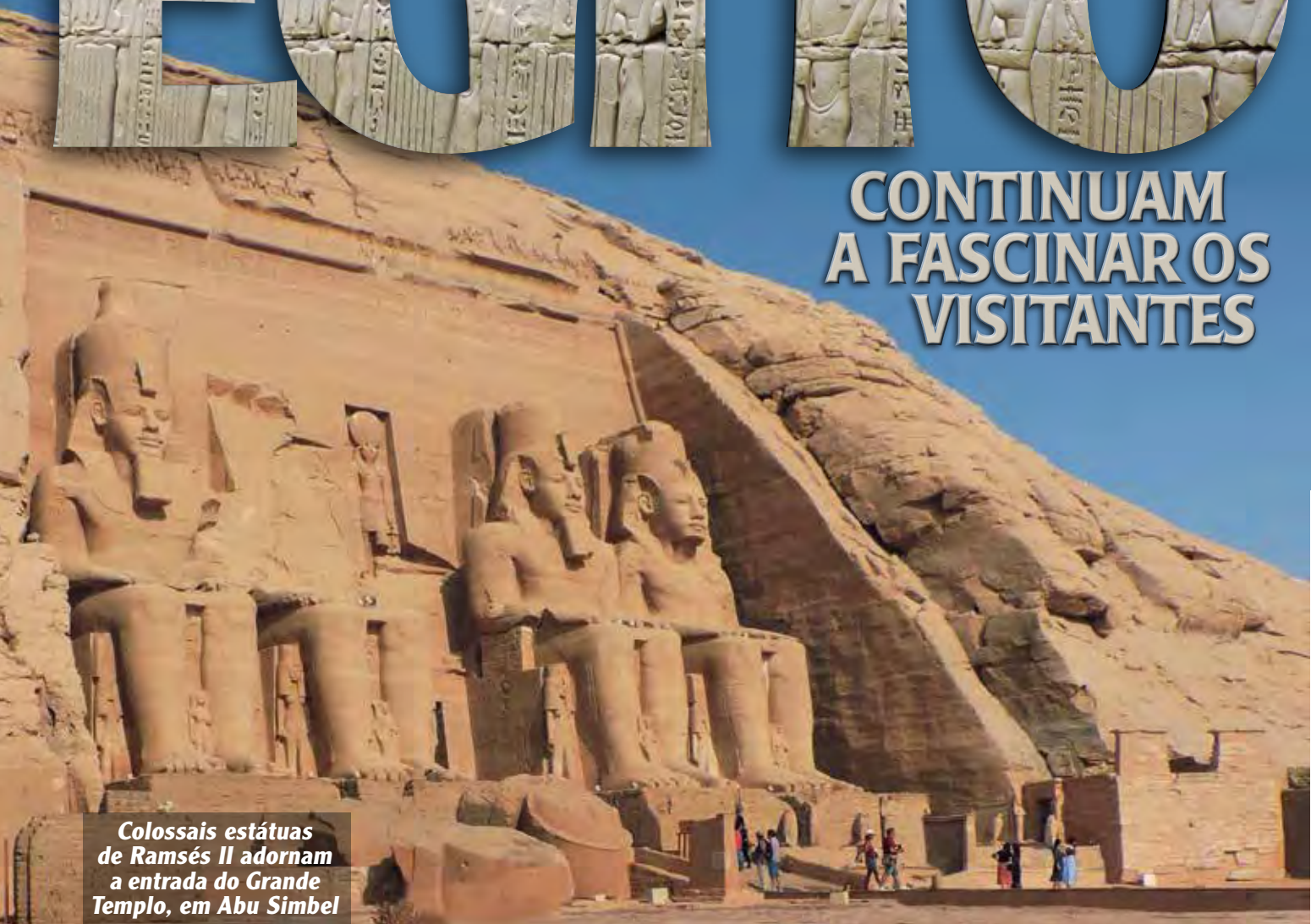
*\*Consultor de análises em Psicologia Sócio-Empresarial CRP\_RJ-24047. Membro do Círculo Literário do Clube Naval.*



# AS EXUBERANTES ATRAÇÕES DO



## CONTINUAM A FASCINAR OS VISITANTES



*Colossais estátuas de Ramsés II adornam a entrada do Grande Templo, em Abu Simbel*

Texto e fotos:

**CC (T) ROSA NAIR MEDEIROS**

Além das magníficas pirâmides e dos templos faraônicos, os visitantes são capturados por outros esplêndidos exemplares arquitetônicos, como suntuosas mesquitas, belas igrejas coptas e modernos arranha-céus. Ao patrimônio histórico e cultural do país, adicionam-se as contrastantes atrações naturais – desertos, oásis, a desejada costa mediterrânea, o pujante Vale do Nilo e o icônico Mar Vermelho.

Iniciamos a jornada pela Praça Tahrir, no centro da cidade do Cairo, a fervilhante capital. No entorno da praça, encontra-se o imperdível Museu Egípcio, cujo acervo compreende mais de 120 mil itens, reunindo papíros, joias, utensílios, esculturas colossais, modelos de representações do cotidiano, sarcófagos, entre diversos objetos. O auge da coleção é o Tesouro de Tutancâmon, composto por quatro santuários em madeira





**Museu Egípcio do Cairo**

dourada, caixões (um deles em ouro maciço), tronos, vasilhame de alabastro, mobiliário e a fabulosa máscara mortuária de ouro, incrustada de pedras semipreciosas. Também destacam-se no circuito expositivo a Sala das Múmias Reais e a de Amarna, que abriga artigos do reinado de Aquenáton (pai de Tutancâmon), considerado herege por fazer de "Atom" a única divindade de culto (século XIV a.C.).

Após a incursão pela história dos faraós, seguimos para a animada Corniche el-Nil, principal avenida, situada às margens do mítico Nilo. Dali, é fácil acessar a ilha Gezira, endereço da Torre do Cairo (ideal para obter uma panorâmica), do Museu de Arte Moderna Egípcia, da Ópera do Cairo e de outras atrações. Ao entardecer, o rio convida a um passeio de feluca, barco tradicional com vela triangular, que navega suavemente, enquanto o pôr do sol tinga o horizonte em tons de vermelho.

### **O patrimônio islâmico e copta**

Fundada pelo Califado Fatimida no século X, a cidade do Cairo apresenta, especialmente no setor denominado "Cairo Histórico", um rico legado islâmico do período medieval, declarado Patrimônio Mundial pela Unesco.

Essa área abriga a Cidadela de Saladino, fortificação construída no século XII para a defesa contra os Cruzados. Durante 700 anos, funcionou como centro de poder dos governantes egípcios. A fortaleza compreende palácios, museus (o da Polícia e o Militar) e mesquitas, distinguindo-se a de Mohammad Ali (século XIX), dotada de lindas cúpulas e imponentes minaretes, que recortam o horizonte. O templo é conhecido, popularmente, como Mesquita de Alabastro, devido ao material que reveste as suas paredes. Nas imediações da Cidadela, há outras imponentes edificações religiosas,

como a Mesquita do Sultão Hassan, erguida no século XIV, e a Al-Rifai (construída nos séculos XIX e XX), local de sepultamento de vários governantes.

O próximo destino é o tradicional mercado Khan el-Khalili, que se distribui por várias ruas, repletas de lojas, onde se pode adquirir uma infinidade de itens, como roupas, calçados, tecidos de algodão, joias, perfumes, artesanato. Essa ampla área comercial dispõe de ótimos locais para saborear diferentes tipos de chás e um autêntico café árabe. O elegante El-Fishawy, decorado com espelhos e madeira trabalhada, proporciona uma excelente pausa.

Também não dispensam visita os templos coptas (os cristãos representam cerca de 10% da população, sendo 90% coptas) na área conhecida como "Cairo Velho", entre eles a Igreja da Virgem ou Igreja Suspensa, construída sobre o portão de uma fortaleza romana. O templo possui três lindas naves, ícones do século VIII e um requintado púlpito do século XI. Nas proximidades estão a Igreja de São Sérgio e São Baco (século V), erguida sobre uma gruta que teria abrigado a Sagrada Família; a Igreja de Santa Bárbara (século XI); e a Igreja Ortodoxa Grega de São Jorge, cuja origem remonta ao século X (o prédio atual é do início do século XX). Esse setor aloja ainda o Museu Copta (dotado de joias, cerâmicas, manuscritos, ícones e painéis que retratam os cristãos no Egito) e a emblemática Sinagoga Ben-Esra (atualmente, um museu), onde foram encontrados importantes documentos judaicos antigos, quando da realização de reparos, no século XIX.

**Os minaretes da Mesquita de Alabastro recortam o horizonte**



## As pirâmides de Gizé, Sakara e Dahshur

Reservamos um dia para explorar as pirâmides, iniciando pela espetacular necrópole de Gizé, um dos ápices dessa viagem. Situada a 20 quilômetros do Cairo, guarda as icônicas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos (destinadas, respectivamente, ao pai, filho e neto), a Grande Esfinge e outras edificações menores. Erguida por volta de 2550 a.C. para ser o túmulo do faraó Quéops, a Grande Pirâmide figurou durante milênios como a mais alta construção, atingindo 146 metros. No seu entorno, distribuem-se as pequenas pirâmides das rainhas, mastabas (túmulos para os nobres) e fossos em formato de barcos. Nos anos 1950, descobriu-se uma embarcação, que



**No museu de Mit Rahina, um dos destaques é a estátua de Ramsés II, com 120 toneladas**

foi restaurada e colocada em exibição no Museu da Barca Solar, próximo à pirâmide. A nave ritual teria a função de transportar o faraó pelos céus na outra vida. O complexo de Quéops, assim como o dos outros soberanos, também compreendia dois templos funerários, interligados por uma passagem.

Já a vizinha Pirâmide de Quéfren distingue-se por ainda conter o revestimento de calcário em seu topo. Nas imediações, encontram-se o Templo do Vale e a escultura da Esfinge (ser mitológico com cabeça humana e silhueta de leão). A Pirâmide de Miquerinos, a menor das três, completa o fascinante cenário. Além de contemplar essas edificações ímpares, o visitante pode conhecer a câmara funerária dos faraós, no interior das pirâmides. E para um ângulo especial do complexo, proprietários de camelos oferecem passeios pelo sítio arqueológico. À noite, o local torna-se palco de um espetáculo de luz e som, no qual a esfinge narra a vida dos faraós e do povo do Egito Antigo.

Continuamos a jornada em direção ao formidável sítio arqueológico de Sakara, distante 30 quilômetros. No trajeto, o museu a céu aberto no vilarejo de Mit Rahina convida a uma parada. O espaço exhibe algumas das relíquias de Mênfis (fundada em 3000 a.C.), uma das capitais do Egito Antigo. Na coleção, destacam-se o Colosso de Ramsés II (com 120 toneladas) e uma esplêndida esfinge da 19ª Dinastia – o governo dos faraós abrangeu 30 dinastias; na sequência, houve o domínio persa, as dinastias macedônica e ptolomaica, o período romano e, no século

VII, a conquista árabe.

Percorrendo sete quilômetros a partir de Mit Rahina, alcança-se Sakara, antiga necrópole de Mênfis, dominada pela Pirâmide de Djoser (século XXVII a.C.), considerada a mais antiga do Egito. A edificação ficou conhecida como Pirâmide escalonada ou de degraus, pois compreende seis níveis sobrepostos. O sítio de Sakara integra templos, tumbas (decoradas com relevos e pinturas) e outras pirâmides. Estendendo o circuito por mais 16 quilômetros, chega-se à necrópole de Dahshur, endereço das pirâmides Vermelha e Curvada, ambas erguidas no reinado de Seneferu, pai de Quéops.

## As atrações de Alexandria

Embora seja possível fazer um bate e volta a partir da capital, Alexandria requer ao menos dois dias. Fundada na costa mediterrânea, por Alexandre, o Grande, a cidade tornou-se um importante porto e um centro difusor da cultura grega. Durante o período ptolomaico, foram construídos o Farol e a Biblioteca de Alexandria, dos quais não restaram vestígios. No local do farol, danificado por terremotos na Idade Média, foi erguida a Cidadela de Qaitbay, no século XV. A visita à fortaleza assegura lindas vistas da cidade e do Mediterrâneo.

Outro local concorrido é a nova Biblioteca de Alexandria, cujo prédio impressiona pelo *design* futurista, similar a um cilindro, apresentando na fachada caracteres de diferentes idiomas. Inaugurada em 2002, a biblioteca faz parte de um complexo cultural, que inclui vários museus. O amplo acervo





**A Fortaleza de Qaitbay ocupa o local do lendário Farol de Alexandria**

contempla obras raras, pinturas e esculturas.

Retornando às atrações históricas, os passeios organizados levam ao imponente Pilar de Pompeu (século III), protegido por duas esfinges. Erguido em homenagem ao imperador Diocleciano, fazia parte do templo do deus Serápis, onde funcionava um anexo da antiga biblioteca. A pouca distância, situam-se as catacumbas de Kom el-Shoqafa (séculos I e II), um impressionante complexo de tumbas, ornamentadas com estátuas, pinturas e elementos decorativos em estilo egípcio, grego e romano.

Merecem inclusão no roteiro o Museu Greco-Romano e o Museu Nacional de Alexandria, que retrata a história da cidade desde a antiguidade à era moderna. Depois da incursão pela cidade, os belos jardins do Palácio Montaza (adicionados, em 1932, pelo rei Fuad I) proporcionam uma ótima pausa.

### **Os monumentos no Vale do Nilo**

A viagem prossegue em direção ao Vale do Nilo, repleto de magníficos monumentos.

**As icônicas pirâmides da necrópole de Gizé**



**Vista parcial do Templo de Filas**

Luxor e Assuã são as principais cidades-base para explorar a região, contando com voos diretos da capital. A partir delas, pode-se percorrer as atrações, por via terrestre ou embarcar em um cruzeiro. O período a bordo varia conforme a opção de roteiro.

Como base inicial dessa travessia, escolhemos Assuã, onde o deserto e o Nilo, praticamente, se encontram. Nessa exuberante cidade, situada a cerca de 950 quilômetros

ao sul do Cairo, capturam o olhar a Ilha das Plantas (ou Kitchener), endereço do Jardim Botânico, e a Elefantina, que abriga ruínas de templos, um nilômetro (sistema utilizado pelos antigos egípcios para medir o nível do rio) e o museu da cidade.

Uma das paradas obrigatórias em Assuã, famosa pela produção de granito, é na pedreira onde repousa o Obelisco Inacabado (século XV a.C.), devido a uma falha na rocha. Dali, os passeios organizados seguem para a Represa Alta, edificada

nos anos 1960, que resultou na formação do imenso Lago Nasser. Várias áreas foram inundadas, atingindo monumentos, como o templo dedicado à deusa Ísis, na ilha de Filas. Com o apoio da Unesco, foi transferido para a ilha de Aguilika, o que assegurou a sua preservação. Erguido no período ptolomaico, o templo exhibe magníficos pilones (portões monumentais, com torres em formato de trapézio), pátio ornado com colunas e outras lindas estruturas, adornadas com relevos de hieróglifos e representações pictóricas.

Também imperdível é a visita à aldeia núbica, onde os hospitaleiros moradores recebem os viajantes em suas coloridas casas e ensinam sobre as suas tradições, preservadas nos costumes, culinária, artesanato e idioma – o território desse antigo povo estendia-se, na antiguidade, de Assuã até o norte do Sudão. No roteiro ainda podem ser incluídos passeios ao complexo dos Túmulos dos Nobres do Império Antigo (século XXVII a XXII a.C.) e ao Templo de Kalabsha, a 56 quilômetros. Dedicado ao deus Mandulis, foi construído em estilo tradicional, com um belo salão hipostilo (sustentado por colunas) e paredes decoradas com representações de deuses venerados no sul do Egito.



**A esplêndida fachada do templo dedicado a Hathor, em Abu Simbel**

### **Os templos de Abu Simbel, Kom Ombo e Edfu**

A base em Assuã facilita o acesso a um dos grandes tesouros do país, os Templos de Abu Simbel, distantes cerca de 300 quilômetros – o deslocamento pode ser feito de avião ou por via terrestre. Ameaçados de inundação pela construção da Represa Alta, foram cuidadosamente recortados da montanha, em um esforço do governo e da Unesco, e trasladados para outro local. Encravado em um novo rochedo, o Grande Templo exibe magnífica fachada, dominada por quatro estátuas de Ramsés II (século XIII a.C.). Após a majestosa entrada, encontra-se uma ampla sala, dotada de oito colossais pilares com representações do deus Osiris. A edificação compreende câmaras, um vestibulo e o santuário menor, destinado às estátuas dos deuses Rá, Amon, Ptah e de Ramsés II, que se considerava divino.

Distante 150 metros, o templo erguido em homenagem à Nerfetari (esposa preferida do faraó) constitui-se em mais uma esplêndida joia arquitetônica. Embora menor, apresenta uma imponente fachada, ornamentada com quatro estátuas de

Ramsés II e duas da rainha. Entre as pernas dos colossos, figuram pequenas estátuas dos príncipes e princesas. Dedicado à adoração de Hathor, considerada deusa do amor e da alegria, o templo contém diversos relevos da divindade, inclusive recebendo oferendas de Nefertari.

Retornando a Assuã, prosseguimos a jornada de navio até Kom Ombo, lar do templo dedicado a Sobek (o deus crocodilo) e Haroeris (uma das manifestações de Hórus, o deus falcão), avistado soberbamente a partir do rio. O complexo (século II a.C.) possui duas entradas, dois pátios com colunatas, duas salas hipostilas e dois santuários. A próxima atracação é em Edfu, endereço do grandioso Templo de Hórus. Junto ao cais, condutores de charretes aguardam os passageiros para levá-los ao templo, erguido no período ptolomaico. No local, distinguem-se duas esculturas de Hórus em frente ao espetacular portão principal, o qual dá acesso a um conjunto de elegantes estruturas, como o salão hipostilo, as capelas, o santuário e o *mammisi* (casa de nascimento do deus). As paredes das edificações são repletas de registros,

abordando diferentes assuntos; em uma delas, há uma receita de perfume.

Após a visita, retomamos a navegação, com uma breve parada na eclusa de Esna. Ali, vendedores em pequenos barcos oferecem mantas, toalhas e outros itens, realizando um verdadeiro malabarismo comercial. Com precisão, lançam os produtos aos passageiros interessados, que enviam o pagamento em saquinhos de plástico.

### **Luxor e a Necrópole de Tebas**

O destino final dos cruzeiros pelo Vale do Nilo costuma ser a cidade de Luxor (situada a 670 quilômetros ao sul do Cairo), que se originou das ruínas de Tebas, capital do Egito durante o Império Novo (século XVI a XI a.C.). Na margem oriental do Nilo, a cidade possui dois extraordinários conjuntos de templos: Luxor e Karnak. O primeiro, conhecido na antiguidade pelo nome de Ipep-resit, foi iniciado com Amenófis III, recebendo acréscimos até o período muçulmano; em meio às edificações, encontra-se a mesquita Abu el-Hagague, do século XIII. A entrada do templo é composta por pilones, estátuas colossais de Ramsés II e um grandioso obelisco. Outras construções notáveis são a avenida de esfinges (com cabeça humana), o Tribunal de Ramsés II e uma elegante colunata em forma de papiro.

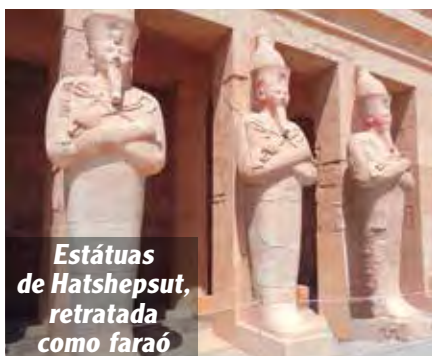
Poucos quilômetros adiante estão as ruínas de Karnak, o maior complexo de templos do Egito, dedicado à tríade de divindades tebanas – Amon, Mut e Khonsu. As ampliações sucessivas conferiram diferentes estilos arquitetônicos (a construção estendeu-se de 2200 a.C. a 360 a.C.) ao conjunto, dominado pelo templo de Amon-Rá e sua formidável sala hipostila, dotada de 134 colunas em formato de papiro. Também capturam a atenção a avenida de esfinges (que se conectava com a de Luxor) com cabeça de carneiro, os grandes pilones, obeliscos e os fascinantes relevos de hieróglifos e imagens. Em Karnak, não passa despercebida a estátua de granito de um escaravelho, representando o deus Khepri, em torno da qual os visitantes costumam dar sete voltas em busca da realização de desejos.

Passando à margem ocidental, o destino é a Necrópole de Tebas, a principal do Império Novo, que compreende sítios extraordinários, como o Vale dos Reis, onde já foram identificadas 63 tumbas, entre elas a de Tutancâmon (descoberta pelo egiptólogo inglês Howard Carter, em 1922), considerada a mais importante, em virtude do excepcional conjunto de objetos. Além desta tumba, apenas mais algumas estão abertas à visita, funcionando em sistema de rodízio. Destacam-se as câmaras mortuárias de Ramsés II, Amenófis III, Seti I, Ramsés V e VI, Tutmés III e a de Horemheb, ornamentadas com belas pinturas e diversas inscrições.



**Em Edfu, condutores de carruagens levam os visitantes do cais ao Templo de Hórus**

Esse lado do rio também abriga o Vale das Rainhas (destinado aos túmulos dos príncipes e das consortes dos faraós), o Vale dos Nobres, dos Artesãos, monumentos e templos mortuários em memória dos governantes. O da rainha Hatshepsut (século XV a.C.), que governou como faraó, impressiona pelo desenho arquitetônico. Escavado em uma montanha rochosa, possui três níveis e rampas de acesso. Colunatas e inúmeros relevos, retratando viagens da



**Estátuas de Hatshepsut, retratada como faraó**

**Encravado em uma montanha rochosa, o magnífico Templo de Hatshepsut apresenta três níveis**



rainha e eventos, adornam o templo, que está bem preservado.

Quem opta por hospedar-se em Luxor tem a possibilidade de visitar outros espetaculares sítios arqueológicos, como o Templo de Dendera (século I a.C.), situado a 80 quilômetros, na cidade de Qena. Dedicado à deusa Hathor, o complexo tinha várias funções, inclusive a de hospital. O prédio central, sustentado por colunas com capitéis representando a deusa, dispõe de uma sequência de salas e um belo santuário. Percorrendo mais 80 quilômetros, alcança-se o sítio de Abidos, um grande

centro religioso no Egito Antigo, voltado ao culto de Osíris. Ali, eram realizados rituais da morte e renascimento do deus. O templo mais bem preservado no conjunto é o de Seti I, compreendendo várias câmaras, santuários e duas salas hipostilas. Entre as diversas inscrições, ganha relevância a lista contendo a relação de faraós, de Menés a Ramsés I, excetuando os nomes de Hatshepsut e Aquenatón.

### **O Mar Vermelho e o Monte Sinai**

A viagem ao Egito merece ser estendida a alguns dos lindos cenários naturais,

entre eles o Mar Vermelho. As principais cidades-balneários são Hurghada, Dahab e Sharm el-Sheikh – as duas últimas estão localizadas no sul da Península do Sinai. A pequena Dahab, antiga vila de pescadores, é considerada um dos melhores lugares do mundo para mergulhar com cilindro (para iniciantes e iniciados). Igualmente, provida de ótimos locais para a prática de mergulho e *snorkeling*, Sharm el-Sheikh apresenta melhor infraestrutura, contando com uma ampla rede de hotéis. Na cidade podem ser adquiridos passeios a aldeias beduínas, oásis e ao Parque Nacional Ras Mohammad (situado a 12 quilômetros), que abrange uma parte terrestre e outra aquática, com diversas espécies de corais.

Dahab e Sharm el-Sheikh também são ótimas bases para os que desejam acessar o Monte Sinai, onde Moisés teria recebido os Dez Mandamentos. Os *tours* organizados seguem por uma trilha árdua, mas recompensadora, presenteando o viajante com um belíssimo nascer ou o pôr do sol, conforme o horário de deslocamento. Aos pés do Monte Sinai, encontra-se o Monastério de Santa Catarina, edificado no século VI por ordem do imperador Justiniano I. O mosteiro cristão, um dos mais antigos do mundo, possui vasto acervo de manuscritos e obras de arte, reunindo ícones, mosaicos e pinturas à óleo.

Encerramos essa breve, mas intensa travessia pelo Egito, arrebatados pelos seus imponentes monumentos e exóticas paisagens. Na bagagem das memórias, ganham um lugar especial as paradoxais imagens do encontro do deserto com o Nilo, o emblemático rio que entrelaça o passado e o presente ao longo do seu curso e renova a vida com a sua pujança. ■



**O formidável encontro do Nilo com o deserto**



# OCEANO ÍNDICO

## UM MAR PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI



CMG (Ref) AGUINALDO ALDIGHIERI SOARES

*“Se queres aprender a rezar vá para o mar”*

(antigo provérbio português)

### O Caminho marítimo para as Índias

**A**pós a conquista de Ceuta<sup>(1)</sup> aos mouros em 1415, Portugal deu início a uma política nacional de navegações oceânicas sistemáticas. Essa política foi responsável por importantes avanços da ciência náutica, da cartografia, da astronomia, e da construção naval.

A aventura ultramarina ganharia grande impulso com as ações do Infante D. Henrique e dos Reis D. João II e D. Manuel I, apesar da oposição da corte portuguesa que a julgava muito dispendiosa. As sucessivas expedições foram alcançando vários pontos do litoral da África Ocidental, progressivamente no rumo sul, até que Bartolomeu Dias, em 1487/1488, percebeu que havia ultrapassado o Cabo da Boa Esperança – ou das Tormentas – e o Cabo Agulhas<sup>(2)</sup> pois a linha costeira passava a se apresentar na direção geral sudoeste-nordeste, isto é, ele já se encontrava navegando no Oceano Índico. Uma ameaça de motim das tripulações dos seus três navios fê-lo decidir pelo regresso a Lisboa.

Em 1453 os turco-otomanos haviam conquistado Constantinopla, que passou a denominar-se Istambul e a tornar-se a capital do Império Otomano. Uma das consequências foi o bloqueio das rotas da seda e das especiarias, vindas do Extremo

Oriente através da Ásia Central, e que eram utilizadas pelos comerciantes das Repúblicas de Gênova e Veneza desde o século XIII. Marco Polo, o explorador veneziano, conhecia-as bem. Esse bloqueio fez com que os produtos asiáticos sofressem um desmedido aumento de preços. As especiarias, principalmente canela, pimenta do reino, cúrcuma, gengibre, cardamomo, açafraão, cravo, e noz moscada, eram muito caras e usadas na medicina, na perfumaria, ou como tempero e conservação de alimentos. Os mercadores árabes passaram a trazê-las para Alexandria, no Egito – através do Oceano Índico, do Mar Vermelho, e do Golfo Pérsico – de onde as vendiam aos comerciantes genoveses e venezianos, os quais controlavam seus preços.

Essa valorização dos produtos asiáticos estimulou ainda mais os esforços dos governantes portugueses para implantar uma rota comercial alternativa que os conduzissem às origens das especiarias. Seu propósito era eminentemente comercial, visando reduzir seus custos e lucrar com o seu comércio.

Em decorrência do feito de Bartolomeu Dias, o Rei D. João II iniciou a organização de uma expedição para se chegar à Índia, mas faleceu em 1495 antes de concluir seu intento. Sob forte oposição da corte, seu sucessor o Rei D. Manuel I, deu seguimento ao projeto e encarregou Vasco da Gama de

comandar a expedição. Ele partiu de Lisboa em julho de 1497, com 2 naus, 1 caravela, e 1 navio carregado com mantimentos para três anos: biscoitos, feijão, carne seca, vinho, farinha de trigo, azeite, e remédios; e 170 tripulantes.

Vasco da Gama levou 93 dias, desde Cabo Verde ao sul da África, sem avistar terra. Navegando já no Oceano Índico, ao longo do litoral leste da África, em março de 1498 fez escala na Ilha de Moçambique<sup>(3)</sup>, onde contactou mercadores árabes e indianos. A escala seguinte em, Mombaça, foi rápida devido à má recepção, mas em Melinde – ambos portos atuais do Quênia – tiveram ótima acolhida, e o Sultão local forneceu um prático, conhecedor dos ventos das monções<sup>(4)</sup>, para orientá-los até Calecute, o mais rico dos portos de comércio, na costa de Malabar, Índia. Num promontório, em Melinde, há um pilar construído por Vasco da Gama e também uma humilde capela próxima, onde, em 1542, o padre jesuíta espanhol São Francisco Xavier sepultou um tripulante português.

### Enfim, nas “Índias”!

A frota de Vasco da Gama fundeu em Calecute em maio/1498, onde permaneceu até agosto. Daí regressaram à pátria, onde chegaram em julho de 1499, com apenas dois navios e 55 tripulantes.

Descoberta a via para a Índia, o Rei D. Manuel encarregou Pedro Álvares Cabral de comandar uma nova expedição. Ele partiu de Lisboa em março/1500, com 10 naus, 3 caravelas, e 1500 homens. Cumpriu uma derrota para sudoeste a partir de Cabo Verde, o que o levou a Porto Seguro, Bahia, onde permaneceu de 22 de abril



# OCEANO INDICO

a 2 de maio. Enviou um navio a Lisboa para informar ao Rei a descoberta de um novo continente, que chamou de Vera Cruz, e prosseguiu para o sul da África. A frota enfrentou uma grande tempestade ao largo do Cabo das Tormentas, onde naufragaram 4 navios. Por ironia do destino, uma dessas caravelas era comandada por Bartolomeu Dias, que havia descoberto, anos antes, esse mesmo acidente geográfico. Os navios restantes prosseguiram pelo Canal de Moçambique; Diogo Dias separou-se e descobriu a grande ilha de Madagascar; fizeram escala em Melinde e fundearam em Calecute, em 13 de setembro. Assim como havia acontecido com Vasco da Gama, aí Cabral enfrentou as hostilidades dos governantes locais e dos mercadores árabes e indianos insatisfeitos com a nova concorrência comercial. Após terem queimado a feitoria portuguesa ali construída, Cabral determinou o bombardeio de Calecute, saqueou e queimou 10 embarcações árabes fundeadas, com 600 mortos. Dirigiu-se em seguida a Cochim, mais ao sul, onde estabeleceu ótimas relações com o soberano local que lhe concedeu amplas liberdades comerciais. Aí permaneceu de 24/12 a 16/1/1501,

tendo embarcado nos navios uma enorme carga de especiarias. Sua chegada a Lisboa, em julho/1501, proporcionou enorme lucro

à Coroa com a venda das especiarias, apesar das grandes perdas materiais e humanas da expedição.

As muitas centenas de mortes de tripulantes portugueses, não apenas em combates e tempestades, mas devido ao escorbuto e à malária, fazem lembrar um dito da época:

***“Deus deu aos portugueses um pequeno país como berço, mas todo o mundo para seus túmulos”.***

Entre 1502 e 1503, Vasco da Gama realizou uma segunda viagem à Índia, com 20 navios. Nessa viagem foi descoberto o arquipélago das Seychelles e estabelecida uma colônia em Cochim. Ele voltaria à Índia novamente em 1524.

Afonso de Albuquerque foi o principal responsável pela expansão portuguesa na Ásia. Partindo para o leste em 1503, esse estrategista transformou os descobrimentos portugueses em um império que substituiu os árabes no domínio do comércio do Oceano Índico e controlou os acessos às terras que Colombo ambicionara. Em 1504, construiu um forte em Cochim, que passou a ser a primeira capital da Índia portuguesa, e regressou a Lisboa.



**Guerreiro português em marfim por artista africano**

Em 1505, Francisco de Almeida foi nomeado primeiro Vice-Rei da Índia portuguesa. Seu filho, Lourenço de Almeida, explorou o Ceilão – atual Sri Lanka – tendo implantado um posto comercial em Colombo – atual capital do país – e adquiriu canela, pérolas, marfim, corantes, e pedras preciosas, devido às ótimas relações que estabeleceu com os governantes locais. Nos anos seguintes os portugueses passaram a controlar as áreas costeiras e vários territórios da ilha. Em 1507 fundaram a cidade velha de Galle, em 1517 construíram um forte em Colombo, e em 1624 outro forte em Trincomalee. Em 1656 perderam Colombo para os holandeses. Em 150 anos de domínio do Ceilão eles legaram nomes de famílias e palavras portuguesas, além da maior cidade portuária, Colombo.

Albuquerque partiu novamente para o Índico em 1506; conquistou a ilha de Socotra e aí construiu uma fortaleza, em 1507. Em sequência conquistou Muscat – atual capital do sultanato de Omã – e chegou à Ilha de Ormuz – no atual Irã –, em setembro de 1507. Aí permaneceu até abril de 1508, após ter construído o Forte de N. Sra. da Conceição, em acordo com o rei persa da região. Devido a desentendimentos com o governante Francisco de Almeida, permaneceu isolado em Cochim e Cananor até

novembro de 1509, quando assumiu o governo da Índia portuguesa.

Em dezembro de 1510, com grandes reforços chegados de Portugal, e após intensas batalhas, Afonso de Albuquerque conquistou Goa, com seu estratégico fundeadouro, e para ali transferiu a capital da Ásia portuguesa. Em sequência, após fortificar Goa, em abril de 1511 partiu com 18 navios para a conquista de Malaca. Após renhidos combates contra as tropas do sultão local conquistou a cidade de Malaca em agosto de 1511 – na atual Malásia – que domina o estreito de mesmo nome, principal via marítima para as Ilhas Molucas, a China e o Japão. Aí foi construída a



**Carraca portuguesa em Nagasaki – pintura de 1600, no museu de Kobe – Japão**

Fortaleza de Santiago – denominada atualmente “A Famosa” – concluída em novembro de 1511. Ainda em 1511 enviou missões diplomáticas aos governantes vizinhos; Duarte Fernandes foi o primeiro europeu a chegar ao Reino do Sião – atual Tailândia –, onde estabeleceu relações amigáveis entre os dois reinos. Como resultado, 5 anos depois os Reinos do Sião e de Portugal assinaram um primeiro tratado de aliança e comércio. De Malaca, em 1512, ele enviou uma expedição às Molucas para confirmar as origens das

especiarias. Essa expedição, orientada por práticos malaios, era comandada por Antonio Abreu e Francisco Serrão – primeiros europeus a chegar às ilhas da Indonésia; eles construíram um forte na pequena ilha de Ternate. Ali observaram cravos e noz moscada secando ao sol ao longo dos caminhos. Quando essa notícia chegou a Veneza os preços despencaram na região do Mar Mediterrâneo. Um cronista da época proclamou: “Quem domina o estreito de Malaca tem suas mãos nas gargantas dos mercadores de Veneza”!

Afonso de Albuquerque considerava que as três fechaduras do Império Português na Ásia eram: Goa, Malaca, e Ormuz. Em 1515, após

**“A Famosa” – Porta de Santiago – Fortaleza portuguesa de Malaca – Malásia**



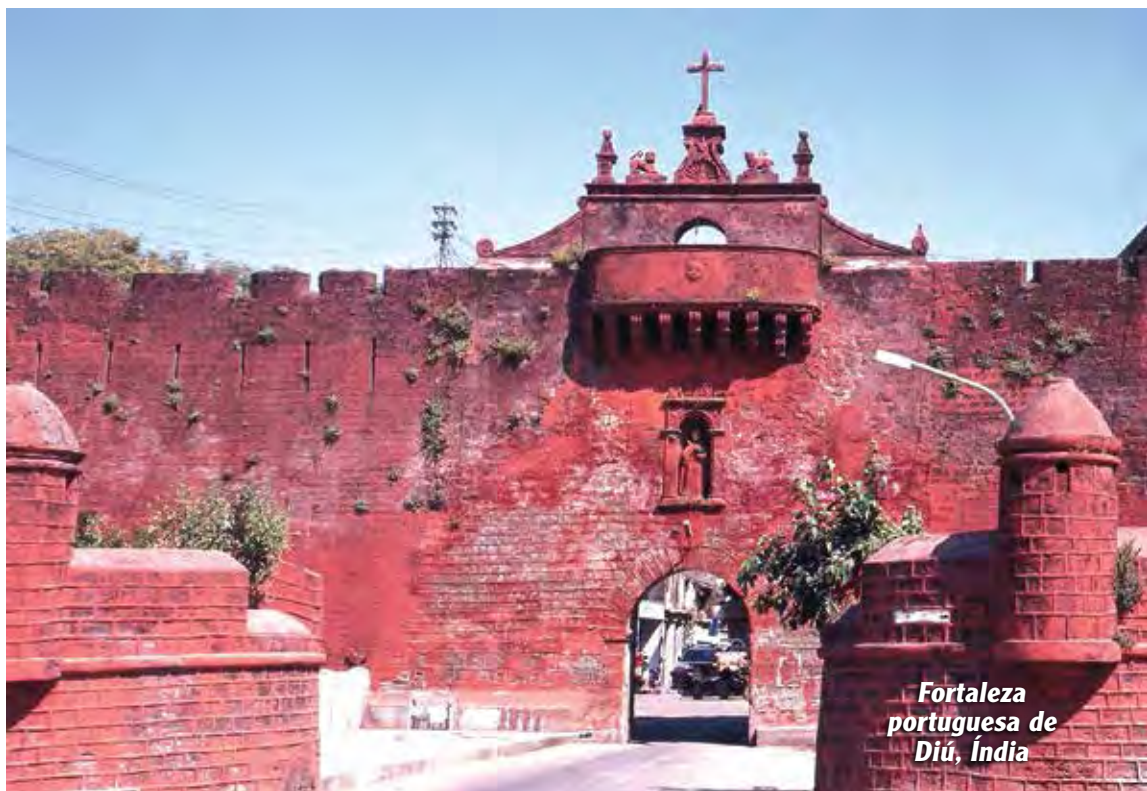


repetidos ataques, ele retomou a cidadela da Ilha de Ormuz, o grande empório comercial que dominava o estreito de mesmo nome, garganta de acesso ao Golfo Pérsico. Os mercadores árabes constataram que haviam perdido dois acessos ao Oceano Índico, Malaca e Ormuz; só lhes restava o acesso ao Mar Vermelho através do estreito de Bab-el-Mandeb, pois Albuquerque não conseguira conquistar Áden. Mas os temidos portugueses já haviam conseguido o **domínio do mar!** Por cerca de 150 anos Portugal controlou a área do Golfo Pérsico. Construíram várias fortalezas e feitorias comerciais não só em Ormuz e na Índia mas também em Omã, o que lhes permitiu resistir aos ataques de persas, turcos, árabes e britânicos. Albuquerque faleceu em dezembro de 1515 ao regressar de Ormuz.

O governador português da Índia ocupou Damão em 1531. Em 1535 recebeu Bombaim e Diú, após tratados com os sultões locais. Bombaim – atual Mumbai, a maior cidade da Índia – foi transferida aos britânicos em 1661, como dote de casamento de uma princesa portuguesa.

O Império cresceu com o desenvolvimento do comércio e a cooperação entre a Coroa e a Cruz (a evangelização dos nativos). Desde o Rei ao mais jovem grumete, todos eram comerciantes. O **comércio**, não a **conquista**, trouxe os portugueses para o Índico. Com sua artilharia embarcada eles arrancaram o controle das linhas marítimas asiáticas dos mercadores árabes então dominantes no Oceano Índico.

Aos poucos, os descobridores constataram que era mais rentável permitir o comércio realizado pelos árabes, mas regulando-o e taxando-o. Eles decretaram que os navios, para navegarem no Índico, teriam de pagar para obter uma permissão em Goa, Ormuz, ou Malaca. Aqueles que navegassem sem



**Fortaleza portuguesa de Diú, Índia**

essa permissão seriam confiscados ou afundados. Os maiores lucros passaram a vir do comércio interasiático: vendendo garanhões da Arábia para os príncipes



**Basilica do Bom Jesus – Goa, Índia**

guerreiros indianos, transportando têxteis de algodão ao longo do Golfo de Bengala, levando madeira de sândalo de Timor para a China, e permutando seda chinesa por prata japonesa.

Os portugueses deixaram expressivos legados na Índia. Eles levaram milho,

tabaco, abacaxi, mamão, batata, caju, e outros vegetais originários das Américas. Introduziram a imprensa, os orfanatos, e valorizaram a vida das mulheres. Implantaram

Santas Casas de Misericórdia em todas as cidades portuguesas da Índia. Influenciaram as culturas asiáticas. Seus segredos para a longa permanência eram a adaptação e o pragmatismo. Afonso de Albuquerque estimulava seus subordinados solteiros a se casarem com as nativas. Para as mulheres indú de castas mais elevadas esses casamentos eram malvistas, mas para as de castas inferiores e muitas muçulmanas isso significava uma elevação do seu nível social. Seus descendentes estão por todo o Oriente, com sobrenomes portugueses, palavras portuguesas embutidas em suas falas, e a fé católica

em seus corações. Os lucros do comércio e dos pedágios do Império em expansão geraram fortunas e desperdícios, em palacetes e mansões, em elegância e ostentação. Muitos soldados aproveitaram seus conhecimentos de armamento para desertar e servir aos príncipes indianos como mercenários!

## China

Em maio de 1513, partindo de Malaca, Jorge Álvares foi o primeiro europeu a atingir o sul da China, no delta do Rio das Pérolas, entre as atuais Macau e Hong Kong. Rafael Perestrelo, em 1516, foi o primeiro explorador europeu a chegar a Cantão e estabelecer contatos comerciais com mercadores chineses. A partir de 1549, missões comerciais anuais passaram a frequentar a China. Em 1557, o Imperador chinês arrendou Macau aos portugueses por sua ajuda contra os piratas japoneses; foi assinado um tratado estabelecendo Macau como entreposto comercial oficial português. Em 1613, o padre jesuíta português Manuel Dias chegou a Pequim.

## Japão

Em setembro de 1543, três mercadores portugueses navegando num junco chinês, arribaram à pequena ilha de Tanegashima – extremo sul do Japão –, varridos por um tufão. Eles impressionaram os nativos com seus arcabuzes,

imediatamente copiados pelos japoneses, pois o Japão estava envolvido em guerras entre os senhores feudais. Sua influência estendeu-se a Kagoshima, onde São Francisco Xavier – o Apóstolo das Índias – viveu, entre 1549 e 1552, convertendo a população local à fé católica. Ele faleceu de febre desconhecida poucos meses depois, numa ilha próxima a Macau.

A desenvolvida Nagasaki atual, situada pouco distante de Kagoshima, nada mais era do que uma colônia de pescadores no interior de uma baía abrigada. Em 1570, a convite do Senhor feudal da região, convertido ao catolicismo, os portugueses estabeleceram ali uma colônia que cresceu rapidamente no entorno do porto e passou a ser um dos polos de comércio da rica rota Goa-Macau-Nagasaki, bem como o principal porto do Japão por várias décadas. Com o tempero português na língua, na comida e na fé, a cidade foi a principal condutora da influência ocidental no Japão, desde a medicina aos mapas. Sua administração foi entregue aos jesuítas portugueses

entre 1580 e 1587. Ainda nos dias atuais a minoria católica japonesa encontra-se principalmente na região de Nagasaki.

Quando o governo chinês proibiu o comércio direto com o Japão, os portugueses preencheram essa lucrativa lacuna comercial tornando-se intermediários entre os dois países. Os portugueses compravam seda chinesa, que vendiam aos japoneses em troca de prata japonesa.

O Kasutera (castela em português), bolo típico de Nagasaki, é originário do Pão de Castela (primo do pão-de-ló) introduzido pelos mercadores portugueses do século XVI.

Eis algumas palavras da língua japonesa originárias da língua portuguesa (wikipédia): tempura, tempero • bídoro, vidro • boro, bolo • botan, botão • koppu, copo • pan, pão • shabon, sabão • tabako, tabaco • zesu, Jesus • sabato, sábado.

## Indonésia

O empenho português para dominar o comércio das especiarias e os esforços de seus missionários católicos no início

**Forte português  
Jalali (São João) –  
Muscat – Oman**



do século XVI resultaram no estabelecimento de fortalezas, missões e entrepostos comerciais nas ilhas de Ternate, Ambon, e Solor, além de uma forte influência cultural que permanece até os dias de hoje. Após a derrota militar de 1575, em Ternate, e as incursões holandesas, não foi mais possível controlar o comércio na região. A presença portuguesa no arquipélago reduziu-se às ilhas de Solor e Timor Ocidental (até o séc. XVII), à ilha de Flores (até 1856), e a Timor Leste – a atualmente soberana Timor Lorosa'e. Persistem no arquipélago várias comunidades católicas, além de um grande número de palavras indonésias de origem portuguesa; e vários sobrenomes, tais como: Costa, Dias, Freitas, Gonsalves etc.

A Indonésia é o maior país de população muçulmana do mundo: 250 milhões de habitantes, dos quais 90% muçulmanos; mas a herança portuguesa aparece nos dados seguintes:

**Timor Ocidental** – 1.700 mil habitantes; 56% católicos, 35% protestantes, 8% muçulmanos;

**Ilha de Flores** – 1.830 mil habitantes; 85% católicos, que rezam em português antigo e comemoram a Semana Santa como em Portugal, com cânticos em português antigo;

**Timor Leste/Timor Lorosa'e** – plena soberania em 2002; mais de 1 milhão de habitantes; 97% católicos; línguas oficiais: português e tétum.

### Conclusões

No século XVI ter-se-ia de negociar em português, a "língua franca", ao longo do litoral do Oceano Índico, e, em rumo leste, através do arquipélago da Indonésia, e, em rumo norte do estreito de Malaca até o Japão, seguindo as rotas dos pioneiros portugueses para acompanhar o surpreendente império que eles construíram. Eles também cartografaram as novas vias

**Mausoléu de Vasco da Gama – Mosteiro dos Jerônimos – Lisboa**



marítimas em metade do globo terrestre.

Em 1650, com a perda de Muscat, em Omã, teve fim o denominado "Período Português" no Golfo Pérsico e no Golfo da Arábia.

Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Cabral, Afonso de Albuquerque, Fernão de Magalhães, e muitos outros, desafiaram mares onde nenhum europeu havia navegado até então para atingir a Índia, as Ilhas Molucas, o Japão e a China. Por mais de um século, os portugueses mantiveram sob seu poder o rico comércio marítimo no Leste, através de suas colônias asiáticas. **Portugal implantou o primeiro império globalizado!**

No Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, podem ser contemplados os mausoléus de três gigantes do século XVI, o século dourado de Portugal: Vasco da Gama, Rei Manuel o Venturoso, e o poeta Luís de Camões, que relatou as conquistas lusas no poema épico *Os Lusíadas*.

Além da admiração do autor deste artigo pelos notáveis feitos dos nossos predecessores lusos, restou também das extensas pesquisas para este texto, um

enorme assombro pela capacidade dos expedicionários portugueses de se comunicarem em curtíssimo prazo, com africanos, árabes, persas, indianos e indonésios, com diversos dialetos, cingaleses, malaios, chineses, japoneses e outros. ■

#### Notas:

- 1) Atual enclave espanhol no Marrocos
- 2) Extremo meridional do Continente Africano
- 3) No norte do atual Moçambique
- 4) Ventos e chuvas intensos de junho a setembro no subcontinente indiano e sudeste da Ásia.

Patrimônios Mundiais da UNESCO na Ásia portuguesa de então:

- Malásia – Malaca – "A Famosa"/Porta de Santiago
- Índia – Goa – Igrejas e Conventos da Velha Goa
- China – Centro Histórico de Macau



# O FEMINISMO EM DIFERENTES SECULOS

Os Estados Unidos, em 1929, e o Brasil em 1932. No esporte as mulheres começaram a ter participação oficialmente em 1924.

Uma característica da logística feminina durante o século XX é que houve uma linha de frente nesse exército peculiar. O

## RAY DOS ANJOS\*

**A**rthur Schopenhauer, filósofo alemão, que viveu no século XVII disse: "O campo de batalha da mulher é a cama." E disse mais: "A mulher tem cabelos longos e ideias curtas." Apesar de ter sido deselegante e cruel em sua depreciação à mulher, não ficou muito distante da realidade do seu tempo.

A mulher teúda e manteúda era caracterizada por um ritual programado por vetores da sociedade em que vivia, ou seja, casar, ter filhos, zelar pelo seu provedor e por sua prole. Uma quase escravatura feminina, o senhor seu dono a tinha para servi-lo. Esse era o entendimento masculino. Porém havia uma frase que servia de consolo, ou talvez de orgulho para as incautas: "Por trás de um grande homem existe sempre uma grande mulher." É falso dizer que essa mulher foi extinta, ainda podemos encontrá-la, não somente em determinadas regiões do Brasil, mas também em outros cantos do mundo.

A mudança começa quando os homens partiram para a I Guerra Mundial, em 1914, e mulheres assumiram seus postos nas indústrias e no comércio. Elas experimentaram o gosto da independência financeira, gostaram, e o mercado de trabalho nunca mais foi o mesmo. A busca da cidadania veio na sequência. Nas três primeiras décadas do século XX, a maior parte dos países ocidentais seguiu o exemplo da Nova Zelândia, que em 1893 inaugurara o voto feminino.



Cartaz feminista em Portugal, final do século IX

movimento feminista nunca foi um fenômeno de massa. As reivindicações partiram de grupos isolados que chamaram a atenção das demais mulheres. Não sem percalços. Quando a inglesa Emmeline Pankhurst, ativista influente do movimento sufragista, e outras adeptas saíram pelas ruas nas décadas 10 e 20, bradando palavras de ordem, não faltaram mulheres contra o movimento que as tacharam de histéricas. Nos Estados Unidos, Margaret Higgins Sanger, escritora, ativista do controle da natalidade suportou críticas pesadas de ambos os sexos ao defender o direito à contracepção. Evitar filhos era proibido por lei.

Nos anos 60, feministas de plantão como Bety Friedam, ativista renomada, suportaram as risadinhas de quem não concordava com seus discursos pela liberação do aborto, (até os dias de hoje em discussão), pela emancipação da mulher casada e pelo divórcio. Tudo o que parece hoje muito normal, foi tabu no passado, derrubado por pioneiras que gravaram seus nomes na história dos direitos civis. A partir de então, a explosão feminina surgiu em todos os segmentos.

Aqui no Brasil, anos 40, Gilda de Abreu dirigiu e fez o roteiro do filme "O Ébrio", foi uma das primeiras mulheres a dirigir um filme brasileiro. Na Rádio Nacional eram em torno de 45 mulheres entre cantoras e radioatrizes, um número bem ao par dos de homens, que era em torno de 50. Mas ainda nessa época, essas profissões eram vistas com restrições por parte da sociedade que resistia à libertação feminina. Helena Bertha Amalie Riefenstahl, ou simplesmente Leni Riefenstahl, a cineasta preferida de Hitler, aclamada como uma das mais brilhantes cineastas e atrizes do século XX, apesar de ter nascido no início dos anos 20, despontou nos anos 40.

A mulher brasileira começa a ter eco na política. Carlos Lacerda, governador do então Estado da Guanabara, antiga capital do Brasil, atual Estado do Rio de Janeiro, recebe a "Companhia da Mulher pela Democracia". São mulheres que, afetadas por uma



**Bety Friedam**



**Primeira edição da revista Claudia**

consciência político-social, começaram a entender que participar é preciso.

O afluxo e o predomínio feminino teve seu ponto culminante na década de 60, considerada a década soberana do século XX, com o surgimento da pílula anticoncepcional, e conseqüentemente, a liberação

sexual foi inevitável, abrindo caminho para as próximas gerações.

Através da mídia tivemos a Revista "Cláudia", a primeira revista feminina brasileira que teve um papel fundamental nesse período. No seu primeiro exemplar, em junho de 1968, aparecia o perfil de uma bela jovem sorrindo para um pássaro engaiolado: seria o símbolo deliberado ou involuntário da mulher na época? "Cláudia" nascia debaixo de uma lei: "Revogam-se todas as disposições de provar a superioridade de um sexo sobre o outro". Formou-se assim, sob o signo de uma luta para abrir mentes e corações, lutar contra tabus e preconceitos, romper com o obscurantismo. A revista trazia um tom arejado, sua forma de dirigir-se à leitora reconhecendo nela uma mulher concreta, situada no aqui e agora, e não uma abstração, uma vaga e idealizada visão do ideal feminino, concebida pela fantasia e pelo preconceito dos homens.

Ainda nos anos 60, uma grande descoberta, as pernas femininas, que até a década de 50 tinha como parte privilegiada do corpo os seios. Graças à intuição genial de uma estilista inglesa, Mary Quant, que lançou a revolucionária minissaia. A moda pegou no mundo todo, dando à mulher um ar juvenil e esportivo ao mesmo tempo.

### **O início da mini saia**



Destacamos como figura marcante na década de 60, a atriz Leila Diniz. Com a sua irreverência foi a primeira mulher a mostrar uma barriga de gravidez, que até então era imoral. Leila foi o protótipo da mulher liberada, estrela de cinema, de teatro e de televisão. Porém o seu papel mais brilhante foi como estrela da própria vida. Nunca uma mulher ousou tanto. Leila deu uma entrevista para o tablóide Pasquim, falando sem reticências sobre sexo. A entrevista chocou e escandalizou a sociedade, esta mesma sociedade que a consagrou e a eternizou como o símbolo da mulher emancipada.

Em todos os cantos do mundo surgiam mulheres que se tornavam notícia. Nos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy, que virou a mulher mais famosa do mundo, revela-se como um novo tipo de mulher americana. Forte, bonita, elegante, livre, esportiva e boa de briga. Virou uma lenda, mais que uma lenda, talvez um mito, talvez mais que isso, virou um arquétipo histórico da mulher.

Muitas mulheres brasileiras se destacaram e viraram notícia, como a Juíza Denise Frossard, que foi um exemplo de coragem, quando trancafiou nas celas da Polinter a cúpula do jogo do bicho, até então acima do bem e do mal. No mundo empresarial, como exemplo de competência e profissionalismo, o brilho vem de Maria Silvia Bastos Marques, que ganhou fama, já na década de 90, quando assumiu a Secretaria da Fazenda do Rio de Janeiro e recheou os cofres públicos com um bilhão de dólares, dinheiro jamais visto no município. Logo veio o convite para disputar a prefeitura do Rio. Não aceitou, preferiu assumir a privatizada CSN, onde virou símbolo de sucesso profissional.

No mundo político, no final dos anos 70, tivemos a amazonense Eunice Michilis, que se tornou a primeira senadora brasileira da história. Agora, imagine uma mulher governando um estado, era uma utopia neste século.

Roseana Sarney entra para a história como a primeira mulher a governar um estado. “Quem manda no governo sou eu, e não meu pai, ou o meu marido”. Esse recado foi para os que resistiam em acreditar que a mulher não tinha atitude própria,

personalidade e competência. Apesar de ter nascido em berço esplêndido do poder, quando esse poder era apenas masculino, Roseana se desvinculou dele, quando criou secretarias e gerências descentralizando administração, e que não teve a aprovação do seu pai, o ex-presidente José Sarney.

Um exemplo de persistência, valentia e coragem veio de Marli Pereira Soares, uma doméstica que teve o seu irmão assassinado por policiais e os denunciou, indo às últimas consequências, com a finalidade de colocá-los na cadeia, e conseguiu. Era uma atitude inédita até os anos 70.

O seriado *Malu Mulher*, que descrevia claramente a posição da mulher casada, contribuiu bastante para melhorar o preconceito que pairava sobre este estado civil da mulher (a desquitada de ontem e a divorciada de hoje). Ganharam mais respeito e provaram a sua competência em arcar com uma família sozinha.

Mais que libertar a mulher de um jugo sedutor, o de ser sustentada



**Protesto  
feminista em  
1892**



poderia viver mais sob a égide da vontade do homem. Cabia transformar a máxima de Nietzsche: "A felicidade do homem chama-se: eu quero, a felicidade da mulher chama-se: ele quer".

Finalmente, a mulher se libertou de várias amarraduras. Entretanto, eis que no final do século se deparou com outros compromissos em nada ditados por sua autonomia: a moldagem de um corpo adequado aos ditames do consumo, obedecendo a um novo processo de produção de subjetividade, imposto pela mídia. A ditadura da beleza. Para a mulher dos anos 90, ser bela corresponde a ser aceita, desejada, e ser desejada parece ser quase tudo nesse contexto.

Parece ser a forma mais direta e fácil para conseguir prestígio social.

Como vimos, o movimento feminista até o final do século XX, era possível detectar o pensamento e os ideais femininos, havia uma clareza de propósito.

Hoje, século XXI, observamos que houve uma mudança radical entre o feminismo

passado, e o atual. O feminismo do século passado tinha um caminhar silencioso, e uma clareza do propósito feminino, com objetivos que elevavam as mulheres à condições mais nobres, mais dignificantes e sem falar na palavra "empoderamento", que, atualmente, já virou um chavão sem nenhum significado.

Na era da internet, redes sociais etc., as novas feministas têm um novo modelo de protestar. Ficamos sem entender direito o que é feminismo neste século. Não temos clareza do que elas desejam. Sempre que se manifestam é com um discurso de guerra, de luta de classes, de divisão, e sempre com uma linguagem chula. Muitas vezes usam a nudez em lugares como templos religiosos para protestar, nem sabemos o quê!

Sara Winter, paulista, líder de um grupo feminista declarou: "A gente choca por meio da nudez descontextualizada, acredito no poder do corpo como instrumento de protesto". A cada dia essas feministas se superam nos quesitos falta de respeito e agressividade. Usam a cartilha de Herbert Marcuse, um dos fundadores da Escola de Frankfurt, que prega a desconstrução dos pilares morais de uma sociedade. Algumas dessas feministas dão sinais de esquizofrenia e psicopatia, a exemplo

de Daniela Mercury, que, em um de seus show's fez um discurso pornográfico dirigido indiretamente a Jair Bolsonaro, eleito Presidente da República. A artista apresentava uma aparência alterada, não sabemos se de alcoolismo ou outra coisa. O que chama a atenção é a incoerência dos discursos. Falam em respeito à exaustão, entretanto fazem protestos desrespeitosos e agressivos. Realmente, não encontramos nenhuma semelhança entre o feminismo passado e o atual, são completamente antagônicos.

Diante do cotejo entre esses dois comportamentos feministas, concluímos que é possível a mulher ser o que ela decidir ser, alcançar o brilho profissional, sem alarde e sem seguir preceitos da Escola de Frankfurt ■

\*Jornalista

pelo marido e gerar seus herdeiros, os movimentos feministas buscavam também novos paradigmas de relacionamento homem/mulher. Heloneida Stuart, conhecida feminista, política, escritora postula ironicamente, que grande parte da humanidade (mulheres) vive parasitariamente, à custa de outra parte (homem). Isso precisava ser mudado. A mulher não



Protesto feminista em 2016

# OS ANOS DOURADOS

CLAUDIO FABIANO DE BARROS SENDIN\*

**L**embro-me bem deles. Começaram na metade da década de 60 e foram até o final de 1970. A vida nesses anos transcorria num clima de normalidade. O amor à pátria ocupava os corações dos brasileiros, haja vista a nossa seleção de futebol, com todos os jogadores atuando em times brasileiros, e ainda assim a melhor do mundo, porque vestir a camisa do Brasil era uma recompensa bem maior do que os altos salários dos times estrangeiros.

No dia a dia, os mais pobres enfrentavam as dificuldades de sempre, mas praticamente todos tinham seu salário garantido, pois a oferta de empregos era maior do que a procura. Os serviços públicos funcionavam satisfatoriamente. No Ensino, as melhores escolas eram as públicas, e alguns colégios, como o Pedro II e o Colégio Militar destacavam-se pela alta qualidade, a ponto de se tornarem referências. Mas todas as escolas públicas mantinham um alto nível de ensino, tanto que as particulares, com algumas exceções, ganharam o apelido de "pagou-passou". Foi dessa época a criação do Mobral, que alfabetizou muitos milhares de pessoas, de todas as idades, pelo Brasil afora.

Era um tempo em que os adolescentes respeitavam os professores e as crianças seus pais. Meninos e meninas ainda ficavam em frente às suas casas, jogavam bola, brincavam de roda, de pique-esconde e de chicotinho queimado. Jovens passeavam pelas calçadas flertando com as meninas, adultos iam e vinham a qualquer hora do dia ou da noite, em paz, sem medo de assalto, porque nessa época os bandidos

iam para a cadeira.

O movimento Hippie estava em seu apogeu, e os jovens compartilhavam da "paz e amor" que contaminara o mundo através dos Beatles e dos Rolling Stones, os grandes ídolos da juventude, e com altíssima qualidade musical. Os jovens tinham liberdade para formar comunidades, espalhadas pelos quatro cantos do país. Fumavam maconha, sim, mas não eram agressivos, apenas na ânsia de "se encontrarem", buscando uma compreensão transcendental do mundo e do Universo, e cultuando a Natureza. Viviam em paz, e por isso as autoridades não interferiam em seus hábitos e modo de viver. O lema "Faça amor não faça a guerra" não foi somente um protesto contra a guerra do Vietnã mas também exaltou o movimento de liberação sexual da mulher, iniciado nos EUA com a feminista Betty Friedan.

A Economia do País, de 44<sup>a</sup>, se tornou a 8<sup>a</sup>, e muitas melhorias sociais que permanecem até hoje, foram implementadas. Entre elas a criação do INPS, do Fundo de Garantia de Serviços, e do Salário Desemprego.

Uma época de grandes realizações. As obras públicas não eram deixadas inacabadas. Por incrível que pareça, todas tinham seguimento até ficarem prontas,



sem propinas nem superfaturamento. Assim foram as obras da hidroelétrica de Itaipu, da Ponte Rio-Niterói e várias outras de grande porte.

Mas apesar do nosso progresso econômico e da vida em clima de normalidade, nos causava preocupação a ausência do voto direto. A gente queria mesmo era poder escolher no voto os nossos dirigentes. A cidade estava cheia de muros pichados com "Abaixo a ditadura" e "Diretas já", e confesso que via isso com bons olhos, certo de que esses jargões espelhavam uma legítima manifestação do anseio popular pela a volta das eleições diretas.

Para colocar pânico na população, os líderes da esquerda diziam que agentes do DOPS andavam pelas ruas prendendo pessoas reunidas em grupo, e as levavam para serem interrogadas e às vezes torturadas. Assim, o medo começou a perturbar nossa paz. Ao ouvirmos no rádio notícias da captura de "aparelhos subversivos", ficávamos com pena daquelas pessoas que, segundo nos falavam, seriam torturadas e mortas. Outras vezes era ao contrário: os subversivos comunistas é que assaltavam bancos,



inclusive com vítimas fatais. Mas nós os perdoávamos, achando ingenuamente que o dinheiro roubado seria em benefício da democracia.

O povo não sabia que, por trás da pichação de muros, dos assaltos a bancos e dos “aparelhos” subversivos, havia uma organização clandestina treinando



guerrilheiros comunistas, com instrutores vindos de Cuba e da então União Soviética. O objetivo era a tomada gradativa do poder, a partir de cidades do interior, para a implantação da “ditadura do proletariado” no Brasil. Nos moldes do que havia feito Fidel Castro, em Cuba.

Por isso, a “repressão” que tanto condenávamos, na verdade fazia parte de uma guerra entre as Forças Armadas e os guerrilheiros comunistas. Não fossem as Forças Armadas, tão criticadas por nós, eles teriam conseguido seu objetivo.

Afinal, a insistência popular acabou conseguindo que os militares consentissem em passar o poder ao povo, com a volta às eleições diretas.

A euforia momentaneamente tomou conta do País, com a expectativa de que tudo iria melhorar. No entanto, aconteceu justamente o contrário: daí em diante a situação do país foi aos poucos se deteriorando. A inflação subiu a índices astronômicos, somente contida pelo Plano Real, uma das poucas medidas positivas dos governos de esquerda que se seguiram. Na esfera política, a corrupção se instalou rapidamente em todos os níveis do governo.

Novos Partidos políticos se formaram e proliferaram como erva daninha. Todos queriam o domínio do poder, e para isso a demagogia se tornou uma ferramenta de conquista. Surgiram líderes

carismáticos que conquistavam multidões com promessas de acabar com a pobreza e com a corrupção. Um deles, prometia acabar com os “marajás” – modo como se referia aos “criminosos de colarinho branco”. E graças a esse termo conseguiu se eleger Presidente. Mas ao contrário de acabar com os “marajás”, permitiu que a corrupção tomasse conta do próprio Palácio do Planalto. Foi tão agressivo e acintoso em sua contradição, que terminou sendo expulso por um “impeachment”.

Um outro ídolo, ex-operário, prometia as mesmas coisas, só que chamava a corrupção de “maracutaia”. Extremamente carismático, em pouco

tempo se transformou na grande esperança das pessoas de bem, desejosas de ver a riqueza do país distribuída de acordo com os valores de cada um, e não acumulada nas mãos de uma pequena elite. Isso só seria possível com o fim da impunidade dos políticos corruptos, ou seja, com o prometido fim

da “maracutaia”. E, devido a essa promessa de campanha, assim como seu antecessor, terminou elegendo-se Presidente.

Mais uma vez, no entanto, a confiança do povo foi traída. Suas falcatruas começaram a surgir, escândalo após escândalo, numa verdadeira avalanche de “maracutaias” se multiplicando sem parar. A empresa que era o orgulho do Brasil, a Petrobras, foi destruída pela corrupção, já então instituída no governo. Denúncias de propinas, de negociatas escusas, tomaram conta das manchetes nos jornais e nas redes sociais. O ex-líder dos honestos e dos justos preocupou-se tão somente em perpetuar o poder de seu Partido, colocando pessoas de sua confiança nos cargos mais importantes e decisórios. Deixou o povo sem empregos e cada vez mais pobre.

A corrupção prosperou tanto que políticos e até magistrados se aliaram aos bandidos traficantes. Com a impunidade da Justiça, assaltantes tomaram conta das cidades, tendo a população desarmada

e a polícia impedida de combatê-los. A nova ordem estipulada era “liberdade e premiação aos corruptos”. Também fazia parte dessa nova ordem a exaltação do homossexualismo nas escolas, inclusive entre crianças. A televisão passou a exibir cenas eróticas homossexuais, como exemplo de uma juventude progressista. Para o ensino de Português chegou a ser impressa uma gramática permissiva aos erros de concordância e de conjugação verbal, enquanto em História ensinava-se o culto aos heróis comunistas revolucionários. As provas de redação tinham temas sociais dirigidos, e tirava zero quem contestasse a ideologia de esquerda. Alunos com direito de agredir professores, inclusive fisicamente. Em casa, também agrediam os pais, e qualquer reação deles poderia ser denunciada, com pena de prisão. A ideologia de gênero, nas escolas, ensinava que meninos poderiam usar roupas de meninas e vice-versa, e também a compartilharem o mesmo banheiro. As religiões, tratadas como assunto ridículo, tornaram-se alvo de deboche. Foi assim decretada a destruição da família.

Com os valores morais invertidos, o País foi transformado num verdadeiro caos. Quem contestasse as diretrizes dessa nova ordem imposta pela esquerda, que se intitulava “progressista”, era rotulado de “conservador” e “fascista”.

Porém, o feitiço virou contra o feiticeiro: chegou um momento em que mais da metade da população brasileira, segundo esse critério, se tornou “fascista”. E eleger para Presidente um candidato também “fascista”, para acabar com a corrupção e com a depravação social em que se afundara toda a sociedade.

Tudo isso me fez ver claramente que na época de 1970, nós éramos felizes e não sabíamos. Sinto muita falta daquele tempo em que podíamos discordar uns dos outros sem sermos tachados de fascistas. Que era possível andar livremente pelas ruas, sem medo de ser assaltado. E que menino era menino e menina era menina. Do tempo em que os empregos eram fartos e pairava no ar a tranquilidade, e não o medo, o ódio e a tensão que existem agora.

Aqueles foram verdadeiramente os Anos Dourados. ■

\*Diretor de arte e cartunista  
sendino.claudio@gmail.com  
Blog: sendino-amigos.blogspot.com.br



BRASILIDADE

# CACHAÇA PREMIUM: O EVOCAR DA ESSÊNCIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

JOSÉ CARLOS MEDEIROS\*

As cachaças brasileiras em geral, sempre foram muito rústicas. Com o passar do tempo, este produto genuinamente brasileiro incorporou as novas tecnologias de produção e começa a atender as exigências dos mercados internacionais, tornando-se um produto de qualidade, pureza excepcional, leveza e sofisticação ao paladar.

**E**mbora muitas histórias pitorescas e, porque não dizer, criativas, sobre o início da trajetória da cachaça, o certo é que a sua história se confunde com a História do Brasil, tendo como protagonistas a cana-de-açúcar, o melado, o português, o escravo africano, que deu vida à história da pinga numa terra de índios, onde criaram e destilaram neste caldeirão a bebida que simboliza o modo de viver do brasileiro médio, pelos cantões a fora deste imenso país.

A primeira plantação de cana no Brasil

que se tem notícia, foi feita por volta de 1504, pelo fidalgo judeu de Portugal Fernando de Noronha, que recebeu a ilha, que hoje leva o seu nome, para a exploração do Pau-brasil. Há referências de que o primeiro engenho de açúcar foi construído em 1516, na Feitoria de Itamaracá, criada pelo Rei D. Manuel no litoral pernambucano. A prova documental dessa tese está nos registros de pagamento de tributo alfandegário sobre uma carga de açúcar, vinda de Pernambuco, datados de 1526, encontrados em Lisboa.

Pesquisas arqueológicas, conduzidas

pela Universidade Federal da Bahia, encontraram ruínas de um engenho de açúcar, datado de 1520, nas redondezas de Porto Seguro.

Não existem registros precisos sobre o verdadeiro local da primeira destilação de cachaça, mas pode-se afirmar que ela se deu no território brasileiro, em algum engenho do litoral, entre 1516 e 1532.

Cachaça é a denominação exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil, com graduação alcoólica de 38% Vol. (trinta e oito por cento em volume) a 48% Vol. (quarenta e oito por cento em volume) a 20°C (vinte graus Celsius), obtida da destilação do mosto (caldo de cana-de-açúcar), podendo ser adicionada de açúcares até 6g/l (seis gramas por litro).

A cachaça se divide em 3 partes após a alambicagem: a cabeça, que é a parte inicial, tem alto teor alcoólico e substâncias nocivas à saúde. Essa parte é totalmente isolada. Pode ser descartada ou recolhida para se utilizar como álcool em limpeza e em acendimento de carvão. Em grandes quantidades é vendido a usinas, para produção de combustíveis etc. Fabricantes de cachaça em alguns estados, estão usando as sobras da produção, que não podem ser consumidas como bebida, para fazer etanol. Os alambiques precisam descartar cerca de 30% do produto que fabricam. A segunda parte é o coração, a verdadeira cachaça pura. As cachaças premium são feitas somente do coração. A terceira parte é o rabo ou cauda, que tem teor alcoólico abaixo de 38°GL (Gay Lussac), exigidos por lei para ser considerada cachaça. Essa parte é descartada, não só pelo teor baixo, como por conter substâncias que prejudicam o





paladar da cachaça.

Imediatamente seguida à destilação e filtragem, a boa cachaça, para fixar o seu caráter e consolidar a sua personalidade, descansa de 2 a 4 meses. Após esse período, ou é engarrafada ou submetida ao processo de envelhecimento em recipientes de madeira.

### Tipos de madeira mais utilizados:

#### **Amburana (*Amburana Cearensis*)**

Conhecida também como cerejeira, é um ótimo exemplo de madeira daqui, pois vem do nordeste, centro-oeste e sudeste do Brasil e já é amplamente utilizada. A ca-



chaça envelhecida nos tonéis de amburana possui sabores e colorações mais intensos, sendo porém diminuídos em muito sua acidez e teor alcoólico.

#### **Carvalho (*Quercus sp*)**

O mais utilizado é o carvalho, madeira importada da Europa ou da América do Norte, que aumenta o custo do processo de envelhecimento. Esses tonéis imprimem à cachaça aromas e sabores intensos e adoçados, além de uma coloração dourada,

no caso do carvalho americano; ou âmbar, no caso do carvalho europeu. O carvalho tem capacidade de produzir cachaças que mais se assemelham a um uísque do que a uma cachaça propriamente dita.

#### **Jequitibá (*Cariniana estrellensis*)**

Encontrada do nordeste ao sul do país, o jequitibá-rosa quase não altera a coloração da cachaça, apenas diminui sua acidez, e a torna mais suave, assemelhando muito à cachaça envelhecida em tonéis de carvalho americano.

#### **Amendoim (*Pterogyne nitens Tul*)**

Madeira em extinção, tem sua retirada controlada e às vezes proibida. É considerada uma das mais nobres para o envelhecimento de cachaça. Atinge um patamar dificilmente alcançado por outras, pois consegue preservar na cachaça o sabor e aroma da cana, destacando essas virtudes e diminuindo sua acidez e seu teor alcoólico, mas sem alterar seus sabores.

#### **Cabreúva (*Mycrocarpus frondosus*)**

Conhecida também como Bálamo, a cabreúva pode ser encontrada do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. Empresta à cachaça uma coloração amarelo-esverdeado e sabores amadeirados muito carregados.

Depois de armazenadas em recipientes construídos com estes e outros tipos de madeira menos conhecidas, a cachaça adquire novas denominações, sendo elas:

#### **• Cachaça Branca (branquinha), Prata ou Tradicional**

– É a cachaça que logo após produzida, é armazenada em recipientes neutros, de madeira ou não (pode ser de aço inox), que não agregue cor à bebida.

**• Cachaça Envelhecida, Amarela ou Ouro** – É a cachaça que contém, no mínimo, 50% de cachaça nova envelhecida em

recipiente de madeira apropriado, com capacidade máxima de 700 litros, por um período não inferior a um ano.

**• Cachaça artesanal** – É produzida em engenhos, em pequenas indústrias, que na maioria das vezes são familiares. Ela é elaborada em pequena escala, em alambiques operados manualmente.

Cada “alambiqueiro” possui sua própria maneira e receita de fazer a cachaça, com tradições de família e até mesmo da região produtora. A cachaça se difere da industrial, que é produzida em destiladores de coluna e em grande escala.

**• Cachaça Adoçada** – É a que contém açúcares em quantidade superior a 6g/l e inferior a 30g/l, expressos em sacarose.



**• Cachaça Reserva Especial** – É a cachaça que possui características diferenciadas do padrão usual e normal dos produtos elaborados pelo estabelecimento, desde que devidamente comprovada em laudos técnicos a serem emitidos por laboratórios públicos ou privados reconhecidos pelo MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

A versão que vem chamando a atenção dos apreciadores de bebidas de qualidade é a cachaça premium.

Mas, afinal, que versão é essa?



• **Cachaça Premium** – A cachaça premium é definida por lei como a água ardente de cana 100% envelhecida em barril de madeira, com a capacidade de 100 a 700 litros, e pelo período mínimo de um ano.

É possível que uma cachaça premium seja produzida tanto de maneira artesanal como de maneira industrial. Também é possível encontrar cachaças artesanais que sejam consideradas apenas envelhecidas e passaram menos de um ano no barril.

• **Cachaça Extra Premium** – É a cachaça que contém 100% de cachaça envelhecida em recipiente de madeira apropriado, com capacidade máxima de 700 litros, por um período não inferior a três anos.

Para se ter em seu portfólio uma cachaça considerada premium, é necessário que se persiga as seguintes características:

• **Destilação correta** – A destilação correta feita em um alambique de cobre, garantindo assim a qualidade do produto.

• **Variedade de sabores** – Envelhecimento em barris especiais e os sabores podem ser variados. Isso porque a forma de armazenamento em madeiras permite que haja uma diferenciação no sabor da bebida.

• **Embalagens corretas** – A conservação da cachaça também influencia em sua qualidade. Conservadas em barris de carvalho e outras madeiras nobres, quando mantida a temperatura ideal da bebida, respeitam



seu sabor e cor. Conferindo ao produto uma qualidade superior e sofisticação.

• **Diversidade de preços** – Apesar de ser considerada sofisticada, a cachaça premium possui uma vasta variedade de preços. Seu preparo e armazenamento especial agrega valor ao produto, permitindo que o custo seja mais elevado que a cachaça tradicional. Para quem gosta de inovar, a cachaça premium possui várias linhas e os preços podem começar por volta de 50 reais e ultrapassar os milhares de reais!

Outra vantagem é que grandes marcas já criaram a linha premium e extra premium, com valores diversos, podendo ser acessível para todos os tipos de consumidores o que permite a degustação de uma bebida mais refinada.

Em nosso país a vantagem de termos os melhores produtores de cachaça do mundo, permite-nos acesso às bebidas de melhor



qualidade. O universo da cachaça é rico, e são tantas variedades diferentes da bebida, que as vezes é muito fácil confundir um tipo com o outro.

Uma cachaça pode encaixar-se em mais de uma categoria ao mesmo tempo. Ou seja, uma artesanal pode ser ou não premium, e uma premium pode ser artesanal ou industrial.

A degustação da cachaça exige uma certa habilidade e tempo, para que possa ser apreciada de maneira correta. Isso não é só uma técnica, mas também um ótimo e delicioso exercício.

A análise sensorial é uma técnica de avaliação onde se utiliza os sentidos. Da visão, do olfato, do paladar e até mesmo do tato.

Ao olhar para uma garrafa de cachaça é possível saber sobre a qualidade do líquido que ali está. O comportamento das bolhas, se elas estouram rapidamente, é sinal de qualidade, caso se mantiverem nas paredes



da garrafa pode ser um sinal de que a “marvada” não é das melhores. A embalagem também apresenta alguns indícios. Esses produtos devem ter garantia de qualidade assegurada, além de informações sobre o teor alcoólico.

A cor da cachaça é algo muito importante: as brancas devem ser transparentes e brilhantes, sem nenhum resíduo aparente. As envelhecidas, devem ser amareladas ou róseas, nunca amarronzadas e vermelhas, o que sugere que foram acondicionadas em toneis de madeira de baixa qualidade ou batizadas com corantes. A selagem da tampa é importante para conservação do sabor e para evitar a evaporação. A garrafa deve ser translúcida ou transparente, para que todas as características sejam analisadas.

O cheiro é importante. Ao cheirar uma dose, é possível identificar o aroma do açúcar, da fermentação e do processo de envelhecimento e armazenamento (algumas das características, que indicam a qualidade do produto).

Os aromas recebem classificações como frutados, amadeirados, florais, lácteos, cítricos ou doces, resultado do contato prolongado com a madeira dos barris de acondicionamento.

A cachaça tem uma leve oleosidade, e para comprovar isso claramente é só colocá-la para escorrer na parede de um copo, ou até mesmo molhando o dedo na bebida. Se ela escorrer como água, isso denota qualidade inferior, pois a oleosidade garante um



destilado de procedência elevada.

O sentido mais importante da análise sensorial de uma cachaça é o paladar.

Coloque uma pequena quantidade na boca e sinta-a percorrer toda a sua extensão, língua e bochecha.

Sinta cada sabor se formando e se tornando presente nas papilas gustativas.

Sorva-a lentamente, aproveitando enquanto a dose desce suave pela garganta, deixando na boca o gosto característico do destilado da cana.

Essa sinestesia permite descobrir os seus sabores. Sinta o adocicado, o ácido e o amargo nas diferentes partes da língua.

Não se apresse. Tenha calma, tranquilidade e concentração.

Por fim, engula e expire novamente. Note o sabor que ficou em sua boca. A doçura, acidez, a leve ardência e o sabor alcoólico, misturado ao sabor da madeira.

Quando uma cachaça é de qualidade, mantém as boas características por segundos. Quanto mais tempo suas notas persistirem, maior é a qualidade do produto.

Muito ainda se tem a falar e a pesquisar, mas o melhor mesmo é degustar uma boa cachaça premium. ■

*\*Gerente de Projetos / Bibliotecário*





# SÁBIO CONS DE UM ESTAD

CF (Ref) CELSO DE MELLO FRANCO

**D**o alto dos meus noventa e três anos, de uma vida bem vivida, tenho em mente a frase da filósofa judia alemã Annah Arendt, discípula do mestre, também judeu alemão, Martin Heidegger, quando escreveu: “Se você chega à terceira idade, constrói em torno de si, um universo de amigos queridos, no meio dos quais vive a sua vida. Acontece que eles começam a deixar este mundo, o que vai lhe preparando para segui-los, na sua jornada para o além.”

É exatamente como me sinto, quando vejo quantos colegas e amigos queridos que já se foram, deixando-me, alguns, sem ter com quem me aconselhar ou dialogar sobre assuntos mais complicados. Na minha atual atividade, quando passei para reserva, então a lacuna é enorme, nesta importante área para a vida urbana, a ciência do controle do trânsito. A todos, da nova geração, falta o embasamento filosófico para solução do problema, que “deve sempre anteceder à ciência”, segundo me ensinou o eminente arquiteto, professor e urbanista, Raul Penna Firme, entre tantas obras, autor do projeto da Academia Militar das Agulhas Negras, e os meus mestres alemães.

Como tive o privilégio de ter um pai, meu maior amigo, e tendo chegado, como magistrado, ao posto de Ministro do Supremo Tribunal Federal, quando seus membros não davam entrevistas, julgavam vestidos com a toga, além da capa atual, e tinham o respeito e admiração da população.

Mereceram inclusive, o pedido de uma foto do conjunto dos seus onze membros do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, que guardo cópia com orgulho e saudades.

Por causa dessa paternidade convivi com a alta cúpula da Nação e vivi os bastidores da política nacional. Não se esqueçam que, então, a capital do Brasil era o Rio de Janeiro, não o isolamento de Brasília.

Por minhas atitudes pró trabalhismo de Getúlio Vargas, grande amigo de meu pai, tive prejudicada minha carreira, no que concerne às promoções, sempre por antiguidade, numa sinalização “forte e clara”, de que meu futuro era sombrio.

Como última comissão na Marinha, encerrando minha carreira, recusei a indicação para comandar o Navio Tanque *Rasa*, lotado na Lagoa dos Patos, no que fui apoiado, embora lamentando o fato de eu haver dito que iria pedir passagem para a reserva daí a um ano e meio, pelo Diretor Geral do Pessoal, Almirante Rademaker, que me disse: “Vou lhe mandar para a Divisão de Pessoal de Reserva, na rua do Acre, e lá você morrerá tranquilo.”

Neste período, o Bangu A. C., então meu clube de coração, foi campeão. Eu, que fizera parte de sua diretoria, a pedido de seu vice-presidente Castor de Andrade, fui designado Diretor do Departamento de Árbitros da Federação Carioca de Futebol. Tive o privilégio de lançar como árbitros de primeira categoria, os iniciantes: Arnaldo Cesar Coelho e José Roberto Writte que, posteriormente, iriam brilhar na sua profissão.

Como, ainda na ativa, havia sido convocado pelo governador Negrão de Lima, solicitação negada pela Marinha, em 1966. Já na reserva, em 1967, numa solenidade nas dependências da Associação Atlética Portuguesa, encontrei-me com o Governador Negrão de Lima, que se elegera, derrotando o candidato do seu antecessor, Carlos Lacerda, por maioria absoluta. Participei-lhe que já estava disponível, na Reserva, ao que ele retrucou: “Então vamos tratar de sua nomeação para o DETRAN”. E ela viria com o apoio e indicação do PTB, já extinto pelo Ato Institucional número 2, sob a liderança da Deputada, e minha “madrinha política”, Yara Vargas, e do líder do governo do PSD, também extinto, mas o partido do Governador, Deputado Samy Jorge.

Tomei posse três meses após passar para a Reserva. Fui apoiado integralmente pelas autoridades Navais e do Exército, sendo que a opinião do meu Ministro, Almirante Rademaker, foi definitiva. Ao ser consultado pelo SNI sobre a conveniência de minha nomeação, deu esta resposta típica de seu caráter: “Pelo contrário, é de toda conveniência”.

Nos primeiros passos na minha nova vida, tive o apoio incondicional dos Almirantes Mauricio Dantas Torres, Comandante do Primeiro Distrito Naval, do Comandante Geral dos Fuzileiros Navais, Almirante Heitor Lopes de Souza, do Comandante do Primeiro Exército, General Adalberto Pereira dos Santos e do Comandante da Polícia do Exército, Coronel Mário Orelly da Siliva. Este, meu velho amigo, pelos laços comuns familiares do subúrbio de Bangu.

# ELHO ISTA

Na administração do DETRAN, contei com uma equipe impecável, tanto na competência, como na honestidade, destacando-se o engenheiro Gerardo Penna Firme, meu colega de colégio Marista, filho do mestre Raul, que se consagraria como o melhor engenheiro de tráfego do Brasil. Juntos, face ao nosso sucesso no controle do trânsito da Guanabara até hoje lembrado, atendendo às obras da Light, necessárias para atender à demanda, demagogicamente, paralisadas no governo anterior, às magníficas obras viárias e de escoramentos de encostas, realizadas pelo dinâmico Secretário de Obras, engenheiro Raimundo Paula Soares,

também ex-aluno Marista. Após deixarmos o DETRAN, constituímos uma firma de consultoria, que atuou em várias capitais do Brasil, tendo como seu *Zenith*, atuado na cidade de São Paulo, e como consultores da Ericsson do Brasil para assuntos de equipamentos de controle de semáforos, que ela iniciava a produzir. Conseguimos, em concorrência pública, derrotando a Siemens, instalar a primeira "onda verde" semaforica na W3 de Brasília.

Tudo o que aqui narrei serviu como introdução para lhes dizer que hoje, quando vejo a mediocridade que reina soberana, em vários componentes dos três escalões do Poder, federal, estadual e municipal, fico triste, e até acho graça da empáfia de algumas autoridades, cometendo o pecado venial de: "Querer se salvar sem ter merecimento." A ignorância unida à arrogância não têm competidor.

Deveriam todos atentar para o sábio conselho de um Embaixador que governou sem ódios e com uma equipe que preparou o então Estado da Guanabara para o seu desenvolvimento, integrando a Barra da Tijuca e o Recreio ao resto da cidade, como demonstrava o seu futuro, principalmente com

a extraordinária obra do alargamento da então ridícula Avenida Atlântica, incapaz de, no futuro, cumprir o seu papel de via de escoamento, "envoltória" do Bairro de Copacabana. Pena que a especulação imobiliária ilegal tenha prejudicado o plano urbanístico, para preservar a ocupação da região, encomendado ao mestre Lúcio Costa.

Dizia-nos sempre, aos seus auxiliares mais próximos, e eu tive este privilégio, o estadista Embaixador Francisco Negrão de Lima, ex-ministro da Justiça no governo Vargas, que nos governou, e neste conselho deu magnífico exemplo: **"O importante na função pública não é ser, é ter sido. Proceda de maneira que, ao deixá-la, mereça sempre o respeito, e se possível, a gratidão"**.

Foi por seguir este sábio conselho que consigo, até hoje, cinquenta anos após deixar a vida pública, ainda ser reconhecido com carinho pelos mais velhos, que me perguntam: "O senhor não é o Celso Franco?" Apenas respondo: "Fui." ■



**Ex-Diretor  
do DETRAN  
e autor deste  
artigo,  
Celso Franco**

**Francisco  
Negrão de Lima**



# O MAR E A MARINHA

**CMG (Ref) PAULO FRANCISCO SILVA LEITÃO DE SOUZA**

## A Infância e o Mar

**O** maravilhoso nascer do sol, o incansável vai e vem das ondas cobrindo as areias.

Quando menino, nosso primeiro contato com o mar se dava nas idas à praia com a família. Bons tempos em que as brincadeiras na água e na areia eram as nossas maiores preocupações.

Enquanto víamos a Barra da Tijuca ainda coberta de mato a crescer, olhávamos para o horizonte e avistávamos as distantes ilhas Tijuca, e depois ficávamos imaginando que aquela linha ao longe significava o fim, e com ele, a queda certa. Tudo isto com o olhar de admiração de um menino.

Os anos foram passando e as lembranças aumentando, numa época em que ainda morávamos na capital do país e não se ouvia falar em violência. Aos poucos o contato com o mar aumentava e passamos a nos divertir praticando vários tipos de esportes e promovendo reuniões com os amigos.

Logo, logo, os primeiros passeios de barco aconteceram. A Baía de Guanabara, o contorno na ilha do Governador, e a linda ilha de Paquetá foram marcantes e já davam uma pequena amostra de como isso faria parte importante em nossas vidas. Muito cedo a ideia de entrar para a Marinha foi se formando, incutida, é certo, em meu caso, pela vontade de minha mãe, que

achava a carreira militar linda e especial, onde, ainda jovens, poderíamos obter nossa independência. Hoje, percebo que ela já mostrava sua preocupação com os rumos que as coisas estavam tomando e com o futuro sombrio que se apresentava ao país.

E assim foi feito. Junto a centenas de candidatos, prestamos concurso, em 1967, para ingressar na Força, e formamos os aprovados, juntamente com os transferidos dos Colégios Militares e aqueles que tinham resolvido fazer o curso pela segunda vez, a turma de 1968 do Colégio Naval.

## A Juventude e a Marinha

Naquele três de março, um grupo de jovens reuniu-se no Cais da Bandeira para embarcar na belonave U-21 – Aviso *Rio das Contas*, em direção a Angra dos Reis, carregando sonhos e expectativas sobre o futuro que estava se aproximando.

A bordo daquele simples navio fizemos a viagem inicial em que nossa imaginação foi rapidamente diminuindo seu ímpeto, passando de uma aventura épica para uma mera questão de sobrevivência, tão logo cruzamos a barra.

Ao chegarmos à enseada Batista das Neves, aquele grupo procedente de várias partes do Brasil, com diferentes culturas, regionalismos, sotaques, níveis de educação e padrões de vida, se encontrou para iniciar uma Turma. Grupo que, somado

aos demais colegas que embarcaram até 1973, compuseram a Turma John Taylor, que hoje completa formidáveis cinquenta anos de história.

A Marinha nos juntou, nos preparou, nos educou com as matérias clássicas e com as coisas do mar, de modo a formar uma turma uniforme, importante para a continuidade dos trabalhos navais. Os expoentes se destacaram, mas, para a Força é melhor ter profissionais semelhantes, medianos, para que as rotinas sejam adequadamente cumpridas.

Jovens que não faziam a menor ideia da responsabilidade que estavam assumindo ao entrar para a FFAA – não sabiam o que significava ser militar. Ouso afirmar que, de fato, nem nossos parentes sabiam, exceto aqueles que tinham militares em suas famílias. “Defender a pátria com o sacrifício da própria vida”, provavelmente não estava entre os desejos de nossos pais.

Não se esqueçam de que apenas vinte anos antes o mundo assistia horrorizado a uma guerra brutal, com milhões de mortos, em que nosso país teve uma participação digna, dentro de suas possibilidades. O mundo naquele ano não estava completamente pacificado, vivíamos a guerra fria e o pavio de um novo conflito global poderia ser novamente aceso. Até hoje vivemos esse estado de incerteza.

Repito a pergunta: “Nossos pais pensaram nisso?” Porque nós, certamente não. Tínhamos sonhos, ambições, e muita vontade de viver.

Felizmente não precisamos enfrentar





nenhum conflito, e meio século depois estamos aqui, comemorando o aniversário da Turma e celebrando o fato de ainda estarmos vivos.

A partir daquele instante inicial e até o

final de Villegagnon passamos a dispor de tudo de forma organizada: saúde, educação, esportes, proteção, que aliados à nossa juventude, carregada de hormônios e de vitalidade, nos levou em frente até os dias atuais.

Nosso país vivia sob forte regime militar, mas fomos mantidos à margem do assunto, protegidos para que pudéssemos nos dedicar aos estudos e ao preparo profissional inerente à carreira. Fomos apresentados a uma rotina diária que nos acompanhou até o último dia na Ativa.

Rotina que começava com o toque de Alvorada, seguido de ginástica calistênica, refeições, Cerimonial para a Bandeira, aulas, atividades esportivas, formaturas, ordem unida, estudo obrigatório até o toque de Silêncio, que completava o dia. Tudo entremeadado com os trotes aplicados pelos “veteranos”.

Aqui começamos a forjar as novas amizades, criando e solidificando o chamado “Espírito de Turma” que nos acompanha até hoje.

Entretanto, discordo de um ponto. A Instituição nos manteve alheios ao momento conturbado por que passava nosso país, certamente para nos proteger de qualquer tentativa de desvirtuar o pensamento positivista, de direita – seja lá o que signifique isso – que nem sabíamos que tínhamos e que talvez, ainda hoje não saibamos. Fomos colocados à margem e, com o passar do tempo, isso não se mostrou uma medida acertada.



Cumprimos todos os anos de estudos com nossa alegria, preocupações e, por que não dizer, com a irresponsabilidade sadia de jovens alunos e aspirantes. Temos certeza de que nossa Turma deu muito trabalho para os oficiais. A irreverência e a informalidade são características que nos acompanham até hoje.

Como esquecermos os quiricombas aplicados a um único aluno por ocasião de seu aniversário, que era comemorado todos os dias, para desespero dele; os ataques impiedosos ao gerente Balcom Roberts às tardes, numa verdadeira caçada com as temíveis hidráulicas; as bombas de tempo criadas por nossos especialistas, deixadas em locais estratégicos exatamente como se estivéssemos preparando uma área minada no campo de batalhas e

as memoráveis partidas de futebol, onde cada time contava com vinte jogadores de cada lado, num corredor onde cabiam no máximo, seis.

Em contrapartida, desde aquela época, com elevado sentimento patriótico, já envergávamos orgulhosos, as fardas azuis com botões de âncoras douradas.

Dos 208 alunos iniciais em 1968, com as entradas e saídas nos anos seguintes, chegamos a 1973 com 140 aspirantes e, após a conclusão da Escola Naval, embarcamos numa formidável Viagem de Instrução pelo mundo afora, onde acumulamos mais aventuras e muitas recordações.

### **A vida profissional e a Marinha**

O esforço realizado pelos oficiais, professores e instrutores, e também por todas

as praças que tripulavam as duas Academias, deu resultado. Aquele grupo acabou se transformando em uma Turma coesa que cumpriu seus anos de Serviço Ativo com muita dignidade. Foram em média, trinta anos de trabalhos nos mais diversos locais e nas mais diversas organizações militares espalhadas em todo o país e exterior.

A partir do Navio-Escola e como jovens oficiais, voltamos ao mar, desta vez atravessando oceanos. Agora, ao olharmos para todas as direções só víamos água. Que visão extraordinária.

À noite não havia como distinguir a linha do horizonte. Tudo parecia igual, exceto os pontinhos de luz que avistávamos. Podíamos ver uma infinidade de estrelas, todas as noites possíveis. Estávamos cada vez mais longe de casa, vivendo uma



ocasião especial.

Ao voltarmos da viagem fomos distribuídos pelas diversas Unidades, sendo que perderíamos o contato com alguns colegas, mas não a amizade.

Naquela época, relembro, a Marinha contava com chefes poderosos e um Poder Naval dentro das possibilidades de nosso país.

À medida que o tempo passava e as promoções nos contemplavam, o mar ficava mais distante, deixando apenas as memórias daquele tempo precioso.

Cada um seguiu seu caminho e eventualmente nos encontrávamos em alguma OM ou alguma cerimônia. Essas oportunidades eram tão interessantes que parecia que o tempo não havia passado. Qualquer encontro servia para lembrarmos as

histórias e brincadeiras da época de alunos, aspirantes e Guardas-Marinha.

Um estimado Chefe Naval, Almirante de Esquadra, que tinha sido um dos nossos comandantes do Corpo de Aspirantes, com quem eu servia como CF, me chamava todos os dias pela manhã, quando sabia de algum acontecimento complicado na Marinha e me perguntava: “Paulo, quem foi o esculhambado de sua turma responsável por isto?” e eu, respondia, “Nenhum, Almirante, minha Turma é composta por oficiais excelentes, todos formados pelo senhor”. E riamos muito.

Como todas as turmas, perdemos vários amigos durante esta longa travessia. Mas eles continuaram em nossa memória como se aqui estivessem. E quem sabe não estão mesmo?

A carreira foi diferente para cada um. Comandos, direções, comissões no exterior, órgãos de decisão da Marinha e as promoções. É claro que nem todos tivemos a oportunidade de usufruir tudo isso como gostaríamos, mas mesmo assim cumprimos nossas comissões com altivez até chegar o momento do último desembarque, de encerrar todo o ciclo, de guardarmos nossas espadas para sempre.

Para aqueles que amam a Marinha, esse foi um momento muito difícil. Cada um sabe o devotamento e os sacrifícios feitos para chegarmos ao final. A jornada foi longa e algumas vezes muito cansativa.

Era chegada a hora de estarmos com a família, que tantos sacrifícios fizera para nos acompanhar, e com os bons amigos.

### A reserva e a Marinha

Hoje, somos chamados de veteranos. Mesmo que não tenhamos participado de nenhum combate, a designação parece apropriada por ser carinhosa. Representa muito bem nosso estado atual.

Agora, nosso contato com a Marinha é esporádico, limitado à solenidades e comemorações para as quais somos convidados. O tempo implacável vai seguindo e isso é parte do que conhecemos como “curso da vida”.

Entretanto, nossa turma rebelde reúne-se todos os meses e isso acontecerá até onde for possível. São sempre motivos de alegria nossos encontros. As brincadeiras, as gozações, são praticamente as mesmas de 1968, com a vantagem de não

brigarmos mais, talvez por não termos mais o necessário vigor físico para resolvermos os assuntos no braço, como alguns aqui presentes costumavam fazer.

### A Marinha e o Mar

Mais uma vez sinto-me honrado em poder me dirigir a todos. Essa distinção é motivo de justificado orgulho pessoal. É chegado o momento dos agradecimentos.

Inicialmente ao bom Deus, sempre benevolente, que tantos anos depois nos concede o privilégio de estarmos aqui nesta mesma Enseada, comemorando o nosso Jubileu de Ouro.

Agradecemos também a todos aqueles que contribuíram para que chegássemos até aqui, com as necessárias desculpas, porque seria impossível nomeá-los individualmente.

Ao Comandante do Colégio Naval, sua tripulação e o Corpo de Alunos, pela maneira atenciosa e educada com que nos receberam, proporcionando este momento inesquecível. Não se esqueça, Comandante Serafim, que a Marinha colocou sobre seus ombros uma importante missão: preparar a mão de obra, que é uma das parcelas diretamente responsáveis pela qualidade de vida de todos, e por que não dizer, pela nossa sustentabilidade econômica. O senhor e sua equipe são os condutores dos passos iniciais destes meninos, nessa trajetória. Para os alunos, razão primeira da existência da Força, deixamos um único conselho: “**Estudem**”.

Agradecemos a presença de todos os componentes da Turma, os de 1968, como também aqueles de 1967 e 1966, que por vontade própria incorporaram-se ao longo do tempo e que fazem parte indissolúvel da Turma John Taylor. As senhoras maravilhosas que emprestaram seu charme para dar um brilho todo especial a esta Cerimônia. E finalmente, agradecemos à **Marinha** e o **Mar** por todas as lições, experiências, e pelo sucesso da vida que escolhemos.

Quanto a mim, retornei à praia onde sinto as mesmas emoções da infância. Se já não pratico os esportes e as brincadeiras na areia, contento-me em ler, refletir e lembrar os anos passados.

Ergo os olhos em direção ao **Mar** e vejo: as ondas incansáveis; a distante linha do horizonte; e o maravilhoso pôr-do-sol. ■





# UMA LONGA VIAGEM

C Alte (Ref) DOMINGOS CASTELLO BRANCO\*

## Rio, março de 2018

### AIDA

O menino passava horas na parte de ré do convés do Navio Fluvial *Benjamim Guimarães*, descendo velozmente o Rio São Francisco, no período das cheias. Sua atenção se concentrava nas grandes pás da enorme roda na popa que mergulhavam nas águas do rio, em movimento contínuo, impulsionando o barco para frente.

A embarcação, oriunda do rio Mississipi, estava lotada de passageiros com destino ao Nordeste e Norte do país, evitando viajar nos navios da empresa de cabotagem (Costeira), os famosos ITAs. Até aquele mês de agosto de 1942 os submarinos alemães já haviam afundado, nas nossas costas, mais de três dezenas de navios brasileiros, de carga e de passageiros, com centenas de mortes.

O pai do menino, engenheiro, funcionário público, trabalhava no Nordeste, tentando minorar os ancestrais problemas causados pelas violentas e históricas secas. Por sua competência, ele fora transferido para Santa Catarina, a fim de atacar a urgente falta de carvão importado, causada pelo torpedeamento dos navios. A pouca gasolina e o querosene, importados em latas de vinte litros, também ficaram muito escassos.

As cidades brasileiras dependiam,

quase totalmente, de carvão para iluminação, transporte e uso de qualquer outra máquina, todas estrangeiras. Os poucos



automóveis sofreram uma adaptação para operarem com um fogareiro no traseiro, queimando carvão de madeira, para produzir gasogênio, que tocava o motor, com muita fumaça. Uma verdadeira trapizonga...

As outras fontes de energia eram o vento, a lenha, os descendentes de escravos e os quadrúpedes. Era fundamental que os trilhos chegassem às bocas das minas de nosso útil carvão, mesmo pobre em energia, por ter muita cinza. E assim foi feito.

A família nordestina do menino sofreu muito com os gelados ventos uivantes do primeiro inverno passado em Tubarão, no

Sul. Em especial a mãe, com uma asma terrível. E o menino, frágil, quase morreu com um crupe violento. O resultado foi a decisão de a família deixar Santa Catarina, porém com o pai lá permanecendo, no “esforço de guerra”.

As três meninas ficaram em um internato de freiras no Rio, apoiadas por parentas cariocas. E a mãe e o menino voltaram para o abençoado calor do Maranhão. A viagem foi “por dentro”, de trem e de ônibus, longe do mar... O trecho Rio/Pirapora foi de trem, via

Belo Horizonte. Nesse porto fluvial, a criança e a mãe embarcaram no “vapor” fluvial.

O espetáculo do salvamento de uma vaca atolada nunca mais saiu das lembranças do menino. Foram salvas três vacas durante a viagem de dez dias, percorrendo, no coração do Brasil, 1.370 km pelo rio São Francisco abaixo, entre Pirapora, em Minas Gerais, e Juazeiro, em Pernambuco.

A primeira faina ocorrera perto de Bom Jesus da Lapa, onde há uma famosa gruta de



milagres. O rio subira muito. A vaca, distante da margem, tinha água até o meio da barriga e mugia tristemente, já perdendo as forças.

O navio se aproximou aprouado à correnteza, arriou um bote com dois marinheiros, que bem amarraram o animal ao chicote (ponta) de um cabo (corda) de bom calibre (grossura). A outra ponta foi levada até a margem, onde fez retorno em uma árvore encorpada e veio até a bordo, onde foi amarrada em um cabeço no convés.

Tudo pronto, o navio deu à ré (andou para trás), puxando a vaca para a margem, orientada pelos homens do bote. Em pouco tempo o bicho pisou em terra firme e os marinheiros desfizeram o nó do chicote do cabo que a amarrava. A vaca, livre, saiu correndo, sem agradecer. Isso foi possível, porque os profissionais haviam dado um nó, chamado “lais de guia”, que tem a qualidade de se soltar sozinho, à distância. Boa marinheira... Boa sugestão para casos complicados...

Depois de outras duas vacas desatoladas e centenas de quilômetros de navegação, houve uma parada para “fazer lenha”, na pequena vila com o curioso nome de Pilão Arcado. Algum tempo depois, o “gaiola” chegou a Juazeiro, na fronteira da Bahia

A mãe e o menino atravessaram o São Francisco em um bote à vela, chegando à Petrolina – a cidade na outra margem do rio. Lá, embarcaram em um trem para Paulista, no Sul do Piauí, onde chegaram no mesmo dia. Contudo, as coisas se complicaram ali. O último arremedo de ônibus – um caminhão com bancos e cobertura de lona – quebrara por falta de peças. A única solução para chegar a Teresina era um caminhão sem lona, com sacos de sal e tudo mais que se possa imaginar.

A mãe e outra mulher, com um neném, foram na boleia, ao lado do motorista e

dono do carro, um italiano perdido, chamado Orfila, que falava sem parar. O menino ganhou um grande chapéu de palha e ficou na parte da frente da carroceria, sentado em um saco de sal, acompanhado por mais de uma dúzia de caboclos, homens, mulheres e crianças. Destoando, havia um senhor grisalho, engravatado em um terno de caroá impecável, com relógio de algibeira e chapéu elegante. Todos torrando ao sol e comendo poeira, sem uma gota de chuva.

Até Teresina, foram três dias desbravando centenas de km de caatinga, por um arremedo de estrada, através de riachos secos, com paradas para esticar as pernas, aliviar a bexiga, ou beber água em uma cacimba, na sombra de algumas árvores.

As duas dormidas ocorreram em pensões de lugarejos, nas redes que se levava ou alugava, após uma comida frugal na mesa da varanda. As partidas, nas madrugadas seguintes, nos primeiros cantos dos galos, foram anunciadas pelo senhor do terno de caroá, que dizia a hora, em voz alta, olhando em seu relógio de algibeira.

Após dois dias em Teresina, na casa de parentes, a mãe e o menino subiram em outro caminhão, com bancos e teto. Nele, percorreram, por algumas horas, uma estrada paralela ao rio Parnaíba, em demanda da fazenda de Santa Cruz, do outro lado. Para tanto, tiveram de atravessar o rio em canoa, onde havia uma pequena vila, chamada Pouca Vergonha, por abrigar uma renomada “Casa de Mulheres” da região.

Avisado por telegrama recebido no Brejo – município vizinho da fazenda – um tio estava esperando a irmã, acompanhado por caboclos, “agregados”, em várias montarias. Dentre elas a Mimosa, égua preferida da mãe, exímia amazona. O menino, que nunca havia montado, foi na garupa do tio. O percurso, por trilhas, até a Santa Cruz era longo, e lá chegaram ao entardecer.

O menino descobriu outro mundo e se adaptou logo à vida na fazenda. Em pouco tempo, passou a andar sem camisa e descalço, cultivando

“bicho do pé”. Como neto mais velho e com o nome do coronel, era tratado por Sinhozinho. Também ganhou um guardião que o acompanhava fora da casa grande. Era um jovem negro, o Gambá.

Juntos com eles, se formara um grupo de moleques que passavam o dia explorando todos os recantos da bela e organizada fazenda, sede dos negócios do avô, que incluíam mais cinco outras, ao longo do rio.

Educado na Europa, no final do século XIX, ao vir de lá, ele libertara os escravos, cuja quase totalidade permanecia na fazenda. Seu pai, o bisavô, lutara na Guerra do Paraguai, comandando uma centena de voluntários de suas terras. Razão para ser condecorado pelo Imperador.

O menino também gostava de ver o funcionamento do engenho, montado pelo avô, em três níveis, no declive ao lado da “casa dos brancos”, situada no topo de um morro baixo, a certa distância do riacho.

Os modernos equipamentos, importados da Inglaterra, foram desembarcados do navio inglês da Booth Line, no porto de Parnaíba.

De lá, subiram o rio em barcas rebocadas, e foram descarregados em um trapiche junto a uma clareira, a mais próxima possível da fazenda. O trecho seguinte fora percorrido por trilhas desmatadas, em carros puxados por duas juntas de bois cada. Uma espetacular epopeia cabocla...

As atividades comerciais das fazendas do coronel eram múltiplas. Por isso, ele educara os muitos filhos em engenharia, agronomia, medicina, advocacia e professorado primário. Para gerenciamento, ele contratava cearenses, refugiados das secas, que “sabiam escrever e fazer contas”. A mão de obra bruta, masculina e feminina, incluía descendentes de escravos, negros analfabetos... *Casa Grande e Senzala*, pura...

O menino foi “adotado” pelo tio, engenheiro civil, que o recebera na chegada. Ele era o “gerente geral” do avô e passou a levar o sobrinho em suas múltiplas atividades, explicando-lhe os fatos, razões e conseqüências deles. Assim, em pouco tempo, a criança curiosa acumulou um bom conhecimento do que ocorria na fazenda.



Além disso, o tio acompanhava a evolução da II Guerra Mundial, em um rádio primitivo ligado na bateria da camioneta da fazenda. A estação era a BBC de Londres, em Português, diariamente, ao anoitecer. Isso era ouvido pelos dois, com um mapa-múndi e outro da Europa na mão, o que auxiliava bastante a entenderem a evolução daquela barbárie.

Quando acontecia um evento mais importante – como o desembarque anfíbio dos Aliados na Normandia, ou a explosão atômica em Hiroshima – o tio se



entusiasmava e tocava o sino da “varanda de fora” do casarão. Esse procedimento era para chamar os moradores da fazenda até a “casa dos brancos”, a fim de tratar de assuntos importantes.

Com isso, se reunia um grupo masculino de certo porte que ouvia, atentamente, as notícias que o “doutor” dava da Grande Guerra. Poucos entendiam direito o que tinham ouvido, mas a conversa se esticava noite adentro. E na loja da fazenda, nos dias seguintes. Era importante..

O menino ficou três anos na fazenda. Nesse período, centrado no casarão, no engenho, na loja e no riacho, conheceu bem todos seus recantos e atividades. Via, atento, no galpão superior do engenho, uma caldeira queimando bagaço de cana para tocar a máquina a vapor (locomóvel) que fazia girar, no galpão do meio, a enorme moenda na produção da garapa do açúcar. Daí, fervendo em enormes tachos de cobre, surgiam os tijolos de rapadura, o açúcar mascavo e até o açúcar branco, refinado em uma turbina veloz.

Além disso, havia um “puxado” no casarão, com dois belos alambiques destilando pacientemente uma cachaça de renome na região. Armazenada ali mesmo, em barriletes de madeira de lei, era vendida

na região, em garrafas importadas, com o nome Castello, gravado.

Em outro período do ano, era a vez da “farinhada”. A mandioca substituíra a cana e, por um processo similar no engenho, se transformava em farinhas de diversas qualidades, para múltiplos usos deliciosos. Inexistia trigo no cardápio. Era desnecessário...

Além dessas atividades, a fazenda, em um solo abençoado, mantinha vigorosa atividade agrícola, incluindo milho, feijão, arroz, verduras, frutas, além de criação de gado, porcos, equinos, aves... Também, se dedicava à exploração extrativa abrangendo açaí, castanhas diversas, buriti... E, em especial, desenvolveu a exploração de cera de carnaúba, de grande valor para exportação, agregado em forma de pratos...

O menino também mergulhou nesse universo, do qual tem memórias vivas e insubstituíveis. Tal como quando, vestido em um gibão de couro e chapéu de vaqueiro, montou, sozinho, em um jericó, com sela especial,

acompanhando o tio e os homens na subida para a chapada.

Esse deslocamento durava uma semana. Ele ocorria uma vez por ano, quando era levado o gado de corte, engordado no ponto certo, a fim de embarcar no trem para o abate em Fortaleza. A comida dos vaqueiros era paçoca de carne de pilão com rapadura, levada em um “surrão” (bolsa) pendurado na sela. Dormia-se em redes armadas nas árvores...

A Guerra amaldiçoada acabou na Europa, com a conquista de Berlim e morte de Hitler, em 30 de abril de 1945. Seu fim, no extremo Oriente, ocorreu com a rendição do Japão, em 1 de setembro de 1945, sob o impacto de duas explosões nucleares.

Ambos os eventos foram celebrados em festas no pátio em frente da “varanda de fora”, com os moradores atendendo aos chamados pelo bater do sino. Vararam as noites com música, dança, pinga e até foguetório...

## A VOLTA

O menino precisava voltar para o Rio de Janeiro, para estudar. A mãe e o pai tinham regressado antes, a fim de reunir a família. Na verdade, as aulas para a molecada, da tia solteirona, na “varanda de fora” do casarão, eram irregulares e careciam de

material didático.

De qualquer maneira, o menino tinha aprendido a ler e fazer contas ainda em Santa Catarina, em um ótimo jardim de infância. Daí, ele passou a devorar qualquer texto que caía em suas mãos, incluindo revistas e jornais, recebidos com grande atraso na fazenda. Também havia livros em francês, inglês e português, e catálogos de produtos remetidos, anualmente, por fornecedores de Londres e de Paris.

Decisão tomada, ele se despediu daquele mundo maravilhoso que tanto o marcara e foi levado até Teresina pelo tio querido. Lá, na segunda madrugada, saiu da casa dos parentes para o aeroporto, só com a roupa nova e sapatos lhe apertando os pés desacostumados.

Entusiasmado, ele se aproximou do avião que iria levá-lo até o Rio de Janeiro. Era um trimotor, em cuja escada o esperava, com um sorriso, uma linda aeromoça loura e perfumada. Ela lhe deu um beijo na bochecha e o fez sentar-se em uma janela da direita, bem na frente. Ele já conhecia aquele perfume desde Santa Catarina...

O estranho avião, com motores no focinho e nas asas, era alemão, nomeado Junker 52, muito usado no transporte de militares alemães durante a Guerra. Ele pertencia à Cruzeiro do Sul, empresa brasileira derivada da alemã Sindicato Condor, que operava no Brasil desde os anos 30. Sua capacidade era de 17 passageiros e 3 tripulantes

O primeiro trecho da viagem foi Teresina – Bom Jesus da Lapa, na Bahia, nas margens do São Francisco, onde o menino e a mãe tinham estado no “gaiola”, anos antes, na vinda para o Maranhão. Foi um vôo tranquilo de quase cinco horas. O menino passou as primeiras horas atento a tudo, porém, cansado, “apagou” na hora final.

A parada em Bom Jesus era para





reabastecimento do avião, descanso da tripulação e almoço na pensão próxima ao aeroporto. O trecho até o Rio durou mais ou menos o mesmo. Porém, com a grande diferença de que o avião corcoveou como um cavalo bravo, por voar em baixa altitude, na atmosfera agitada pelo calor da tarde. Ele enjoou todo o almoço, em sacos de papel que a aeromoça lhe dava, penalizada.

O avião desceu em um Santos Dumont pré-histórico. O menino ganhou uma colorida caixa de papelão da empresa, com uma miniatura do avião, uma revista sobre aviação e chicletes, biscoitos e garrafinhas de suco. A bela aeromoça o levou até o pai, esperando junto ao prédio do aeroporto.

Naquela noite, a família ficou completa, em uma casa alugada na Tijuca.

Alguns meses depois, o menino e a irmã do meio foram ao centro da cidade, no bonde 12-Tijuca, para ver a chegada da FEB – Força Expedicionária Brasileira, vitoriosa nas lutas na Itália. A avenida Rio Branco estava toda engalanada para receber os heróis.

A dupla de irmãos se uniu à multidão na calçada, na altura do Clube Naval, perto do ponto final do bonde, no Largo da Carioca. Ali, juntinhos, eles assistiram ao desfile dos militares, em seus uniformes de campanha, marchando ao som de bandas de música, cantos vibrantes, e um grande foguetório.

Alguns deles, feridos, tinham dificuldade para marchar... As pessoas se abraçavam e choravam... Havia muita emoção...

O menino viu aquilo tudo boquiaberto e não sentiu o tempo passar. De repente, o desfile acabou e as pessoas começaram a ir embora. Ele se lembrou da irmã e constatou que ela tinha sumido... Procurou, procurou, e nada. Teve vontade de chorar, mas seguiu... E agora?... Como voltar para casa?... Sem dinheiro para o bonde...

Ele se deu conta de estar na esquina onde fica o Clube Naval. Os porteiros varriam a calçada... O menino se lembrou que conhecera um tio, oficial de Marinha, que vivia falando sobre o Clube. Daí, não teve mais dúvida e se dirigiu a um dos funcionários...

Em poucos minutos, o menino foi levado a um sócio que morava em um dos camarotes do sétimo andar do Clube. O oficial, pacientemente, ouviu a história toda e queria ligar para a casa do garoto, porém ele não sabia o número do telefone. Em seguida, foram procurar a irmã nas redondezas do Clube. Sem sucesso...

O sócio queria levá-lo até sua casa, na Tijuca. Mas ele insistiu em voltar de bonde, desde que lhe fosse “emprestado” o dinheiro da passagem. Foi o que aconteceu.

Com dinheiro no bolso, bateu a fome e o menino fez uma conta. Dava para pagar o bonde e comer um sanduíche, regado com

um copo de caldo de cana, conforme o cartaz de um botequim próximo. Não hesitou, e pouco depois estava no bonde, voltando para casa, de barriga cheia. E, encantado com a beleza dos interiores do Clube Naval e do tratamento gentil recebido, estava resolvido a entrar para a Marinha.

Passada meia hora, ele desceu do bonde no ponto, a dois quarteirões de casa. Estava correndo pela calçada, quando, ao dobrar a última esquina, esbarrou no pai, esbaforido, indo a uma delegacia para tentar encontrá-lo. O menino nunca esqueceu o abraço apertado que o pai lhe deu. E houve uma choradeira geral quando chegou em casa, principalmente da mãe e da assustada irmãzinha que o havia perdido...

## P.S.

**I** – O Almirante assistia, na companhia de um filho, o ótimo filme intitulado “Operação Valquíria”, de 2007, sobre uma tentativa de assassinato de Hitler, em julho de 1944, que quase deu certo. O protagonista, coronel Stauffenberg, havia preparado uma pasta com a carga explosiva e a levava para uma reunião do Führer com seus generais, em um abrigo nas montanhas centrais da Alemanha. A cena mostrava o coronel chegando a um aeroporto, de onde voaria para lá.

**II** – O Almirante quase caiu da cadeira ao ver o avião em que o coronel embarcava. Era um trimotor igualzinho ao que ele havia voado para o Rio, fazia mais de sessenta anos. E voou de verdade no filme.

O menino foi dentro, de carona. Emocionado, com um nó na garganta, revendo todos os detalhes da aeronave. Só faltou a bela aeromoça...

**III** – “Avião da Segunda Guerra cai nos Alpes”

A notícia, de 8/8/2018, diz: “A aeronave, um trimotor Junkers JU52, fabricado em 1939, se chocou contra a face oeste do pico de Piz de Segnas... Não houve sobreviventes entre os dezessete passageiros e três membros da tripulação... Três unidades do JU52 foram utilizados pela Força Aérea da Suíça por mais de 40 anos e, na ocasião do encerramento das operações, uma campanha nacional arrecadou 600 mil francos suíços que financiaram a restauração dos aviões para uso civil.”

Esse avião operava rotas turísticas para a empresa JU-Air, desde 1982... Era mais um dentre o incrível total de exatas 4.845 unidades fabricadas nas décadas de 1930/1940/1950, na guerra e na paz, na Alemanha, Espanha e França.

Saudade... ■

\*domingos860@gmail.com





# DEVEMOS TEMER O RETORNO DA PESTE BUBÔNICA?



CAMILLA LOUREIRO BORGES

1º Ten (RM2-S) SHANA PRISCILA COUTINHO BARROSO

**E**m janeiro de 2019, foi noticiado um possível caso de peste bubônica no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Contudo, após novos teste laboratoriais chegou-se à conclusão que não havia sido um caso da peste.

No Brasil, a peste está restrita a algumas áreas serranas ou de planaltos. Os principais focos se localizam no município de Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro, e em certas regiões de estados do Nordeste, como Bahia, Ceará e Paraíba, sendo geralmente associado ao cultivo e armazenagem de grãos.

Nessas localidades existem fatores que propiciam o crescimento da bactéria, aliados a presença dos roedores, que auxiliam na propagação da doença. Contudo, para que a transmissão ocorra, é necessário que haja contato direto com ratos e pulgas infectadas. Isso explica o motivo pelo qual, mesmo com a ocorrência de focos naturais, não há registros recentes de casos. Segundo o Ministério da Saúde Brasileiro, o último

caso confirmado ocorreu em 2005 no estado do Ceará.

## Mas o que é a Peste Bubônica?

A peste é uma doença grave causada por uma bactéria denominada *Yersinia pestis*. Devido a um dos sinais da doença ser o escurecimento da pele, ela também é conhecida como peste negra. Ao longo da história, milhares de pessoas vieram a óbito pela peste, devido a condições de vida insalubres e a inexistência de antibióticos.

A doença pode se manifestar sob três formas: a bubônica, a pneumônica e a septicêmica.

A peste bubônica é a manifestação mais comum. O indivíduo apresenta inicialmente calafrios e febre alta. Após cerca de três dias ocorre o aparecimento do sintoma característico da peste bubônica que são os bubões pestosos.

Os chamados bubões pestosos são o resultado do aumento do tamanho dos linfonodos em resposta à bactéria. Linfonodos – também chamados de ínguas – são





pequenos gânglios que estão distribuídos pelo corpo e participam do sistema imune.

A peste pneumônica é a forma mais grave e mais perigosa da doença. Isto porque sua transmissão ocorre pelo ar e a evolução da doença é rápida. Os pacientes infectados tendem a apresentar dor no tórax, respiração curta, vômitos, arritmia e cianose. Sem o tratamento adequado, o indivíduo costuma apresentar delírios, entrar em coma e vir a óbito.

Já a peste septicêmica é a forma mais rara. É caracterizada pela presença permanente da bactéria no sangue e comumente ocorre em doentes que contraíram peste bubônica, e que não fizeram o tratamento. O doente pode apresentar graves sintomas, como: hemorragias cutâneas, febre muito alta e, também, hipotensão arterial.

### Formas de transmissão e sintomas

A transmissão da peste ocorre principalmente através da picada de pulgas infectadas. Sendo os roedores (ratos e camundongos, em áreas urbanas) os

principais reservatórios da doença.

Outras formas de contágio são: contato direto com tecidos de animais infectados – o que pode ocorrer na prática de caça esportiva – e por inalação.

A transmissão por pulgas infectadas é a mais comum em grandes cidades, principalmente em locais com baixo nível socioeconômico e ausência de saneamento básico. Nesse caso, uma pulga pica um rato infectado e contamina-se, então, ao picar um ser humano, o mesmo também é contaminado.

Atualmente, a maioria dos casos de peste bubônica acontece na África, sendo dois países endêmicos no continente: a República Democrática do Congo e Madagascar.

Após ser picado por uma pulga infectada, o indivíduo apresentará sintomas dentro de uma semana. Cerca de três dias após a infecção ocorrer o indivíduo poderá apresentar: febre alta, calafrios, dor de cabeça intensa, dores generalizadas, abatimento, vômitos e bubões pestosos.

### Diagnóstico

Os sintomas iniciais são similares aos

de muitas outras doenças, sendo assim a suspeita da peste pode não ser imediata. Para confirmar a suspeita é necessária a realização de um teste laboratorial que podem ser: o isolamento e identificação da bactéria, pesquisa de anticorpos ou mais recentemente por método molecular. Para realização desses testes é necessário a coleta de amostras do paciente que pode ser: sangue, escarro ou material de punção do bubão.

Caso a peste bubônica não seja rapidamente diagnosticada e tratada, pode evoluir para as formas pneumônica ou septicêmica.

### Tratamento

Atualmente, o tratamento é eficiente e pode ser feito com antibióticos durante alguns dias no hospital. De acordo com o Ministério da Saúde, o ideal é que o tratamento comece antes mesmo da confirmação por exames laboratoriais, diminuindo assim a possibilidade de complicações.

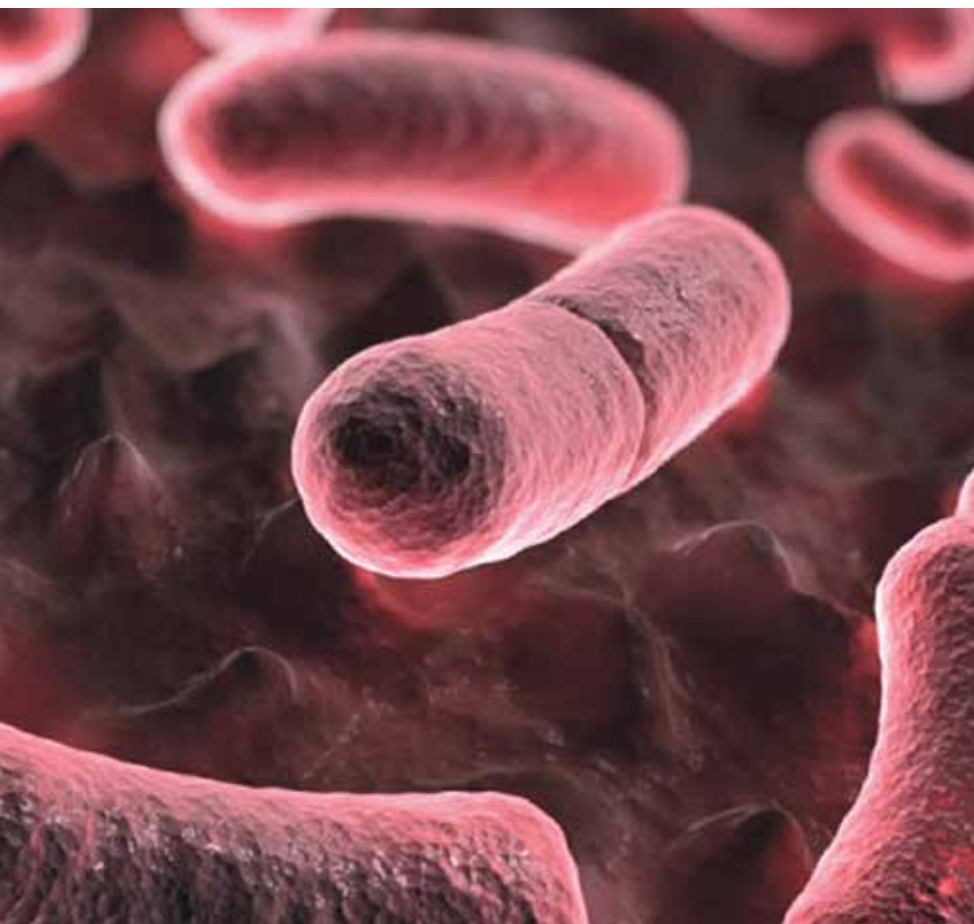
Se o tratamento da peste bubônica não for realizado precocemente, os sintomas podem ser agravados incluindo problemas cardiovasculares, e a morte que pode ocorrer no período de uma semana. A letalidade varia de 60% a 95%. O tratamento com antibióticos reduz a letalidade em 95%, levando a uma rápida melhora dos sintomas.

### Prevenção

A prevenção é feita com medidas simples e de baixo custo. Recomenda-se que a pessoa evite ter interação com animais silvestres de pequeno porte, principalmente roedores, para evitar ser picado por suas pulgas. É importante utilizar repelentes, de forma a evitar picadas. Além disso, deve-se manter distância de animais mortos e preferencialmente não acampar próximo a tocas de roedores. Atualmente, não há vacina sendo utilizada.

### Então, devemos temer o retorno da peste?

Certamente, deve-se temer a peste, visto que é uma doença com potencial perigo de retorno. No Brasil, historicamente, vem sendo registrados casos. Contudo, é notável que no país tenham sido adotadas medidas para reduzir os riscos da ocorrência da peste negra e, também, instituíram-se políticas para os atendimentos dos possíveis casos. Assim, o país encontra-se livre de epidemias de peste bubônica há anos. ■





# UM LAR CHAMADO CLUBE NAVAL

FATIMA PIÑEIRO

**O** homem seguindo a sua essência, por natureza, desenvolve a necessidade de associar-se, de agrupar-se e de viver em comunidade.

Nesse espírito de associação, nasceu, sob o Comando do Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama, em 1884, a Instituição Clube Naval. Criada por um grupo de amigos, sua finalidade sempre foi a de promover o convívio social, esportivo e cultural. Tal missão vem sendo desempenhada com primazia desde sua fundação.

Sua arquitetura, seus acervos de obras-primas e literário espelham a sua importância na construção da história e fez com que sua Sede Social se tornasse parte do Patrimônio desta cidade. Digna de uma beleza ímpar, infelizmente, às vezes, nossos olhos se acostumam e deixam de visualizar toda a riqueza e elegância que o local traduz. Contudo, apesar do passar dos anos, a lembrança da primeira visita, o fascínio e a emoção que a exuberância do local nos causou é algo inesquecível na memória. Sua beleza e altivez nos encantam de tal forma que logo somos tomados por uma paixão sem precedentes.

Expressar em poucas palavras aquilo que sentimos sobre este local que, humildemente, consideramos uma extensão da Marinha do Brasil, pois carregamos todos os princípios e absorvemos a cultura que molda a vida no Clube em todos os aspectos, é algo que honra a todos nós funcionários.

O Clube Naval é uma referência de trabalho onde destacam-se a ética e o comprometimento, além de tratar-se de um

ambiente afável e aconchegante. Ousamos dizer que, muito além de uma agremiação, torna-se um verdadeiro lar àqueles que o integram e frequentam.

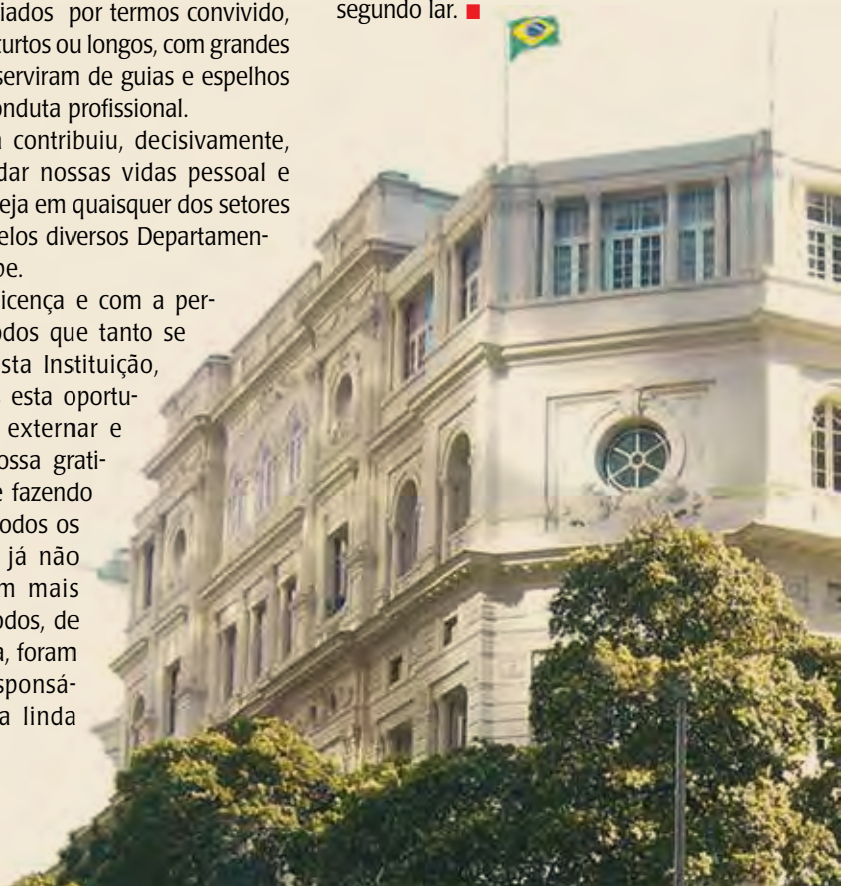
Por aqui, passaram muitas autoridades que, num trabalho voluntário, dedicaram-se à construção desta Instituição. Cada um, ao seu modo, deixou muito mais que apenas a disponibilidade do seu tempo; deixaram parte de suas experiências, conhecimentos e sabedoria. E, embora se destacassem como grandes autoridades, nunca se negaram a compartilhar e conduzir-nos para o aperfeiçoamento de nossas funções. Fomos agraciados por termos convivido, por períodos curtos ou longos, com grandes mestres que serviram de guias e espelhos para nossa conduta profissional.

Esta Casa contribuiu, decisivamente, para consolidar nossas vidas pessoal e profissional, seja em quaisquer dos setores espalhados pelos diversos Departamentos deste Clube.

Pedindo licença e com a permissão de todos que tanto se dedicam a esta Instituição, aproveitamos esta oportunidade para externar e expressar a nossa gratidão, inclusive fazendo referência a todos os colegas que já não se encontram mais entre nós. Todos, de alguma forma, foram partes corresponsáveis por essa linda construção.

Gratidão e orgulho são sentimentos que traduzem o nosso dia a dia. Não há como não agradecer por todos os ensinamentos vividos; pelas oportunidades concedidas; pelos exemplos recebidos; por tantas batalhas e desafios superados; pelas amizades verdadeiras aqui conquistadas. Então, primeiramente, a gratidão por um dia termos sido aceitos a integrar essa grande equipe, e podermos contribuir, de forma humilde e singela, mas incondicional para o seu funcionamento. E, por fim, o orgulho por tudo que este Clube representa, pela forma respeitosa e honrosa que trata a todos os seus associados, dependentes e colaboradores. Orgulhamo-nos imensamente e somos muito felizes por integrarmos essa grande família.

É muito comum ouvirmos as expressões “emprego” e “trabalho” serem utilizadas como sinônimos, todavia o vernáculo nos ensina que emprego é um trabalho contínuo que lhe oferece uma remuneração; enquanto que o trabalho é a atividade desempenhada para um determinado fim. Nesse contexto, percebo o quão afortunados nós fomos por termos conseguido um emprego no qual desempenhamos um trabalho que nos é fonte de alegrias e realizações. Se há alguma fórmula para isso? Não saberíamos responder com exatidão mas, creio que, a dedicação, o entusiasmo e o amor incondicional buscando melhorias e o constante crescimento desta Casa, fazem daqui o nosso segundo lar. ■



# 7 de março Fuzileiros Navais



Foto: Marinha do Brasil

**Paixão aliada à vocação.**  
***“Adsumus!”***

O Clube Naval parabeniza a todos os fuzileiros navais por esta importante profissão, que há 211 anos tem a missão de proteger a pátria e os cidadãos brasileiros.

*curiosidade sobre o*

**Estatuto do**

**IDOSO**

---

***Lei nº 13.466/2017 garante a idosos maiores de 80 anos prioridade especial com relação aos demais idosos.***

---

Art. 1º Esta Lei altera os arts. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, a fim de estabelecer a prioridade especial das pessoas maiores de oitenta anos.

Art. 2º C art. 3º da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, passa a vigorar acrescido do seguinte § 2º, renumerando-se o atual parágrafo único para § 1º:

“Art. 3º ...

1º ...

***2º Dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos.”***

Art. 3º O art. 15 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, passa a vigorar acrescido do seguinte § 7º:

“ Art. 15 ...

...

***7º Em todo atendimento de saúde, os maiores de oitenta anos terão preferência especial sobre os demais idosos, exceto em caso de emergência.”***

Art. 4º C art. 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, passa a vigorar acrescido do seguinte § 5º:

“Art. 71 ...

...

***5º Dentre os processos de idosos, dar-se-á prioridade especial aos maiores de oitenta anos.”***

